

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO EM HISTÓRIA

Francisca das Chagas Sobrinho Monteiro

**MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: DO SONHO À
REALIDADE (1980-2010)**

GOIÂNIA

2014

FRANCISCA DAS CHAGAS SOBRINHO MONTEIRO

**MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: DO SONHO À
REALIDADE (1980-2010)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, curso de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Universidade Católica de Goiás.

Área de concentração: Cultura e Poder.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deusa Maria Rodrigues Boaventura.

GOIÂNIA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Monteiro, Francisca das Chagas Sobrinho, 1971.

Migração Nordestina Para Águas Lindas de Goiás: do Sonho a Realidade (1980-2010) / Monteiro, Francisca das Chagas Sobrinho. 2014.


Orientador: Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura.

Dissertação de Mestrado em História - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

1. Migração Nordestina Para Águas Lindas de Goiás: do Sonho a Realidade (1980-2010). 2. Dissertação. 3. Monteiro, Francisca das Chagas Sobrinho. 4. 2014. 5. 134 folhas. 6. Águas Lindas de Goiás, Migração, Nordestinos, História.

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
26 (VINTE E SEIS) DE AGOSTO DE 2014 (DOIS MIL E
QUATORZE) E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA.


1) Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura / (Presidente) PUC Goiás



2) Dra. Heliane Prudente Nunes / (Membro) ALFA



3) Dra. Albertina Vicentini / (Membro) PUC Goiás



Às vezes até queremos fazer a história dos outros, mas a escolha do tema, a organização do projeto e a condição das entrevistas demonstram que estamos sempre fazendo também nossa própria história

Figgot, Rubemy

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram envolvidas, durante o período de realização deste estudo; por isso, impossível nominar todas, mas não posso deixar de registrar as que participaram diretamente do processo de construção desta dissertação. Em primeiro lugar, minha homenagem e reconhecimento aos professores do Mestrado em Educação que tiveram um papel significativo na minha formação, especialmente à orientadora Prof. Dr^a. Deusa Maria Rodrigues Boaventura, arquiteta que acredita na possibilidade de novos olhares a respeito da formação histórica da cidade, de seus construtores e da cultura, pela confiança, incentivo, segurança nas intervenções e, acima de tudo, pelo respeito ao meu tempo e ritmo de aprendizagem.

À Banca Examinadora nas pessoas da Prof^a. Dr^a. Albertina Vicentini Assumpção, intelectual dedicada aos estudos da Literatura, pelas contribuições que possibilitaram compreender melhor a riqueza cultural da sociedade e a Prof^a. Dr^a Heliane Prudente Nunes, intelectual com vasta acuidade em relação às questões migratórias, que muito contribuiu para a reflexão a respeito das razões que motivam os movimentos migratórios.

A Marcos Rodrigues Monteiro, marido e companheiro, que venceu comigo essa importante etapa de formação pessoal e profissional, demonstrando paciência, incentivo, orientação e carinho. Devo a ele muitas aprendizagens importantes, sendo que as mais significativas se referem à ideia de que, para aprender, é necessário disciplina, esforço, dedicação, paciência e, principalmente, compromisso com o que se propõe a fazer para que tanto esforço e renúncia tenham valido a pena.

Aos meus filhos Marcos Júnior e Júlia Maira pela (in)compreensão nos intermináveis momentos de ausência.

Aos meus pais e irmãos que, mesmo distantes, se fizeram presentes, apoiando, incentivando e acreditando que mais esse desafio seria vencido.

Aos colegas do Mestrado em História, em especial aos amigos Elio Gomes Pereira, Neide Rodrigues, pela amizade, incentivo, troca de informações e opiniões, discussões e sugestões que muito contribuíram para a reflexão e o resultado deste estudo.

A todos os entrevistados pela atenção dispensada, pelo esforço para se lembrar e falar de seus saberes, angústias e desejos, pois só assim foi possível registrar uma grande quantidade de material, rico em informações, estudo e aprendizagem.

Às prof^{as}. gestoras Nelma Duarte e Quezia Fernandes pela compreensão quando necessitava ausentar-me para assistir aulas ou para participar de congressos.

Às bibliotecárias da Biblioteca Municipal Cora Coralina pela atenção, paciência e auxílio nas pesquisas a jornais, revistas, livros e outros impressos que tratam da história de Águas Lindas de Goiás.

Aos amigos e colegas do Colégio Estadual Águas Lindas (CEAL) e da Escola Municipal Érika Flávia que acreditaram e incentivaram minha saída para o Mestrado em História.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	20
1. DISTRITO FEDERAL E ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: UMA HISTÓRIA QUE SE ENTRELAÇA....	20
1.1. De Parque da Barragem a Águas Lindas de Goiás.....	29
1.2. Fragmentos de Memória que lembram o processo de construção de Águas Lindas de Goiás.....	38
1.3. O Plebiscito e a Emancipação.	47
1.4. Situando Águas Lindas de Goiás	48
CAPÍTULO 2	51
2. MIGRAÇÕES PARA ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS ENTRE OS ANOS DE 1980 E 2010: CAUSAS E CARACTERÍSTICAS.	51
2.1. Contexto histórico das migrações dirigidas para Águas Lindas de Goiás.....	55
2.1.1. Ocupação realizada pelos pioneiros (década de 1980).	57
2.1.2. Migração motivada pela aquisição da casa própria ou de aluguéis mais acessíveis.....	61
2.1.3. Migração motivada por Qualificação Profissional.....	72
CAPÍTULO 3	83
3. ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: ESPAÇO DE ENCONTRO E DESENCONTRO.....	83
3.1. As Formas de Sociabilidades: o Trabalho e o Lazer.	86
3.2. Modificações nas Tradições Culturais.....	110
3.3. A Migração de Retorno	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

RESUMO

A presente pesquisa visa reconstituir a história de Águas Lindas de Goiás através das vozes de seus construtores, de suas perspectivas de crescimento populacional e de desenvolvimento econômico, bem como dos anseios e ações políticas e sociais dos atores históricos representados por moradores ou não, que atuam como protagonistas desde o processo inicial de formação, passando pela emancipação até a contemporaneidade local. Um olhar sobre esta perspectiva contribui para compreender como está ocorrendo a formação e organização dos espaços públicos e privados, sua apropriação principalmente em decorrência do intenso fluxo migratório formado em sua maioria por nordestinos e/ou descendentes destes que têm se destinado a este município, especialmente a partir da década de 1990. O intenso processo migratório é acompanhado de duas consequências bem visíveis: o aumento no índice dos diversos tipos de violência e uma miscigenação cultural, resultante do convívio desses nordestinos com goianos, mineiros, gaúchos, cariocas, paulistas e outros. Embora este processo não seja exclusividade deste município, pois ocorre em todo o território nacional, para Águas Lindas, representa uma peculiaridade, por ser uma cidade nova em termos de emancipação, não tendo, pois, consolidado ainda uma cultura própria. Desta forma, a cultura local começa a formar-se desses diversos fragmentos culturais, apresentando, todavia, forte predominância da cultura nordestina que, neste contexto, se sobrepõe às demais em decorrência do grande contingente de pessoas dessa região que habitam na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Águas Lindas de Goiás, Migração, Nordestinos, História.

ABSTRACT

This research aims to reconstruct the history of Águas Lindas de Goiás through the voices of its builders, its prospects for population growth and economic development, as well as the political and social aspirations and actions of historical actors represented by locals or not that act as protagonists from the initial training process, through emancipation to the local contemporary. A look at this perspective helps to understand how the formation is occurring and organization of public and private spaces, their appropriation mainly due to the intense migratory flow formed mostly by Northeastern and / or descendants of those who have been allocated to this municipality, especially from the 1990s. The intense migration process is accompanied by two prominent consequences: increased rate of various types of violence and cultural miscegenation resulting from interaction of these as northeastern Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo and others. While this process is not unique to this district because it occurs throughout the national territory, to Águas Lindas it is a peculiarity, while the city is new in terms of emancipation, having not yet consolidated their own culture. Thus the local culture begins to form these various cultural fragments, presenting however strong predominance of northeastern culture, which in this context impinge on the other due to the large contingent of people who inhabit this region in the city.

KEY WORDS: Águas Lindas de Goiás, Migration, Northeastern, History.

INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu a partir da necessidade de conhecer as motivações que contribuíram para o processo de formação e construção de Águas Lindas de Goiás. Esta cidade foi erguida com a participação de migrantes que vieram para a região Centro-Oeste na segunda metade do século XX, mais precisamente durante a construção de Brasília. Atraídas pela oferta de emprego, as pessoas chegavam para trabalhar na construção da Nova Capital Federal e, como trabalhadores, desejavam permanecer na capital. Entretanto, as obras na cidade tinham prazo para término, o que causou um certo desconforto aos migrantes diante da perspectiva de perderem parcialmente a utilidade que possuíam e a incerteza quanto ao futuro que os aguardava.

Para compreender o que ocorreu com esses migrantes a partir de 1960, quando Brasília foi inaugurada, optou-se por estudar o tratamento dispensado aos trabalhadores migrantes pelo governo federal pós-1960, o que transformou a sede administrativa do país na "Capital da Segregação Social". Essa segregação tornou-se fundamental para entender a formação do município de Águas Lindas de Goiás, jovem cidade que tem graves problemas sociais e que nasceu em função de Brasília.

Para ter acesso às informações referentes à formação da cidade no período em estudo, a memória dos primeiros migrantes nordestinos e seus descendentes tem um papel importante, uma vez que será essencial para que as futuras gerações venham a conhecer os primórdios da formação de Águas Lindas de Goiás, que terá no relato e memória de seus pioneiros a forma de (re)conhecimento de sua história.

Assim, o estudo teve como referência o período que vai de 1980, momento em que se intensificou o processo de formação deste espaço, à época um grande cerrado, indo até a década de 2010, quando o município consolidou-se como área estratégica, tanto para o governo do Distrito Federal quanto para o do Estado de Goiás, posição essa que só pôde ser conseguida graças às mudanças de ordem

geopolítica, como a emancipação (em 1995), que permitiu um acentuado desenvolvimento político, econômico e cultural.

Para realizar esse intento, recorreu-se aos estudos oferecidos pela História Nova, proposta esta que nasceu em 1929, principalmente com os intelectuais Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da Revista dos Annales, que por muito tempo lutaram contra a história política e elitista.

Diferentemente da história tradicional, a História Nova preocupa-se em estudar outros tipos de histórias como: a história das mentalidades, das diversas atividades humanas, da infância, da mulher, do sertão, dos migrantes, enfim, de tudo que pode ser estudado como uma "construção cultural" sujeita a variações, tanto no tempo como no espaço. Seus registros são pautados na forma como a história é vista de baixo, pelos grupos menos favorecidos e não mais os feitos dos grandes homens, estadistas e generais. Para isso utiliza a opinião das pessoas comuns com a história das diferentes culturas e com outras fontes de pesquisas que possibilitam examinar uma maior variedade de evidências a respeito dos acontecimentos.

Essa tendência de se construir uma história pautada nos feitos de alguns homens também faz parte da forma de retratar o passado e o presente de Águas Lindas de Goiás. Os jornais de maior circulação na cidade como o "Descoberto" e "Gazeta", assim como a escassa literatura existente, expressam o desenvolvimento do município considerando os feitos daqueles que se destacam na política local, idealizados como os únicos construtores da história do município. Assim, a grande maioria dos migrantes, principalmente os considerados mais humildes, provenientes das regiões mais pobres do país, como o nordeste, por exemplo, foram excluídos dos registros oficiais, mesmo sabendo-se que suas ações foram e são importantes para o processo histórico de formação e desenvolvimento do município.

Ter conhecimento da história do migrante nordestino que chegou à região onde atualmente localiza-se Águas Lindas de Goiás é perceber as formas de organização social e o processo de trabalho desencadeado por essas pessoas. É buscar conhecer a história de um povo através dos mecanismos de sobrevivência por eles desenvolvidos desde que saíram de sua terra natal, sofrendo com os efeitos do desenraizamento e tendo que (re)enraizar em outra terra, lutando contra toda

forma de adversidade. Procurando entender esse processo, Ribeiro afirma que “nessa situação, o indivíduo se percebe enquanto fazendo parte de mundos culturais diametralmente opostos. É também o momento em que se sente e percebe sua identidade. Ele é um ser que é estranho, não somente àquele mundo, como também dos outros, às pessoas”. (RIBEIRO, 2001, p: 66).

Na base filosófica da História Nova encontra-se a concepção de que a realidade é social e está relacionada às leis, ao comércio, às instituições e ao cotidiano das pessoas. Inseridas nesse contexto também estão a cultura e o lazer que possuem papel fundamental ao procurar preservar, por meio dos costumes e tradições, práticas que lembram a terra de origem e que auxiliam no processo de (re)enraizamento, possibilitando que se conheça a história das "minorias". É por meio desses mecanismos aliados às atividades econômicas desenvolvidas que o migrante nordestino procura acostumar-se ao novo local de moradia.

Escrever essa história constitui uma tentativa de registrar a memória de várias pessoas que lembram detalhes significativos de como ocorreu o processo de formação e desenvolvimento da sociedade aguaslindense. Nesse caso, a reconstrução é feita por meio da memória individual e/ou coletiva, por ser esta capaz de reter do passado tudo aquilo que ainda está vivo ou tudo o que é capaz de ser revivido na consciência dos indivíduos que o mantêm. É por isso que a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, isto é, até onde a memória das pessoas ainda guarda as lembranças que permanecem, mesmo com o avançar de suas idades.

É nesse sentido, que o resgate da memória será fundamental para conhecer quem foram os verdadeiros construtores da cidade, uma vez que o objetivo principal dessa pesquisa é compreender como ocorreu a formação e o desenvolvimento de Águas Lindas na concepção do migrante.

A escolha desse tema ocorreu após intensa observação e reflexão acerca do predomínio do migrante nordestino entre os segmentos que compõem a sociedade aguaslindense. Por nos incluirmos nesse grupo e por morarmos na cidade há 18 anos que culminou com a necessidade de analisar a contribuição desses migrantes para o processo de formação de Águas Lindas de Goiás que, apesar de possuir uma localização geográfica privilegiada, devido à proximidade com o Distrito

Federal, não se configura como objeto de interesse, nem da esfera político-social, nem da produção científica em geral, exceto em períodos eleitorais e nas tímidas análises de alguns iniciantes no processo de pesquisa acadêmica, respectivamente.

No início do processo de ocupação do Distrito, as fazendas e chácaras existentes na localidade serviam como áreas de lazer para seus proprietários que moravam em Brasília, Goiânia, Anápolis e outras cidades, ficando sob os cuidados de caseiros e chacareiros, o que fez com que algumas pessoas viessem para esse iminente povoado exclusivamente para exercerem essas funções. Posteriormente, com a construção da BR-070, que facilitou o transporte para o DF, seguido do loteamento de algumas fazendas, o fluxo migratório de pessoas provenientes do DF para essa região aumentou consideravelmente.

Motivadas pela possibilidade de adquirirem lotes a preços acessíveis, quando comparados aos do Distrito Federal, com a facilidade de quitação do imóvel financiada em até 05 (cinco) anos, além de crédito adquirido nas madeireiras locais como a DECEL - primeira madeireira a se instalar nessa área - e a Madeireira do Melo, que acenavam com a possível aquisição da casa própria, os migrantes foram gradativamente fixando residência nessa localidade.

Diante do exposto, a hipótese levantada é a de que a falta de recursos financeiros que possibilitasse a compra ou aluguel de uma casa levou o migrante nordestino que residia em Brasília ou nas cidades-satélites a mudar-se para Águas Lindas de Goiás e outras cidades do Entorno do DF.

A situação descrita nos remete à seguinte problematização: como cidade do Entorno, por que Águas Lindas foi criada? Qual a importância do migrante nordestino para a formação de Águas Lindas? Como, na luta pela sobrevivência, as pessoas vão organizando seus espaços? Como conciliar culturas diferentes no mesmo espaço físico?

Diante desses questionamentos, o problema que se coloca neste estudo é entender a contribuição dos migrantes nordestinos para a formação de Águas Lindas de Goiás, abordando nesse contexto a atuação do (re)enraizamento como elemento fixador.

Historicamente, o nordeste perdeu o posto de região concentradora de poder e riqueza após o declínio da produção açucareira. A partir de então, parte da população nordestina passou a migrar para as localidades onde estavam concentradas as principais atividades econômicas da época. Foi o que aconteceu com a migração para a Amazônia, impulsionados pelo ciclo da borracha, no final do século XIX e início do século XX; para as regiões Sudeste e Sul, no início da década de 1950, provocada pelo processo de industrialização para a região Centro-Oeste, nas décadas de 1950 e 1960 impulsionadas pela Marcha para o Oeste e pela construção da Nova Capital Federal; bem como para as regiões de garimpos nos estados de Mato Grosso, Pará e Amazonas, entre as décadas de 1970 e 1990. Esses movimentos escondiam em seus bastidores fenômenos como o desemprego provocado quase sempre por um fenômeno natural: a seca.

As sucessivas e prolongadas secas, principalmente a de 1919-1921¹ e de 1979-1984² fizeram com que milhares de nordestinos fossem abandonando seus municípios de origem procurando inicialmente em outros estados da própria região nordeste a solução para a sobrevivência das suas famílias. Com destaque para os retirantes cearenses que buscavam refúgio no Piauí, Maranhão e capitais no nordeste, atingidos em menor proporção por essa catástrofe natural, quando comparadas às áreas do semiárido do sertão do Ceará. Posteriormente, quando a seca passou a assolar intensamente todos os Estados nordestinos e as medidas³ adotadas pelos governos federal e estaduais não eram suficientes para amenizar o impacto dessa sobre a população, fez-se necessário migrar para outras regiões do país, em busca da procura roubar-lhe.

Para melhor compreender os fatores que contribuíram para que o migrante decidisse abandonar o nordeste e fixar residência no Estado de Goiás, mais especialmente em Águas Lindas, contribuindo para sua formação e

¹ Os feitos dessa seca (que teve grandes proporções sobretudo no sertão pernambucano), cresce o eixo rural no nordeste.

² A mais prolongada e abrangente seca da história do nordeste. Atingiu toda a região, deixando um rastro de miséria e fome em todos os Estados. Só no Ceará foi registrada mais de uma centena de saques, quando legiões de trabalhadores famintos invadiram cidades e arrancaram alimentos à força em feiras livres ou armazéns. (www.exploradordosertao.blogspot.com.br - Cronologia das principais secas. Acesso em 26/10/2013 às 18:24).

³ Dentre essas medidas destacam-se as frentes de trabalho (apelidado pelos sertanejos de emergência onde os trabalhadores contra acides).

desenvolvimento, optou-se pela pesquisa qualitativa por acreditar-se que essa permite uma melhor compreensão da realidade, respondendo às necessidades colocadas pelo objeto desse estudo.

Por meio da pesquisa qualitativa procura-se descobrir e entender o que está além da aparência, dos dados visíveis e do que é perceptível. Procura-se com as dimensões da realidade, que se manifesta nas práticas, nos hábitos, nas crenças, nos valores, na linguagem, compreender os significados que isso tem para as pessoas pertencentes a um contexto histórico marcado pela construção de uma cultura que forma a identidade dos membros de um grupo.

A construção do referencial teórico foi fundamentada em estudos sobre movimentos migratórios e suas consequências, sob a óptica de Fausto (1999), com a discussão do cotidiano nas cidades, sob a teorização de Matos (2002), que defende esse tema como categoria de estudo para os historiadores dos séculos XX e XXI. Para compreender a formação da cidade sob o prisma da história cultural recorreu-se aos estudos de Pesavento (2007), dando ênfase à discussão sob memória, proposta por Bosi (1994) em que a memória do migrante pode ser usada como mecanismo para reconstruir o processo de construção da cidade.

Os problemas enfrentados pelos migrantes na cidade foram analisados tendo como suporte as pesquisas de Bresciani (1992) que discute o conflito entre representações e memória e de Hall (2006) que critica a dificuldade de formação identitária do migrante na modernidade. Nessa linha de raciocínio, a pesquisa de Ribeiro (2001) contribuiu para a compreensão de elementos fundamentais para o migrante, como o (des)enraizamento e o (re)enraizamento.

Por tratar-se de um estudo histórico, com ênfase na história oral e de vida, foram realizadas entrevistas com questões objetivas e subjetivas (conforme anexo), a partir de quatro pontos básicos - migração, trabalho, cultura, segregação com vinte (20) pessoas, dentre elas, seis (6) pioneiros que acompanharam o processo de desenvolvimento de Águas Lindas de Goiás, quatro (4) trabalhadores autônomos do comércio local, o 1º ex-prefeito da cidade, um (1) corretor de imóveis, duas (2) donas de casa, seis (6) funcionários públicos municipais. Primeiramente, foi realizado um mapeamento desses informantes, o que só foi possível por que as

primeiras pessoas contactadas indicavam outras que poderiam contribuir com a pesquisa.

As pessoas que foram entrevistadas não foram selecionadas por serem mais ou menos importantes no contexto histórico, mas por responderem às variedades de situações que se deseja abranger. Alguns critérios foram importantes para a definição dessas pessoas uma vez que a preocupação inicial estava voltada à necessidade de encontrar pessoas que estivessem presentes durante o processo de formação de Águas Lindas, que morassem na região e, principalmente que aceitassem participar da pesquisa.

Além de entrevistas, recorreu-se também à pesquisa em outras fontes documentais como dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), documentação jornalística do período, principalmente o Diário Oficial de Goiânia, "O Descoberto" jornal de "Águas Lindas" e a "Voz do Entorno"; a produção descrita com destaque para a obra de Disceu Trindade - Planos Diretores: à Experiência de Águas Lindas de Goiás, a monografia de MONTEIRO - Águas Lindas de Goiás: Por que esta é a cidade que mais cresce no Entorno do Distrito Federal? e a Revista Águas Lindas de Goiás - Retrospectiva 1997/2000, visando provocar uma reflexão nas transformações ocorridas na cidade durante esse período e o protagonismo exercido pelo migrante nordestino nesse processo.

Para compreender o processo histórico de formação de Águas Lindas, utilizamos Francisca MONTEIRO (2003) cuja pesquisa volta-se para análise do contexto sócio-político e econômico brasileiro da década de 1990 que levaram à emancipação desse município em relação a Santo Antônio do Descoberto, em 1995.

Ao abordar o crescimento desordenado de Águas Lindas, lançamos mão da pesquisa de Dirceu TRINDADE (2003) sobre o processo de ocupação dos loteamentos nos quais o município foi dividido, tendo como foco de análise o Plano Diretor da cidade.

Para oferecer suporte à análise documental utilizaram-se também recursos técnicos como a imagem fotográfica que sobrevive por várias gerações como memória de um povo que fez e faz história; além dos mapas e gráficos que

possibilitaram compreender relevantes aspectos no tocante à chegada do migrante a Águas Lindas a pós-posterior ocupação desse espaço.

Visando evitar que o conhecimento produzido ao longo do processo histórico de formação da sociedade agualindense se perca no tempo, foi necessário recorrer à técnica de gravação, onde foi possível registrar pequenas histórias de vida dos migrantes supracitados, o que possibilitou parcialmente a garantia de reconstrução do passado. Procurou-se, assim, registrar histórias de pessoas que, ao longo dos anos, têm-se esforçado para manter na memória lembranças de como a cidade era quando elas chegaram, fazendo comparações com a atualidade e procurando identificar sua identidade, o que é essencial para o entendimento da história local.

Percebeu-se, durante as entrevistas, que a memória é seletiva uma vez que as pessoas entrevistadas conseguiram lembrar e narrar detalhadamente acontecimentos relativos à sua chegada e aos primeiros anos de residência na cidade, enquanto episódios considerados secundário por suas memórias, embora mais recentes, foram esquecidos ou relegados a um segundo plano.

As entrevistas foram marcadas com antecedência e realizadas, em sua maioria nas residências dos entrevistados, com relativa duração. Variavam de três a quatro horas. Os entrevistados falavam durante horas sobre os motivos que os levaram a sair do nordeste, suas frustrações com o DF e as perspectivas que tinham ao chegarem a Águas Lindas.

A maioria dos entrevistados preservam lembranças que, mesmo com o passar dos anos, ainda permanecem em suas memórias, o que possibilitou conhecer as histórias de vida desses migrantes. As entrevistas, levando-se em consideração suas particularidades, contribuíram para reconstituir detalhes importantes da formação de Águas Lindas, vindos à tona mediante a memória de seus construtores, bem como permitiu compreender que o migrante nordestino que habita a cidade não pode ser visto de forma homogênea, uma vez que chegaram à cidade em períodos históricos diferentes, o que justifica a divisão desses em ondas migratórias, motivados por questões específicas, o que permite distingui-los no interior dessa sociedade.

Nessa linha de raciocínio essa dissertação foi dividida em três partes. No primeiro capítulo – DISTRITO FEDERAL E ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: uma história que se entrelaça, apresentamos a problemática da moradia que se abateu sobre os candangos após a inauguração de Brasília, que se caracterizou como segregatória culminando com a expulsão do migrante para cidades do Entorno do DF, dentre as quais, Águas Lindas de Goiás.

O segundo capítulo – MIGRAÇÕES PARA ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS faz uma descrição da trajetória do migrante nordestino que forma as três ondas migratórias que passaram a ocupar e a modificar o espaço conhecido como "Parque da Barragem" e que foi transformado em Águas Lindas. Analisa como o trabalho e a cultura têm contribuído para a fixação do migrante neste município, e como se colocam diante da perspectiva da migração de retorno.

No terceiro – ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: espaço de encontro e desencontro, aborda a questão do choque cultural sofrido pelos migrantes nordestinos ao chegarem a Águas Lindas de Goiás, como lutam para manter tradições características da região nordeste porque identificam nessas, elementos de (re)enraizamento que amenizam a saudade da terra natal e que funcionam como mecanismo dificultador da migração de retorno.

Nas considerações finais buscou-se fazer uma síntese a respeito de como as pessoas que compõem as diferentes ondas migratórias chegaram e se fixaram em Águas Lindas de Goiás; como foram ocupando os espaços; que utilização fazem dos espaços públicos, bem como os referenciais positivos e negativos da cidade, do ponto de vista de seus quase que "ocultos" construtores, ou seja, nesse contexto, o criador avalia a obra por ele criada.

CAPÍTULO 1

1. DISTRITO FEDERAL E ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: UMA HISTÓRIA QUE SE ENTRELAÇA.

Águas Lindas antes fazendas
nasceu no meio do nada
por homens de muita visão
ela foi idealizada
nas laterais da BR 070
hoje se encontra instalada.

(Autor: Prof. Vanderley Santos)

Desde os primórdios da história, o ser humano se "movimenta territorialmente", esta movimentação deu-se a partir da África; e teve sua motivação inicialmente na busca pela sobrevivência, ou seja, na procura por alimento. No entanto, o conceito de migração e suas variáveis, que aparentemente parecem de fácil compreensão, exigem maior atenção e detalhamento, como nos chama a atenção Boris Fausto que, ao analisar as motivações para migrar, em seu livro "Fazer a América: Migração Internacional na História das Américas, declara que:

(...) uma vez que as condições econômicas constituem o fator de expulsão mais importante, é essencial saber por que mudam as condições e quais são os fatores responsáveis pelo agravamento da situação crítica que afeta a capacidade potencial dos emigrantes de enfrentá-la (FAUSTO, 1999, p. 13).

Na obra "Imigração" [...] Julio de Revorêdo argumenta que a emigração é sempre o resultado da aspiração a uma existência menos atribulada e que portanto, o migrante é um "não conformado" que busca uma nova terra, a fim de diminuir as adversidades com as quais se depara no meio em que vive.

No livro "O Migrante e a Cidade: Dilemas e Conflitos", o professor Hidelberto de Sousa Ribeiro, discutindo sobre a ocupação do Bairro "periférico" Vila Maria, em Barra do Garças corrobora Fausto em relação ao conceito de expulsão demonstrando como tal processo pode ser traumatizante. Para tanto afirma que:

O bairro constituído na sua grande maioria por migrantes, pessoas que comportam experiências de vida vinculadas a uma dolorosa trajetória de deslocamentos que na prática, concretizam-se no rompimento de laços afetivos, pois deixam para trás uma longa cadeia de parentesco, de vizinhança e amizade, além é obvio da perda do seu instrumento de trabalho e local de sua morada, a terra (RIBEIRO, 2001, p. 37).

O jornalista Geraldo Hasse no texto chamado "Meus caros pais - uma trajetória migrante" - nos oferece mais subsídios para entender o conceito de expulsão.

O que mobiliza os migrantes de todas as latitudes é o desejo de livrar-se dos grilhões da pobreza, da fome e da miséria. Há também fome cultural e sede de reconhecimento no movimento de muitos migrantes, mas sua motivação fundamental é a necessidade de estabelecer novos padrões de sobrevivência econômica (HASSE, 2007, p. 77).

A questão da atração exercida por determinadas áreas sobre o migrante é discutida pela historiadora Heliane Prudente Nunes, em seu livro "A Imigração Árabe em Goiás", em que a autora chama a atenção para o fato de que...

A origem do emigrante e as causas da emigração, bem como o local escolhido por ele, são variáveis complexas que fazem parte da explicação de um mesmo processo histórico, que envolve elementos de expulsão da terra de origem, e elementos de atração da terra escolhida (NUNES, 2000, p. 22).

Corroborando esta afirmação, Dirceu Trindade, em seu livro “Planos Diretores: a experiências de Águas Lindas de Goiás, argumenta que

Há aqui um fenômeno que simultaneamente significa atração por oferta de emprego e expulsão por não oferecer condições de custo de vida suportáveis. Impedidos de se estabelecer no DF, onde inexistia política habitacional, essa população carente é forçada a procurar alternativas em áreas menos valorizadas e mais distantes, provocando assim a proliferação imobiliária nos municípios do entorno” (TRINDADE, 2003; p. 24).

Entre os anos de 1956 e 1960, com a construção de Brasília no Planalto Central, motivada por questões econômicas, geopolíticas e ideológica⁴, concretizada pelo presidente Juscelino Kubitschek para abrigar a sede administrativa do país, a região Centro-Oeste tornou-se área de atração populacional em decorrência da grande quantidade de empregos oferecidos, principalmente no setor de construção civil.

Na efervescência do momento, foram atraídas pessoas de todas as regiões do país, especialmente do nordeste⁵, Minas Gerais e Goiás para auxiliarem na construção da “Capital da Esperança”. Estes trabalhadores, ou candangos⁶, como eram chamados, endividavam-se com a firma que pagava pelo transporte deles antes mesmo da viagem ser efetivada e, quando finalmente chegavam ao suposto destino final tinham que conviver com a árdua rotina de trabalho que marcou o ritmo das obras do início ao fim da construção.

⁴ No plano econômico visualizava-se a criação de novas estradas, capazes de interligar a região Centro Oeste às demais regiões brasileiras; no geopolítico, argumentava-se a importância de garantir a segurança da capital e no ideológico, prevalecia a defesa dos “grandes projetos nacionais”.

⁵ Sobre esse assunto, LUIZ (2010) descreve que, em pesquisa realizada em 1980 pelo IBGE com vinte e cinco filhos de moradores da cidade-satélite de Ceilândia, dezesseis deles eram filhos de pais nordestinos, evidenciando que o maior percentual dos migrantes (43%) provinha dos estados do Nordeste.

⁶ Nome dado aos trabalhadores que construíram Brasília e não pode ser usado de forma equivocada para denominar as pessoas que nascem em Brasília, cujo adjetivo pátrio correto é brasiliense.

Além da exploração sofrida no trabalho, ao longo da construção de Brasília, pois muitos foram contratados sem carteira assinada, portanto, sem proteção trabalhista, os trabalhadores eram submetidos a trabalho árduo, caracterizado pelo “regime de viradas⁷” e obrigados a enfrentarem péssimas condições de alimentação e de moradia. Qualquer reivindicação realizada por eles era violentamente reprimida pela Guarda Especial de Brasília (GEB).

Nesse sentido, Gouvêa (1995, p. 63) relata que

“no massacre da Pacheco Fernandes ”em 1959 dezenas de trabalhadores foram metralhados e mortos, por reivindicarem melhores condições de alimentação no acampamento da construtoras dos palácios. Segundo relatos da época os policiais dispararam sobre os beliches, atingindo inclusive trabalhadores que se encontravam enfermos nos alojamentos e foram necessários caminhões basculantes para a remoção dos cadáveres que foram enterrados em vala aberta longe da cidade, possivelmente mas proximidade de Planaltina.

O discurso dos técnicos graduados e políticos da época era o de que prevalecia um tratamento igualitário entre os construtores de Brasília, ideia que foi amplamente difundida pela literatura como na obra de Nelson Werneck Sodré(1978), que faz alusão ao entusiasmo que acometia a todos os “heróis envolvidos na construção da nova Capital Federal”.

Entretanto posteriormente verificou-se o caráter dicotômico presente nas viradas diárias, nas péssimas condições de alimentação, nos baixos salários e na disparidade em termos de moradia que evidenciavam para os trabalhadores que eles não eram exatamente iguais aos demais segmentos da sociedade.

Segundo Gouvêa (1995), nesse período foram construídos os principais prédios públicos de Brasília e algumas quadras residenciais na Asa Sul do

⁷ Para seguir o cronograma de obras, as construtoras impingiam aos trabalhadores jornadas de trabalho por 24 horas, ininterruptamente.

Plano Piloto⁸. Foram construídas também, nas proximidades da W3 Sul, 1.520 casas pela Fundação da Casa Popular e 4 conjuntos habitacionais, destinadas a princípio ao trabalhador de menor renda, mas que acabaram sendo ocupadas, em sua maioria por funcionários públicos de média renda.

Além destas morarias, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) construiu casas de dois pavimentos para abrigar funcionários do governo. Os blocos de apartamento construídos nas quadras do Plano Piloto eram geralmente destinados a funcionários do governo, financiados por convênios entre as empreiteiras e os órgãos públicos destinatários da obra. Percebe-se assim que, desde a construção da cidade, já ocorria uma seletivização dos espaços, constituindo-se o Plano Piloto como espaço concebido para abrigar as classes dominantes, enquanto para os demais trabalhadores essa necessidade básica ficou relegada a segundo plano.

Aos operários somente foi permitida a permanência no Plano Piloto durante o período de realização das obras no mesmo período em que dispunham de alojamentos (para os homens solteiros) e de acampamentos (para as famílias), ambos localizados próximos às obras. Nas palavras de Kuyumjian (p. 176, 2007) "Cristalizou-se em Brasília uma forma de leitura hierarquizada e verticalizada: primeiro o espaço patrimonial, depois, o humano.

Essa diferença quanto à forma de tratamento e de valorização do trabalhador das obras acentuou-se ainda mais quando, após o término no Plano Piloto, os operários foram gradativamente sendo removidos para as cidades satélites.

De acordo com Gouvêa (1995, p. 65), esse processo se teria iniciado em 1958, com a remoção dos moradores da favela Sara Kubitschek, localizada ao longo da Rodovia Brasília-Anápolis, para a cidade satélite de Taguatinga, sob o pretexto de que os alojamentos (tão úteis durante o processo de construção) "enfeavam" a cidade e necessitavam ser removidos, juntamente com seus ocupantes antes da inauguração de Brasília. As remoções prosseguiram pelas

⁸ Área construída de forma planejada; excluem-se desta forma as cidades satélites mais distantes do ponto central da cidade. Hoje o Plano Piloto, junto ao Parque Nacional de Brasília, constitui a região administrativa de Brasília.

décadas de 1960 e 1970 com a criação de novas cidades satélites como Gama, Guará, Sobradinho, Ceilândia, dentre outras. Esse processo contínuo prever a formação de novos núcleos como o Catetinho, Setor Noroeste, Setor Oeste e outros.

Embora alguns grupos tivessem apresentado resistência quanto à remoção como os habitantes do Núcleo Bandeirante⁹ que evitaram a remoção mediante mobilização popular, outros grupos, como os da Vila do Iapi, acabaram sendo removidos contra sua vontade para cidades satélites recém-criadas como Sobradinho, Gama (1960), Brazlândia, Planaltina e Ceilândia (71-72). De acordo com um entrevistado:

Eu sai de Ceara Mirim-RN, aí vim para Minas Gerais em 1954, Aí cheguei em Minas Gerais solteiro, 22 anos, aí, enrolei, enrolei, casei em 02/05/1956; ficamos na roça trabalhando de manhã para comer de tarde. De Minas vinhamos para Brasília em 1963. Aí então entrei na Fundação de Serviço Social do DF, recebendo 42 mil réis. Morava em Sobradinho, fiz um barracão com telhas finas, quando tava lá dentro, o DI cismou que não podia ficar lá, aí era pra eu arrancar o barracão e colocar lá, num lugar péssimo. Mandaram um pessoal pra arrancar o barracão, veio o chefe com os capangas; levaram o barracão pra um lugar que não tinha nem "muriçoca". (Manuel, norte-riograndense, 79 anos. Entrevista realizada em 31/07/2012).

Na década de 1970, com a consolidação da cidade, o fluxo migratório para Brasília aumentou, o que levou a companhia imobiliária de Brasília (Terracap), detentora de 57% das terras públicas do Distrito Federal a desenvolver quatro formas de alienação dos imóveis (licitação pública, venda direta, regularização e doação¹⁰) numa tentativa de evitar a formação de novas “invasões”, como eram chamadas as favelas no Distrito Federal.

⁹ Cidade satélite do Distrito Federal.

¹⁰ A Terracap no período de 1973-85 trabalhava com os seguintes regimes de alienação de imóveis: **1. Licitação Pública:** imóveis com todas as destinações e localizados em todos os núcleos urbanos, o comprador tinha 30 meses para construir (leilão); **2. Venda Direta:** entidades com fins lucrativos ou entidades governamentais com receita própria — prest., 10% do valor de mercado, e para entidades sem fins lucrativos ou com receita própria: preço de 50% do valor de mercado; **3. Regularização:** com cessão de direitos: comércio, preço 70% do valor de mercado, residência: 60% do valor de mercado; sem cessão: 50% do valor de mercado; residência: 40% do valor de mercado; **4. Doação:**

De acordo com Gouvêa (1995, p. 72), essa política beneficiou à população de média e alta renda e às empresas construtoras privadas que conseguiram adquirir terras no Plano Piloto, geralmente por meio de licitação pública, enquanto a população de baixa renda, removida para as cidades satélites eram obrigadas a permanecerem nestas e tentar conseguir uma das unidades habitacionais construídas pela Sociedade de Habitação de Interesse Social (SHIS).

Ao se instalar nas favelas, a população ficava esperando a regularização de suas moradias e melhorias gerais no local. Neste ínterim, o governo astuciosamente realizava algumas melhorias urbanas, provocando aumento nos preços dos imóveis, fazendo com que alguns moradores não resistissem à tentação de venderem seus imóveis, deslocando-se para áreas ainda mais distantes do Plano Piloto e de seus locais de trabalho; intensificando, assim, o processo de segregação social e espacial. Nesse contexto, um dos entrevistados relatou que:

[...] O marido da minha chefe, Dr. Elio, era diretor executivo e ela (dona Celina) era assistente social. Um dia ela falou: - seu Manuel o Elio falou pra o senhor ir pra uma festa no lago. A festa era só gentona, calango só eu mesmo (riso), com aquela roupinha que só Deus sabe como é que é. Na festa ele me chamou e perguntou se eu fiz inscrição da casa da SHIS e eu falei que fiz, ele disse que a inscrição não ia valer e mandou eu ir na repartição que ele ia mandar me dar uma casa. Na segunda-feira eu fui. Ele mandou a secretária bater o documento da casa pra mim. Eu saí de lá com a chave na mão (na Q11, C-31, QNJ). Casa nova com asfalto na porta. Com o tempo quase todo mundo da repartição foi morar lá. Depois de uns 02 anos eu vendi a casa e comprei um barraco de invasão não tem garantia de nada, até que resolveram arrancar o barraco e mandar pra o Gama, Brazlândia ou morro do Urubu[...] Eu fui pra o Gama, no cerrado, no meio da cinza (olhar triste) onde nós morou 11 anos até que fiz um rolo numa chácara nas QNJ, eu gostava de fazer rolo sabe? (risos), aí eu fiz a inscrição na SHIS, quando a casa da SHIS saiu eu vendi a chácara e mudei pra casa do P. Sul. (Manoel, norteri-grandense, 79 anos. Entrevista realizada em 31/07/2012).

Isso desencadeou um processo de exclusão sócio-espacial, que obedecia geralmente ao seguinte itinerário: após alguns anos instalados em Ceilândia, os removidos mudavam-se para um setor periférico da própria cidade-satélite ou para outro núcleo habitacional recém-criado no Distrito Federal. O próximo passo era tomar a decisão extrema de morar em alguma das cidades vizinhas, surgidas do outro lado da fronteira goiana após a construção de Brasília, entre elas, Cidade Ocidental, Val Paraíso e Águas Lindas de Goiás (LUIZ, 2010, p. 80).

Entendendo que a oferta de lotes, aliada aos baixos valores cobrados por estes eram os principais fatores a contribuírem para que o Distrito Federal continuasse recebendo um número expressivo de migrantes, o governo tentou sanar o problema reduzindo drasticamente a quantidade de casas que eram construídas.

Entretanto, tal medida paliativa não foi suficiente para conter as ondas migratórias, uma vez que, segundo Gouvêa (1995, p. 85), “a migração não era provocada pela oferta de moradias em Brasília, mas pelas condições de sofrimento no campo e pela ausência de serviços urbanos como assistência médica, emprego e lazer nas regiões de origem destes migrantes”.

Nesse sentido, dentre as medidas cabíveis que foram tomadas, destacou-se a política adotada de retorno do migrante (a partir de 1963) e/ou doação de lotes em locais sem nenhuma infraestrutura, nas distantes cidades satélites, como forma de recompensar o operário pelo trabalho prestado durante o período de construção da nova Capital Federal.

O movimento de exclusão dos pioneiros e filhos aconteceu de forma gradual. Brasília e o Distrito Federal como um todo experimentaram, de forma intensa, os efeitos da especulação imobiliária. O setor da indústria da construção civil reagia vorazmente à escassez de áreas para investimento, provocando uma alta nos preços dos terrenos. Com isso, os “beneficiados” pelas políticas oficiais dificilmente conseguirão se manter nas moradias ou lotes, como foi o caso de Ceilândia (LUIZ, 2010, p: 80).

Quanto mais distante do Plano Piloto estivesse localizada a cidade satélite, menores seriam os preços de seus lotes, influenciando os moradores de menor renda, inclusive aqueles que haviam vendido os lotes adquiridos como forma de pagamento pelo trabalho pioneiro, a fixarem residências nessas áreas.

De acordo com Luiz (2010), a parte que cabia aos severinos candangos, avaliado seu status socioeconômico, era a longínqua e ainda inóspita Ceilândia, que nascia para ser depositária daqueles que, na visão das autoridades, denegriam a imagem da nova e moderna capital.

Ainda de acordo com Luiz (2010), os candangos não receberam qualquer ajuda, material ou financeira para montar os barracos, com as sobras dos antigos. A maioria deles só podia construí-los à noite, depois que retornava do trabalho, sediado em Brasília.

As estratégias de segregação habitacional adotada pelo governo do DF foram sofrendo alterações de acordo com a forma de governo vigente. Entre as décadas de 1960 e 1970, período dos governos militares, prevaleceu a erradicação das favelas por meio da força física.

Na década de 1980, em decorrência da iminência de uma “abertura política”, vigorou o processo de urbanização de invasões, que provocava o encarecimento dos lotes e a conseqüente venda destes, dando continuidade à migração interna.

A profícua venda de lotes nas cidades satélites, seguidas do processo de implantação de infraestrutura provocou a expulsão dos moradores, bem como dos novos migrantes para cidades goianas localizadas no Entorno do Distrito Federal, dentre elas Luziânia, Valparaíso, Cidade Ocidental e Águas Lindas de Goiás, objeto de discussão desta pesquisa.

1.1. De Parque da Barragem a Águas Lindas de Goiás.

Parque da Barragem¹¹, como era conhecida até a década de 1990, a área onde atualmente localiza-se Águas Lindas de Goiás¹², pertenceu ao município vizinho, Santo Antônio do Descoberto até 1995. Este município, por sua vez também havia sido administrado por um outro, no caso, Luziânia até 1980.

Surgida na efervescência da transição da ditadura militar brasileira para a democracia e no auge do processo de segregação habitacional imposto pelo Distrito Federal aos seus trabalhadores de menor poder aquisitivo, esse espaço despontou como uma solução viável para aqueles que viram frustrada sua expectativa de morar em Brasília ou em uma das cidades satélites do Distrito Federal.

Nesse sentido, Gouvêa (1995, p. 89) facilita a compreensão deste processo ao afirmar que:

O governo do DF, no final da década de 70, ao adotar uma política clientelista com a população removida dos acampamentos e favelas, com a implantação em larga escala de equipamentos urbanos e comunitários, valoriza rapidamente as áreas residenciais das cidades satélites e, assim, ao mesmo tempo em que desmobiliza os movimentos comunitários, contribui para a rápida expulsão dos primitivos moradores para locais mais distantes, pelo preço especulativo de seus lotes.

Até a década de 1980, a área que deu origem ao município de Águas Lindas era constituído basicamente por fazendas e chácaras, dentre elas as fazendas Camargo, Sabaru, Braz e Cachoeirinha, geralmente improdutivas,

¹¹ Nome colocado em homenagem à barragem construída no Rio Descoberto e que serve de fronteira entre Goiás e o Distrito Federal.

¹² Nome pelo qual ficou conhecido o município a partir da emancipação política ocorrida em 1995.

utilizadas por seus proprietários residentes em Luziânia, Anápolis e Goiânia como áreas de entretenimento e de lazer nos feriados e/ou períodos de férias¹³.

Gradativamente os migrantes foram chegando e se instalando às margens da BR-070, vindos principalmente do Distrito Federal, onde tinham residido desde que saíram de seus estados de origem, em sua maioria, no nordeste brasileiro.

Percebe-se que mais uma vez o migrante foi obrigado a migrar para garantir sua sobrevivência e de sua família. Em ambos os momentos, o fator econômico foi preponderante. No primeiro caso ele partiu porque faltava-lhe a perspectiva de adquirir um emprego capaz de garantir-lhe a resistência às intempéries naturais, bem como à fome e miséria provocadas pela “indústria da seca¹⁴”.

Nesse sentido, criticando o romance da década de 1930 que reforçava o imaginário, nacional a respeito da região nordeste do Brasil, Albuquerque Júnior (2009) descreve a realidade nordestina:

[...] Nordeste do fogo, da brasa, da cinza e do cinza, da galharia negra e morta, do céu transparente, da vegetação agressiva, espinhosa, onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes. Nordeste das cobras, da luz que cega, da poeira, da poeira, da terra gretada, das ossadas de boi espalhadas pelo chão, dos urubus, da loucura, da prostituição, dos retirantes puxando jumentos, das mulheres com trouxas na cabeça trazendo pela mão meninos magros e barrigudos. Nordeste da despedida dolorosa da fome, da sede, da fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009 p. 121)¹⁵.

¹³ De acordo com o senhor Brandão, corretor de imóveis na cidade desde 1985, a primeira imobiliária a vender lotes na cidade foi a "Ideal Imóveis", que loteava fazendas e chácaras em lotes de cinco (05) mil metros quadrados, que em decorrência dos altos preços cobrados e da escassa propaganda foram pouco vendidas. A partir de 1980, a Marajó Imóveis iniciou a fragmentação dos lotes em áreas de 585 a 930m², o que favoreceu aquisição de lotes por parte de migrantes residentes no Distrito Federal, sendo que dez famílias foram as responsáveis pela ocupação inicial da futura cidade.

¹⁴ Termo usado por Albuquerque, Júnior em sua obra “A Invenção do Nordeste e outras Artes”, para designar um conjunto de práticas políticas que usam a seca em favor das elites dominantes.

¹⁵ Sul era expressão usada pelos nordestinos para referirem-se às áreas de destino do migrante, não possuindo portanto o sentido geográfico que normalmente lhe é atribuído.

Visto que a região nordeste é dividida em quatro partes¹⁶, o fragmento de texto de Albuquerque Júnior faz referência ao sertão nordestino. A fuga dessa área praticamente inóspita realizada pelo migrante significava na prática a oportunidade de lutar por um padrão de vida melhor, mesmo que o preço a pagar por essa decisão fosse o afastamento provisório ou definitivo de familiares, amigos ou da cidade natal. Assim, ao relatar os motivos da vinda para Águas Lindas, um entrevistado afirmou que

Eu vim pra cá por precisão, o que me fez vim pra cá foi 250g de café. A muier tava de manhã fazendo café e disse que não tinha café, eu fui a venda do compadi Ciço e pedi 250g de café e ele disse que não tinha café e eu vendo um monte assim (gestos com a mão) na prateleira. Na mesma horinha chegou um fazendeiro e pediu café e ele pegou e entregou. Eu fiquei envergonhado, deu uma dor no coração e saí, peguei, tirei meu chapéu da cabeça e pedi a Deus que me desse a oportunidade de sair de lá e criar meus filhos sem nunca mais comprar fiado... (Antônio, Cearense, 76 anos. Entrevista realizada em 02/08/2012).

Para Antônio, enquanto chefe de família, sobre quem recaía a responsabilidade de principal provedor, a alternativa para continuar sustentando a família sem passar pelo constrangimento de comprar “fiado” ou de ter esse pedido negado, seria migrando da terra onde nasceu para outro local que, embora desconhecido, acenava com a garantia de trabalho permanente e remuneração condizente com as atividades desenvolvidas.

No início da ocupação de Águas Lindas, a precariedade estava presente em todos os setores. Embora fosse uma área margeada pela BR-070 construída na década de 1970 para atender aos interesses do capital privado e visando desenvolver economicamente o "Parque da Barragem", a BR foi estruturada para escoar a produção de cimento da fábrica Votorantim, localizada, na época, em

¹⁶ Zona da mata, meio-norte, agreste o sertão.

Girassol¹⁷, foi principalmente às margens dessa estrada que as levas de migrantes edificaram suas habitações, na maioria das vezes, barracos de madeirite¹⁸.

De acordo com os pioneiros entrevistados, nessa época que se iniciou no setor Queda do Descoberto, possuía como opção de lazer o bar do Quati¹⁹, que era frequentado principalmente por pescadores que se dirigiam para essa área, atraídos pelo rio Descoberto, que faz divisa entre Goiás e o Distrito Federal, possuindo uma ponte como área limítrofe.

Nesse período, a cidade em formação contava com poucas ruas, sem nenhuma infraestrutura, dentre elas a rua Liberdade²⁰ e Rio Verde²¹ que foram as primeiras a se constituírem devido à proximidade da BR-070, às margens da qual os lotes eram mais valorizados e conseqüentemente mais caros do que aqueles localizados em áreas periféricas. Devido à especulação imobiliária outros setores foram surgindo em áreas mais afastadas, formados por moradias precárias, dispersas umas das outras, o que contribuía para a baixa densidade demográfica, uma vez que o que determinava os setores a serem inicialmente ocupados era o poder aquisitivo do futuro proprietário dentre esses o migrante nordestino, cujos escassos vencimentos reservava-lhe setores cada vez mais afastados da BR-070.

A fragilidade das casas, aliada à distância uma das outras preocupava seus proprietários tanto no sentido de ter que deixá-las sozinhas e fechadas durante o dia, período em que se encontravam trabalhando no DF, e que favorecia quanto como no início da primavera, quando tinham início as chuvas torrenciais que aliada à falta de obstáculos à circulação do vento contribuía para que os telhados das casas mais modestas, ou barracos fossem solapados e arremessados a longas distâncias. Sobre esse período, uma de nossas entrevistadas, vítima desse processo relatou que

¹⁷ Distrito pertencente ao município de Cocalzinho de Goiás que faz fronteira a oeste com Águas Lindas de Goiás.

¹⁸ Espécie de tábuas pouco espessas, mais baratas e menos resistentes que o tijolo.

¹⁹ Localizado no atual setor Coimbra de Águas Lindas.

²⁰ Atual Q: 27 Setor 03

²¹ Espécie de casa noturna

Era uma tarde de outubro, não recordo o dia da semana. Eu estava arrundando meu barraquinho, que era somente um quartinho onde só cabia uma cama de solteiro, um fogão e duas cadeiras, enquanto meu bebê de sete (7) meses estava dormindo. De repente o céu escureceu e a chuva começou a cair. Além da chuva intensa, o vento, chega zumbia no ouvido. A água começou a entrar no barraco e eu com um rodo na mão abri a porta para jogar a água para fora. Quando eu vi, o meu telhado estava voando, o meu filho acordou chorando com os grossos pingos de chuva caindo nele. Peguei o bebê e corri para a casa da vizinha chorando e fiquei lá até que a chuva acabou. Depois um vizinho, conterrâneo nordestino foi à madeireira e comprou oito (8) novas telhas, Quando meu marido chegou do trabalho, tínhamos um telhado novo, embora tudo estivesse encharcado. (Joana, 41 anos, sergipana (Entrevista realizada em 13/04/2012).

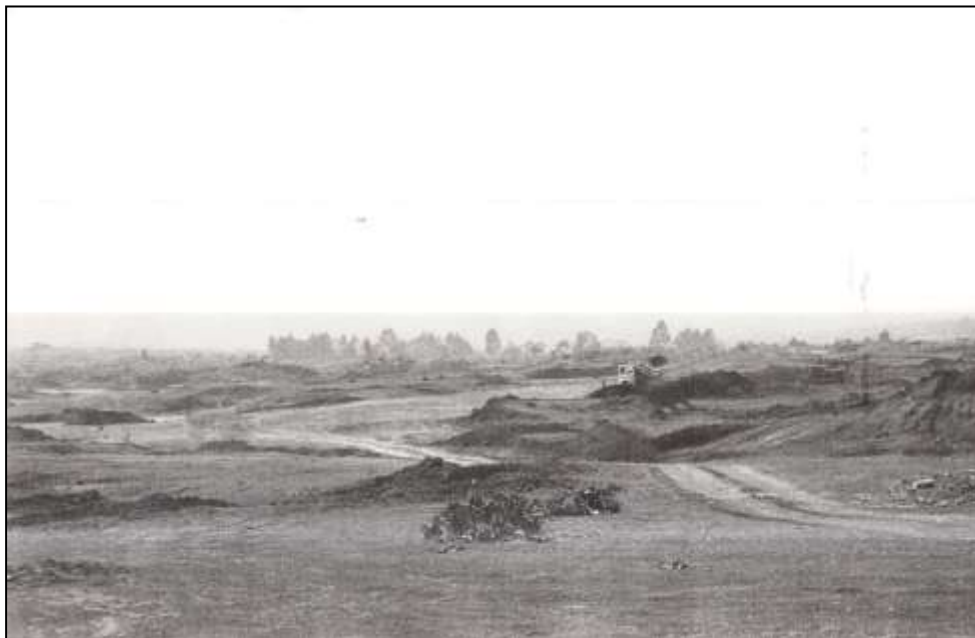
O relato de Joana evidencia que, no início da ocupação de Águas Lindas, a população encontrava-se sujeita tanto aos perigos de ordem social quanto às intempéries da natureza. Para Joana esse foi um dos piores momentos de sua vida, cuja memória procura apagar, recordando-se atualmente somente quando observa a iminência de uma tempestade ou quando interpelada por alguém, o que confirma a ideia de Halbwachs ao afirmar que [...] se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar. O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos ou outros homens, no-las provocam” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Outro aspecto que chama a atenção no relato de Joana são as relações de auto proteção que se desenvolveram entre os vizinhos, notadamente os de origem nordestina. Essas relações, marcadas por gestos de solidariedade, e de ajuda, mútua caracterizam os laços de compadrios, típicos da região nordeste e que funcionaram em Águas Lindas como instrumento de manutenção identitária; na medida que o migrante procurou intensificar a proximidade com seus conterrâneos, para continuarem sentindo-se pertencentes a um grupo social.

Acostumado à vida tranquila que caracterizava as cidades interioranas do nordeste, o migrante teve que gradativamente adaptar-se a uma rotina mais

caseira em decorrência da violência que assolava a cidade desde os primórdios de sua formação e devido à inexistência de praças públicas a serem utilizadas como áreas de lazer, como ocorria nas cidades nordestinas.

Figura 1: Construção da BR-070



Fonte: Kim Ir Sen

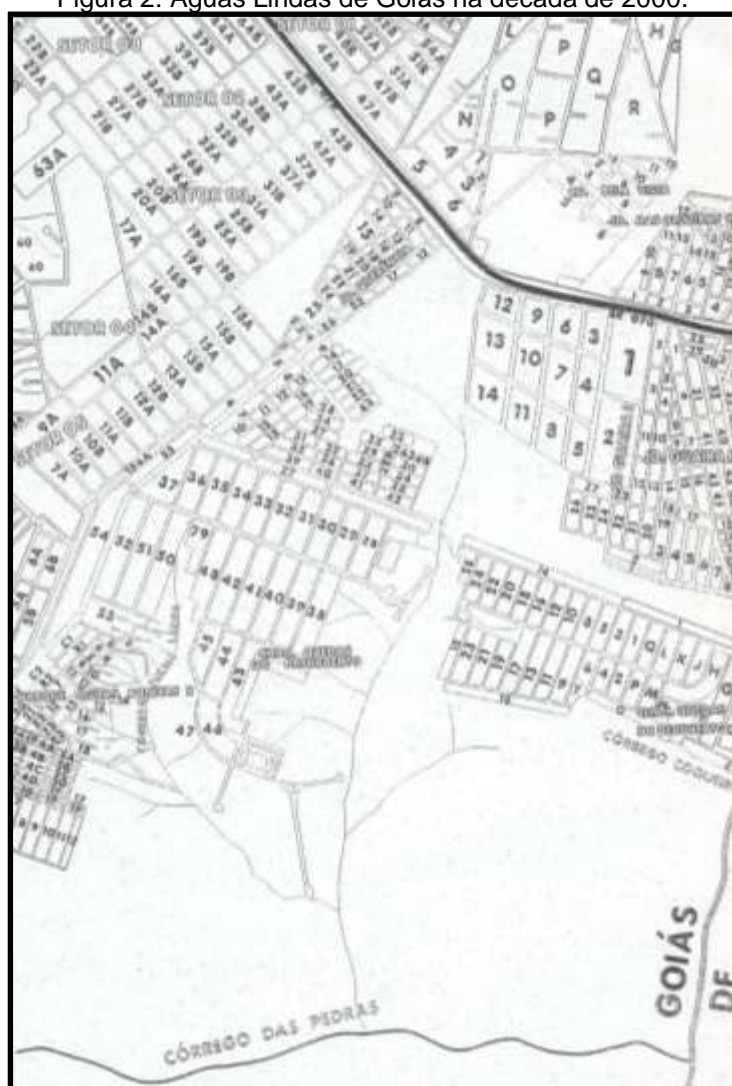
Entretanto, apesar da existência da rodovia, durante as décadas de 1970 e 1980 a precariedade no sistema de transporte era evidente. Inicialmente os moradores só podiam contar com um ônibus que passava de 15 (quinze) em 15 (quinze) dias, partindo de Girassol, pela manhã, com destino a Taguatinga, de onde retornava à tarde, transportando, além dos passageiros vários tipos de animais (Monografia: Águas Lindas de Goiás, Por que esta é a cidade que mais cresce no Entorno do Distrito Federal? MONTEIRO, 2003).

Posteriormente, o aumento da demanda provocou um acréscimo na oferta de ônibus, partindo um às 5:00h (cinco) da manhã e outro às 7:00h (sete), retornando às 17:00h (dezessete) e às 19:00h (dezenove), respectivamente, que no entanto, não eram suficientes para atender à crescente população, devido à escassa quantidade de veículos e de horários disponibilizados.

Eu morava aqui e trabalhava no Plano. Ia no ônibus do Girassol, quando perdia o ônibus eu ia ou vinha de carona. Pedia carona para os caminhoneiros, e eles davam por que já me conheciam. (Onilda, 67 anos, baiana. Entrevista realizada em 04/08/2012).

A falta de transporte era um dos problemas que os primeiros habitantes tiveram que enfrentar, mas além deste eles eram obrigados a conviver com a falta de água²², e de energia elétrica; pois, à época das vendas dos terrenos, a Marajó Imóveis comprometeu-se a colocar energia somente nos lotes vendidos no setor dois (2), conforme o mapa a seguir:

Figura 2: Águas Lindas de Goiás na década de 2000.



Fonte: Revista Unika.

²² Inicialmente a água era obtida das cisternas furadas nos fundos de quintais de cada casa ou cedida pelos vizinhos, posteriormente foram feitas escavações de poços artesanais particulares.

No meu setor não tinha quase casa, não tinha infraestrutura, a energia tinha que ser desligada às 18:00 hs; porque faltava todas as noites; a escola mais próxima era no Jardim América, as merendeiras carregavam água na cabeça para fazer o lanche pegando no córrego ou nos vizinhos. Se a pessoa adoecesse tinha que ir para Brasília porque não tinha hospital, a situação era muito difícil, né? (Raimunda, 46 anos, piauiense. Entrevista realizada em 20/05/2012).

O comércio também era deficitário, sendo que o intenso fluxo migratório foi oportuno para o desenvolvimento de madeireiras fornecedoras de materiais de construção consumidos em grande escala pelos novos moradores. A primeira destas madeireiras era de propriedade do corretor de imóveis Ordalino Garcia de Melo²³, que vendia os lotes e os materiais para que neles fossem realizadas as futuras construções, depois vieram outras como a DECEL, a Dom Bosco, entre outras, pois, naquele momento, a venda de materiais de construção era um negócio promissor, embora a cidade fosse desprovida de infraestrutura, uma vez que as poucas estradas existentes não dispunham de asfalto, sendo, portanto, lamacentas, apresentando dificuldades de tráfego no período de chuvas e no período de seca em virtude da intensa poeira.

Figura 3: Rua do Setor Coimbra (1990)



Foto: Secretaria Municipal de Obras

²³ Primeiro prefeito eleito em Águas Lindas de Goiás em 1996.

Quando saía para trabalhar levava sempre uma sandália na bolsa, sabe? Porque quando entrava no ônibus eu trocava, se não parecia até que as pessoas só olhavam pros meus pés e já sabiam que eu morava em Águas Lindas, com aquele "pé de Toddy" (Ana Cláudia, 27 anos, cearense. Entrevista realizada em 05/03/2012).

Em 1986, um grupo de pioneiros fundou a Associação de Moradores do Parque da Barragem (ASMPB), primeira da região, que posteriormente fragmentou-se em Prefeitura Comunitária do Entorno da Barragem e a Associação de moradores do Entorno da Barragem (ASSMEB) liderada pelo senhor Melo. Estes e outros pioneiros foram agentes sociais ativos na luta pela emancipação do Distrito.

Por intervenção da ASSMEB, que centrava as suas reivindicações em cinco itens: energia, água, segurança, educação e saúde (O DESCOBERTO, 2003, p. 8), foram conseguidos diversos benefícios para o Distrito, como afirmou Ordalino Garcia de Melo:

Aqui eu montei uma associação forte - ASSMEB (Associação dos Moradores do Entorno da Barragem), através dela conseguimos telefone, energia, escola, posto policial (Melo, 74 anos, entrevista realizada em 01/08/2012).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, os loteamentos existentes aumentavam em número de habitantes, bem como surgiram novos, em decorrência da atração que estes lotes exerceram sobre os habitantes pobres das cidades-satélite do DF, e principalmente daqueles que pagavam aluguéis em barracos de fundo de quintal na Ceilândia que passaram a visualizar a oportunidade de enveredarem pelo caminho da tão sonhada casa própria. A presença e influência desses migrantes não pode ser ignorada, uma vez que, quando o Parque da Barragem foi transformado em Distrito, houve a sugestão de colocar o nome de Distrito de "Nova Ceilândia" (O Descoberto, 2002, p. 18).

1.2. Fragmentos de Memória que lembram o processo de construção de Águas Lindas de Goiás.

Num processo de migração, muitos nordestinos abandonaram seus estados de origem, em decorrência de fatores econômicos e naturais, principalmente a seca que, nas décadas de 1960 e 1970, assolou o sertão nordestino e fixaram-se no Brasil Central. Atraídos pelo sonho de ajudarem na construção da nova capital federal e pela vontade de construir uma vida promissora e um futuro melhor para os filhos, saindo da condição de "pobre coitado" à categoria de pessoa de respeito e quiçá "rica".

Neste sentido, Bazco apud Moraes (2000) afirma que a imaginação social, além de gerar toda uma rede imaginária pela via da possibilidade histórica, torna as representações reais ao ponto de levar qualquer pessoa ao sacrifício, bem como a de acreditar que algo de bom pudesse vir acontecer, bastando para isso ir ao seu encontro. Desta forma, a imaginação social atua como fator regular e como elemento de criação de faculdades que permitem que: "[...] os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas". Em síntese: "[...] a imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende a vida e a elabora. A consciência obriga o homem a sair de si mesmo, a buscar satisfações que ainda não encontrou" (MORAES, 2000, p. 2).

Os efeitos do imaginário expressam um pouco da situação histórica que esses migrantes viviam no nordeste e que levou tantas pessoas a enormes sacrifícios na tentativa de chegar a Brasília e posteriormente, a Águas Lindas de Goiás. É o caso da família de Antônio que veio do Ceará para Águas Lindas em 1978, quando o local era formado por fazendas e chácaras, com poucas famílias habitando estas áreas.

[...] Um tio meu que morava em Brasília tava lá no Ceará e eu falei que se ele conseguisse uma fazenda pra eu tomar de conta, eu vinha. 02 (dois) anos depois chegou uma carta me chamando pra trabalhar e eu fui pra casa, mandei a muier arrumar os paninhos de bunda pra ir embora. Ela falou: - Ir embora pra donde? Eu falei: - Você vai ver: Fretei uma rural,

encontrei um acidente na estrada. Então eu pensei: que viagem desgraçada. Esperei o cabra que ia me trazer até 7:00hs (sete), nada. Armei uma rede, quando vi lá vinha ele, chega vinha assim (risos). Eram 23 pessoas em uma Kombi de Tianguá até o Gama. Foram 03 (três) dias de viagem. Durante a viagem tive cólicas (obrei sangue) mas fiquei bom. Vim para o Goiás. Vim dizendo: vou passar 10 (dez) anos e nessa brincadeira já vou interar 34 (trinta e quatro) e aí daqui só aquela viagem que a gente vai e não volta mais. (Antônio, 76 anos, cearense. Entrevista realizada em 02/08/2012).

Nesse fragmento o entrevistado se emociona ao lembrar o sofrimento a que ele e sua família foram submetidos durante a trajetória percorrida da Região Nordeste até chegar ao local de destino. Durante a viagem eram forçados a fazer inúmeras paradas para descansar do incômodo provocado pelo número excessivo de pessoas em um veículo tão pequeno; no curso específico de Antônio foi obrigado a fazer necessidades fisiológicas em caráter emergencial, devido a uma infecção intestinal. As famílias compartilhavam o escasso alimento que era constituído principalmente de frito (farofa de galinha), preparado na véspera da partida, guardado e transportado em latas de flandres.

Apesar das dificuldades de comunicação da época, as notícias de que era fácil conseguir trabalho nesta região chegava ao nordeste, levada por pessoas que moravam em Brasília e que para lá viajavam a passeio. Algumas destas pessoas se encarregavam inclusive de trazerem jovens moças para trabalharem em suas casas gratuitamente, em troca de roupa, calçados e alimentos ou oferecendo-lhes uma remuneração irrisória. Os pais destas moças, na maioria das vezes com muitos filhos para criarem, aceitavam a oferta pois viam nesta a oportunidade de reduzirem o número de pessoas a serem sustentadas e, na melhor das hipóteses, receber pequenas quantias enviadas pelas filhas.

[...] Eu vim menina ainda pra Brasília, foi em março de 64. Nós viemos pra cá pra ver se arrumava uma coisa melhor, né? Porque lá pra nois tudo é difícil. Aí desde 64 que eu conheço Brasília. Eu vim de lá da Bahia com um pessoal que me trouxe pra eu cuidar das crianças deles, mais não deu certo pra eles ficarem e eu fiquei. Me entregaram aí como quem entrega um saco de adubo (olhar triste). Fica aí! Eu fiquei, mais dei sorte

porque eu fiquei 02 (dois) anos com um pessoal tão bom!
(Onilda, 67 anos, baiana. Entrevista realizada em 04/08/2012).

Prosseguindo a entrevistada fala de como era a vida na vila Iapi, primeiro lugar em que ela morou, da mudança para Ceilândia, da briga do povo por causa de água, confirmando a pesquisa de Luiz (2010) ao afirmar que "para Ceilândia, na época, uma pseudo-cidade destituída de água, luz, pavimentação, comércio, serviço de saúde e outros equipamentos públicos básicos foram levados os candangos que moravam nos aglomerados urbanos conhecidos por Vila do Iapi, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão, Vila Colombo, Morro do Querosene, Morro do Urubu, Curral das Águas e Placa das Mercedes (LUIZ, 2010, p.77)²⁴.

Ao ser questionada a respeito de como ficou sabendo da existência de Águas Lindas, a entrevistada relatou que

Eu morava na Ceilândia quando um corretor passou oferecendo os lotes. Entregou um cartão e falou que se a gente interessasse... O véi (marido) não queria porque estava desempregado. Aí nois vinhemu oiar. Quem pagó este lote fui eu mais Dina (filha). Ninguém queria vim pra cá. Quando eu cheguei aí eu vi a situação que era aquí. Eu tava atoa no meio do mato; não sabia nem como fazer. Como era que eu ia deixar meus fios em casa pra ir trabalhar no Plano; tanto sofreu eu como meus fios. Aqui não tinha nada, só tinha mato, não tinha energia, não tinha água, carro, não tinha estrada. Água eu pegava na bica lá em baixo, levava roupa de 08 (oito) em 08 (oito) dias, como aquí não tinha ninguém, era calmo, não tinha certas coisas que tem hoje (Onilda, 67 anos, baiana. Entrevista realizada em 04/08/2012).

²⁴ Favelas situadas próximas ao atual Núcleo Bandeirante, cidade satélite do DF.

Figura 4: Setor Camping Club na década de 1970



Fonte: Kim Ir Sen

Os migrantes que chegavam dos diversos estados da Região Nordeste, ao se juntarem neste local, tornam-se inicialmente os responsáveis pela gestão de um novo espaço, que passava a ser intensivamente ocupado, deixando indícios de que este povoado se transformaria em uma grande cidade. Sobre este período, um dos entrevistados argumentou que:

[...] Eu vim em 73 para Brasília, ai trabalhei uns 10 (dez anos em Brasília e surgiu este loteamento aqui. Eu era corretor da Marajó, onde trabalhei uns 30 anos, e aí foi a Marajó liberou em 84/85. Eu gostei daqui, o asfalto era novo. O povo foi chegando, a gente foi vendendo. Foi a época de ganhar dinheiro (risos). Eu cheguei a vender 18 (dezoito) lotes em um dia, 101 (cento e um) no mês. Quando eu cheguei eu não tinha um radinho de pilha (Melo, 74 anos, corretor e 1º prefeito da cidade. Entrevista realizada em 01/08/2012).

Na efervescência da venda de lotes que beneficiou economicamente algumas pessoas, estava presente a figura do consumidor nordestino, cuja determinação para modificar, através do trabalho, a realidade na qual se encontrava

inserido, foi preponderante para transformá-lo em sujeito histórico ativo da construção de Águas Lindas.

[...] Mia fia eu nem me lembro quando cheguei aqui, mas lembro que não tinha nada, não. Eu via gente quando vinha de Ceilândia. As caças (tatu, paca) andavam na frente da gente. As caçambas viam buscar lenha pras padarias de lá. O transporte era de caçambas. Aí quando construíram umas casinhas pra sair energia só saiu pra 18 (dezoito) moradias, eu corri fui a Santo Antônio e consegui. A primeira casa que recebeu energia foi a minha. Cheguei não tinha nenhuma casa aqui do lado, só o posto rodoviário abandonado e uma casa das mangueiras e o Farias²⁵ (Francisco²⁶, 89 anos, cearense. Entrevista realizada em 31/07/2012).

Nesse trecho, o sr. Francisco (Pai Velho) fala com saudade e orgulho de estar nesta terra desde antes de ser Águas Lindas. Relata melancólico que por não ter estudo sempre realizou trabalhos braçais, inclusive em Águas Lindas onde cavava cisternas, cercava lotes. Todavia, o orgulho de ser pioneiro na cidade é maior do que as lembranças das dificuldades superadas. Este sentimento está presente no certificado emoldurado, pendurado na parede da venda onde trabalha e no jornal (em anexo) amarelado pelo tempo, cuidadosamente guardado em uma caixa que ele fez questão de mostrar, e que faz uma homenagem aos pioneiros da cidade, na qual ele está incluído, estampado em uma fotografia, ostentando uma medalha no peito.

²⁵ Posto perto do Girassol.

²⁶ Francisco é conhecido na cidade como "Pai Velho".

Figura 5: Pai Velho sendo homenageado



Fonte: Jornal "O Descoberto" (Outubro/Novembro - 2005).

A homenagem recebida pelo Sr. Francisco e outros pioneiros da cidade²⁷, realizadas em outubro de 2005 no governo itinerante do Governador Marconi Perillo, por ocasião do 10^o (décimo aniversário da cidade) representou, mesmo que de forma velada, o reconhecimento, por parte das autoridades, da contribuição desses e de outros imigrantes para o processo de formação de Águas Lindas.

Nessa solenidade foram lembradas as ações realizadas por esses migrantes, em áreas distintas, como a religiosidade, o social, educacional, cultural desempenhadas pelo Sr. Joaquim Pimenta, tia Vera, Sr. Antônio Telvino e Sr. Edinaldo (Mestre Zezito) respectivamente.

Ao ser entrevistado, o sr. Francisco conseguiu lembrar de detalhes como o nome da primeira empresa de ônibus (Bons Amigos)²⁸ a fazer o transporte

²⁷ Pessoas que acreditaram na cidade como Sr. Farias que montou o primeiro comércio da cidade; o Sr. Arquileu que viu nascer a cidade na fazenda "Capão Grosso"; Sr. Bené de quem nasceu a ideia do nome Águas Lindas a dona Carmelita viúva do saudoso pastor Abel quem fundou a primeira igreja evangélica na cidade e cedeu o espaço para a primeira farmácia de Águas Lindas; Zé Chevrole que ajudou a fundar a primeira associação de moradores que trouxe a primeira ambulância, o primeiro posto policial de Águas Lindas. (JORNAL DE ÁGUAS LINDAS, 2005, p. 6).

²⁸ Eram 02 ônibus alugados porque a empresa Goianésia não quis colocar ônibus porque não tinha gente para carregar. Atualmente existem 05 (cinco) empresas de ônibus operando na cidade, a saber: Santo Antônio, Vaztur, Taguatur, Sagres e União Transporte Brasília.

dos moradores da região, mas sentiu dificuldade para lembrar os nomes dos 05 (cinco) filhos, o que demonstra que a memória é seletiva. Entretanto, as perguntas relacionadas a Águas Lindas eram respondidas como se o mesmo estivesse visualizando os acontecimentos.

A satisfação em lembrar e narrar os acontecimentos relativos à chegada e aos primeiros anos de permanência em Águas Lindas, faz com que os remanescentes desses pioneiros sintam-se orgulhosos diante da oportunidade de relatar a outros os episódios que a família ouvira inúmeras vezes.

Os migrantes entrevistados por encontrarem-se aposentados, dispõem de tempo para conversar despreocupadamente com os vizinhos, sentados em cadeira colocadas nas calçadas em frente às casas, durante as tardes mornas que antecedem o anoitecer. Consciente ou inconscientemente esse hábito constitui uma herança cultural das cidades interioranas do Nordeste.

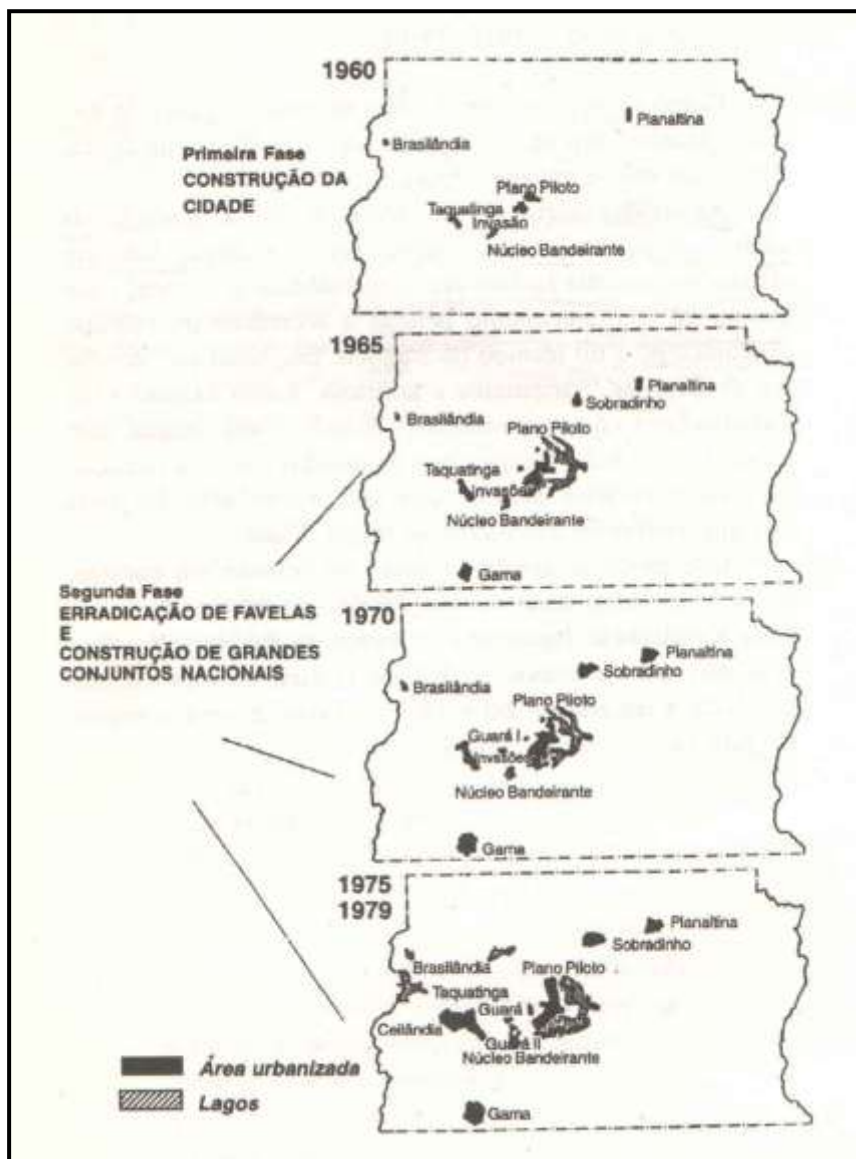
No caso específico, o sr. Francisco, além da aposentadoria, o mesmo dedicou-se também, como forma de complementação da renda, ao trabalho realizado em uma modesta mercearia de sua propriedade onde, além de trabalhar, aproveita os momentos oportunos para conversar com assíduos fregueses ou com pessoas que eventualmente o procuravam somente para "jogar conversa fora" ou "prosear" como o mesmo fala.

É esse sentido que Bosi (1994) denomina os velhos de "guardiões da memória", ao afirmar que neste momento de velhice social resta-lhes, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Assim, os depoimentos dos guardiões que atuaram como protagonistas no processo de formação de Águas Lindas de Goiás foram essenciais porque, através de suas lembranças e relatos tornou-se possível conhecer as circunstâncias e o contexto histórico em que ocorreu a ocupação desse espaço, marcada pelos sentimentos de desapropriação, da perda e de desvalorização que acometeram os migrantes provenientes do DF, após a política de erradicação, implantada depois da inauguração de Brasília.

Essa política de erradicação intensificou-se entre os anos de 1960 a 1979, períodos que correspondem à primeira e segunda fase da erradicação de

favelas do DF, com a transferência dos moradores para as cidades satélites recém-construídas, conforme mapa abaixo:

Figura 6: Brasília: década de 1960 a 1970.



Fonte: Brasília, ideologia e realidade/espaco urbano em questão, In. Gouvêa, p. 66.

Entretanto, cabe ressaltar que dificilmente esse candango mudava-se uma única vez. A migração entre cidades satélites, motivada principalmente por questões econômicas eram frequentes. A distância em relação aos locais de trabalho e o alto custo do transporte dificultava o trabalho de mulheres e crianças

que passaram a ser sustentados pelo chefe da família, o que justificava a venda ou troca da casa em um local valorizado, aproveitando a especulação imobiliária da época, por outra em áreas menos valorizadas, visando a um possível saldo financeiro proveniente dessa transação.

Motivados pela necessidade de garantirem um teto que os abrigasse, após o impacto de presenciarem seus barracos serem sucessivas vezes removidos de uma cidade satélite, para a periferia de outras localizadas em áreas cada vez mais distantes do Plano Piloto, o migrante, primitivo construtor da Nova Capital, optou por desistir de habitar esse espaço que em seu imaginário representava a possibilidade real de contribuir para o desenvolvimento econômico desta, mediante o oferecendo mão-de-obra que foi e continua sendo, nesse momento, imprescindível para o crescimento da cidade que viram nascer.

Nesse ínterim, dispensados enquanto habitantes, mas não como trabalhadores, os migrantes buscaram refugiar-se em cidades do Entorno do DF, onde puderam perseverar no desejo que os incentivou a migrar a saber: a vontade de melhorar de vida. Para o migrante nordestino o fato de não ter conseguido fixar suas raízes no DF não o fez inicialmente querer retornar para o nordeste. Pelo contrário, a expulsão que por um lado o vitimou, por outro serviu de estímulo para persistir em seu propósito, mesmo que em outra cidade, evitando realizar a migração de retorno com um poder aquisitivo igual ou inferior ao que possuía quando saiu de seu estado nordestino de origem.

O capítulo seguinte relata como Águas Lindas transformou-se gradativamente em uma cidade de migrantes, procurando explicar como esses migrantes chegaram, quais eram seus anseios e aspirações, o que conseguiram, como estes veem a cidade que é fruto de uma construção coletiva, como lidam com a questão do enraizamento, as formas de sociabilidades por eles desenvolvidas, procurando analisar as ondas migratórias, seus protagonistas, peculiaridades e importância para o contexto histórico.

1.3. O Plebiscito e a Emancipação.

A insatisfação da população no tocante à falta de autonomia do Distrito e ao desinteresse de Santo Antônio do Descoberto em resolver seus problemas de ordem econômica, social e administrativa fez com que fossem realizadas reuniões comunitárias na ASSMEB, algumas delas chegando a contar com 370 pessoas, onde foi cogitada a possibilidade de realização de um plebiscito que culminaria com a emancipação do Distrito.

No dia 12 de outubro de 1995 foi realizado, na casa do pioneiro, Zacarias José de Araújo, o plebiscito. Os eleitores receberam uma cédula na qual teriam que optar entre as alternativas "sim" ou "não" em relação à emancipação. A apuração dos votos, realizada pelo presidente da mesa, Avelino Carlos de Meneses²⁹ confirmou o veredito do povo. Foram 99,64% dos votos a favor da emancipação, passando o Distrito a constituir-se em município com o nome de Águas Lindas de Goiás.

A Assembléia Legislativa do Estado de Goiás decreta e eu sanciono a seguinte lei: art. 1º. Fica transformado em Município, com o topônimo de Águas Lindas de Goiás, o atual Distrito do mesmo nome, do município de Santo Antônio do Descoberto, deste Estado. (Diário Oficial, Goiânia, 20 de dezembro de 1995). Luiz Alberto Maguito Vilela.

Entretanto, de acordo com a Lei nº 12.797, de 27 de dezembro de 1995, o município somente seria efetivamente instalado após a posse do prefeito, do vice-prefeito e dos nove vereadores eleitos pelo povo. Essa exigência legal fez com que fossem iniciados preparativos para a realização da primeira eleição municipal que ocorreu em outubro de 1996, sendo eleito para prefeito Ordalino Garcia de Melo para o mandato de 1997-2000.

²⁹ Diretor das escolas municipais do Parque da Barragem antes da emancipação.

1.4. Situando Águas Lindas de Goiás

Após a emancipação, foi determinada a área do município que passou a ser de 278 km², localizando-se a 50 km de Brasília, 187 km de Goiânia; 18 km de Ceilândia; 26 km de Taguatinga e 16 km de Santo Antônio do Descoberto.

Como município, Águas Lindas de Goiás situa-se no leste goiano. Limita-se com Padre Bernardo (ao norte), Santo Antônio do Descoberto (ao sul); Distrito Federal (ao leste) e Cocalzinho de Goiás (ao oeste).

Figura 7: Localização de Águas Lindas de Goiás



Fonte: http://blog.jrsolucoes.com/2011_01_01_archive.html

A cidade que começou com um loteamento, que deu origem ao primeiro setor (Queda do Descoberto), conta atualmente com uma população de 157.323 habitantes (Censo 2010)³⁰, distribuídas em 128 setores.

³⁰ Em 1990 eram 3.500 habitantes, em 2000, eram 116.122 habitantes (Censo-2000).

Apesar do crescimento inquestionável, Águas Lindas continua convivendo com um grave problema que assola sua população: o desemprego, provocado principalmente pela escassez de fábricas e indústrias que absorvam a mão-de-obra local. Dessa forma, diariamente, um grande contingente de homens e mulheres se dirigem para o Plano Piloto ou para as cidades satélites do DF para trabalhar, o que caracteriza este espaço como cidade dormitório³¹. Na cidade trabalham os funcionários públicos e trabalhadores do setor privado (comércio), além de algumas fábricas artesanais de pré-moldados de reciclagem, vassouras, materiais de limpeza, como desinfetantes e amaciantes, dentre outras.

Entretanto, ao ser interrogado sobre o que ele acha da cidade, o primeiro prefeito colocou que:

Evoluiu muito no sentido de deixar de ser "favelão", só que não tem empresas para gerar empregos. Na minha gestão o local já havia sido escolhido para tal finalidade, mas a próxima gestão travou tudo. (Melo, 74 anos. Entrevista realizada em 01/08/2012).

Esse relato demonstra que a falta de setor industrial que proporcione trabalho formal, inclusive para as pessoas de menor escolaridade contribui para o ingresso desses na economia informal, quando não têm sua mão-de-obra absorvida pelo mercado de trabalho do Distrito Federal. Essa informalidade é claramente percebida mediante a intensa presença de barracas especializadas na venda de produtos como doces, lanches rápidos (como churrasquinho e açai), brinquedos, óculos, CD's, DVD's e outros, localizados em pontos estratégicos como na frente de escolas, ponto de ônibus, frente de supermercados, bares e outros estabelecimentos comerciais.

³¹ Cidade em que os habitantes saem para trabalhar em outra cidade, retornando a seu domicílio somente para dormir. A curta distância de Águas Lindas, quando comparada a outras cidades do entorno, aliada à quantidade de empresas de ônibus que fazem linha para essa cidade foram alguns dos fatores que contribuíram para que o migrante optasse por esse município como área de residência. OJIMA, RICARDO. *Cidades dormitórios e a mobilidade pendular: desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais?* MG, 2008, p. 3.

Dentre os trabalhadores dessas barracas, destacam-se jovens que estão cursando ou que concluíram o ensino médio, com predomínio de mulheres, para as quais torna-se difícil conciliar o trabalho em Brasília e o cuidado com os filhos que invariavelmente os acompanham quando saem para trabalhar em suas barracas.

Cabe salientar que as mulheres possuem presença marcante entre os trabalhadores que exercem atividades econômicas no DF. Elas também são maioria nos cursos profissionalizantes existentes na cidade como o de Técnico de Enfermagem, oferecido pelo CETEP visando-a uma vaga na saúde pública ou privada do DF, mas principalmente no hospital municipal de Águas Lindas, quando as obras, iniciadas em 2004 e interrompidas desde 2007, forem concluídas.

Dentre os jovens, tanto do sexo masculino como feminino, a principal possibilidade de emprego apresentada tem-se configurado no comércio local, tanto nas feiras, principalmente as denominadas "feiras dos goianos", que se tornou uma mania na cidade, como nas lojas do *shopping center*, além daqueles que trabalham com os pais e/ou outros membros da família ou em um negócio próprio.

CAPÍTULO 2

2. MIGRAÇÕES PARA ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS ENTRE OS ANOS DE 1980 E 2010: CAUSAS E CARACTERÍSTICAS.

Águas Lindas
cidade ainda menina
a sua população
na maioria é nordestina

Cidade nova
de um futuro promissor
constituída em massa
por um povo trabalhador

(Autor: Prof. Vanderley Santos)

A mobilidade populacional na sociedade brasileira é o resultado da produção de desigualdades entre os subespaços regionais, que impulsionam os indivíduos a procurarem melhores condições de vida. Segundo Braga (2010), no Brasil, a transição do modelo agrário exportador para o urbano-industrial, a partir da segunda metade do século XX, foi marcada por uma das maiores correntes migratórias já registradas na história. Essa migração provocou um desequilíbrio dos gráficos entre as regiões brasileiras.

Para Albuquerque Júnior (2009) [...], as regiões são produtos de uma batalha; são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Nessa luta pela apropriação de espaço, ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim a região é o botim de uma guerra.

Nessa batalha os vencedores apropriam-se do espaço geográfico, cabendo aos vencidos submeterem-se à vontade dos "donos" do espaço ou resignarem-se a lutar pelo seu próprio espaço, mesmo que em outras terras.

Das cinco regiões brasileiras, a região Nordeste foi a que primeiro configurou-se como palco de disputas tanto internas quanto externas³² pela posse de seu território.

Segundo Albuquerque Jr. (2009) a imagem que se tem do Nordeste foi inventada mediante o imaginário presente nas narrações de autores como Gilberto Freire, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e outros. Para o autor, a região Nordeste, que emerge na "paisagem imaginária do país nas primeiras décadas do século XX, foi fundada na saudade e na tradição.

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços da história magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que veio à tona e escorreu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença (ALBUQUERQUE JR. , 2009, p: 66)

A região Nordeste do Brasil, que funcionou como área de atração populacional durante o auge da produção açucareira, foi gradativamente perdendo a influência sobre o país a partir da independência do Brasil, com a ruptura do antigo sistema colonial, o declínio da força da elite rural-agrícola e a ascensão de novas conjunturas econômicas internacional e nacional.

Ao longo do século XIX e início do século XX, foi o café que permitiu a emergência de novas áreas e de novas lideranças políticas e econômicas no cenário nacional, trazendo novas contribuições para o aprofundamento da distinção regional em benefício do Sudeste.

A produção cafeeira possibilitou um acúmulo de capital que foi utilizado, no início do processo de industrialização do país na virada do século com a

³² Internamente a eclosão de movimentos de cunho nativista e separatista como a Revolta de Beckmen-MA (1984), Guerra dos Mascates-PE (1710), Inconfidência Baiana-BA (1798), Conjuração Pernambucana-PE (1817), etc.

participação dos imigrantes que já vinham atuando nas lavouras de café. Com as novas indústrias, o Sudeste consolida ainda mais sua hegemonia econômica perante as outras regiões do Brasil.

A atração que essa região exercia sobre o nordestino ocorria em decorrência da oportunidade de se conseguir emprego e, conseqüentemente, melhorar de vida. Essa expectativa era experimentada inclusive por aqueles que saíram dos sertões e do campo. A sedução do modo de vida nas grandes cidades chega aos lugares mais afastados via televisão ou por intermédio dos próprios migrantes, em suas idas e retornos.

Por outro lado, se a cidade exerce fascínio sobre o migrante, funcionando como área de atração, o nordeste o repele, o expulsa ao apresentar entraves que servem de empecilho para o desenvolvimento socioeconômico do nordestino. Dentre esses obstáculos merecem destaque a concentração de terra, da riqueza e do poder, que explora a mão-de-obra dos trabalhadores menos qualificados, dificultando-lhe o acesso à terra por meio da compra.

Outro fator que dificulta a permanência do nordestino na terra natal é a questão das relações de trabalho. A exemplo do que ocorre em outras regiões do Brasil, no nordeste é comum o trabalho infantil, o trabalho feminino com remuneração inferior, o trabalho temporário, o trabalho autônomo. Em geral com empregos a grandes distâncias e salários que provocam esfacelamento do grupo familiar, suficientes apenas para suprir, e mal, as despesas com sobrevivência.

A estiagem periódica no semiárido nordestino e a indústria da seca constituem outro fator que está na raiz das migrações. Sobre a questão da seca no nordeste, Gonçalves afirma que

[...] Mais que a seca, o que expulsa o nordestino é a cerca. Cerca que concentra não somente a terra, mas também a água. A estiagem marca a hora da partida, mas a causa profunda do êxodo reside na estrutura fundiária existente. De resto à concentração da terra e da água, haveria que acrescentar o patriarcalismo e o coronelismo, tão arraigados na cultura brasileira, e dos quais muita gente se liberta no ato mesmo de migrar para a cidade (GONÇALVES, 2001, p: 02).

Assim, a seca quando aliada a outros fatores, contribui para os fluxos migratórios na medida em que provoca escassez de alimentos, elevando seus preços e dificultando o acesso àquela parcela da população de menor poder aquisitivo.

Dentre as principais secas do Nordeste destacaram-se a de 1877, considerada a mais arrasadora³³, e a de 1979, vista como a mais duradoura (5 anos) e abrangente, que contribuíram para o lançamento de um grande contingente de migrantes nas estradas e para a formação do imaginário popular onde a seca passou a predominar como principal paisagem. Sobre isto, Albuquerque Jr comenta que:

[...]Nordeste do fogo, da brasa, da cinza e do cinza, da galharia negra e morta, do céu transparente, da vegetação agressiva, espinhosa, onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes. Nordeste das cobras, da luz que cega, da poeira, da terra gretada, das ossadas de boi espalhadas pelo chão dos urubus da loucura, da prostituição dos retirantes puxando jumentos, das mulheres com trouxas na cabeça trazendo pela mão meninos magros e barrigudos, Nordeste da despedida dolorosa da terra, de seus animais, da antropofagia. Nordeste da miséria, da fome, da sede, da fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul (ALBUQUERQUE JR. 2009, p: 114).

Alguns acontecimentos importantes como a II Guerra Mundial e, conseqüentemente, os investimentos em setores fundamentais da economia brasileira, construção de hidrelétrica, siderúrgicas e metalúrgicas, aliadas à monocultura e mecanização do campo estimuladas por sucessivos governos como modelos de desenvolvimento e crescimento econômico, provocaram transformações na vida social e cultural do Brasil durante a década de 1940.

³³ Além dessas grandes secas, outras podem ser mencionadas como a de 1910, 1914, 1915, 1919, 1921, 1932, 1945, 1951, 1953, 1956, 1959, 1966, 1970, 1993, 1998, períodos marcados pelo êxodo rural, pelas migrações internas e externas, pelos saques a feiras ou armazéns e pela morte de milhões de pessoas, principalmente crianças desnutridas.

Em relação ao Nordeste, essa década foi marcada pelo êxodo de milhares de homens pobres, de origem rural, obrigados a largar seus locais de nascimento rumo ao pujante parque industrial que, desde a primeira guerra, vinha se desenvolvendo na região.

Além do estímulo propiciado pelo mercado de trabalho numa região mais rica, outros fatores, como a melhoria dos transportes e dos meios de comunicação, contribuíram para o incentivo da emigração nordestina. Em relação a este último fator, o desenvolvimento dos correios, dos jornais de circulação nacional e, principalmente, o estabelecimento do rádio como o mais importante veículo de comunicação de massa, contribuíram significativamente para a propaganda das oportunidades do Sudeste, divulgadas e estimuladas pelos governos e instituições interessadas nessa migração e com a própria política de integração nacional defendida pelo governo federal.

2.1. Contexto histórico das migrações dirigidas para Águas Lindas de Goiás.

A região Sudeste do país funcionava então como principal área de atração em decorrência da concentração industrial que atraía mão-de-obra tanto para as indústrias em ascensão, quanto para a construção civil. Entretanto, a partir da década de 1980, ocorreram movimentos de desconcentração produtiva e demográfica³⁴, especialmente na Região Metropolitana de São Paulo, que até então havia monopolizado a atividade industrial do país. O distanciamento econômico e demográfico em relação aos outros estados do país foi-se atenuando com a migração para o Norte e Centro-Oeste.

De fato, nas entrevistas realizadas, os pioneiros relataram que seu destino inicial era o estado de São Paulo ou Minas Gerais, o que demonstra a influência que a região Sudeste do país exercia sobre as demais. Nesse contexto, a senhora Onilda de Jesus narrou que veio para Brasília em 1964. Em 1968 ela retornou para Sudrelândia – BA e que de lá foi para São Paulo, onde trabalhou

³⁴ Devido ao crescimento das cidades de porte médio e ao desenvolvimento de novos eixos de expansão demográfica, sobretudo nas regiões Centro-Oeste e Norte (BRAGA, 2010, p. 03).

durante dois anos, quando novamente retornou à Bahia e de lá regressou pela segunda vez para Brasília.

Dessa forma, a partir da segunda metade da década de 1970, aumentou o fluxo migratório do Sudeste para outras áreas do país, dentre elas a região Centro-Oeste do Brasil, onde localiza-se Águas Lindas de Goiás.

Para facilitar o entendimento dos fatores que motivaram as migrações para Águas Lindas de Goiás, nos períodos supracitados bem como o perfil desse migrante, convencionou-se fazer uma análise concisa das ondas migratórias anteriormente mencionadas.

Heliane Prudente Nunes aponta ainda que a necessidade de sair do lugar original não é precedida de uma tomada de decisão simplista, muito pelo contrário, o migrante, ao sair em busca de uma vida melhor, na grande maioria dos casos parte receoso e triste.

(...) uma vez as condições econômicas constituem o fator de expulsão mais importante, é essencial saber por que mudam as condições e quais são os fatores responsáveis pelo agravamento da situação crítica que afeta a capacidade potencial dos emigrantes de enfrentá-la. Nessa fórmula, três fatores são dominantes, o primeiro é o acesso à terra e, portanto, ao alimento; o segundo, a variação da produtividade da terra; e o terceiro, o número de membros da família que precisam ser mantidos (FAUSTO, 2000).

Na obra "Memória de migrantes: Onde viver o fazer faz o saber", a professora Marilene Marzari Ribeiro (2004) faz uma análise do processo de formação do município de Barra do Garças – MT desencadeada pela migração de nortistas e nordestinos para a Região Centro-Oeste no início do século XX.

De acordo com Fausto (2000) as causas da migração são quase sempre as mesmas, a fuga à pobreza, busca de terras, desemprego, destruição do meio ambiente, guerra, violência, perseguição política ou religiosa. O referido autor conceitua essas causas de "fatores de expulsão associados aos fatores de atração".

2.1.1. Ocupação realizada pelos pioneiros (década de 1980).

No livro “Negócios e Ócios”: Histórias da Imigração, Fausto (1997) narra a trajetória de migração para a América Latina de sua família judia – os salem-impulsionados, não por condições econômicas como fator de expulsão, o que acontecia com milhões de famílias, mas pela sensibilidade diante de mudanças sociais e políticas.

Para a família, ao longo dos muitos anos em que viveram no Brasil, a sensação de perda sempre esteve presente, como relata o autor:

Os Salem lamentaram ter deixado para trás os tapetes turco, as cobertas de mesa finamente bordadas, a prataria lavrada, com seus desenhos de inspiração oriental, as caixas de madeira entalhada onde brilhavam as madrepérolas. Nos enormes baús trancados com cadeado, trouxeram uma mínima parte desses bens, como se quisessem partir do princípio, conservando apenas fragmentos de uma fase de suas vidas que se encerrara irremediavelmente (FAUSTO, 1997, p. 43-44).

Assim os fatores de expulsão e de atração que motivaram a migração da família Salem diferenciam-se daqueles que impulsionaram as migrações para Águas Lindas de Goiás conforme será analisado mediante relato das pessoas entrevistadas neste estudo.

No universo de migrantes que chegaram a Águas Lindas de Goiás na década de 1980, encontramos o sr. Francisco Assis Alexandre (Pai Velho), considerado pela população uma referência em relação à memória da história local no período analisado. Solicitamos a ele a colaboração com a pesquisa no sentido de conceder uma entrevista, e, ao responder a uma das perguntas sobre qual o motivo de sua vinda para Águas Lindas de Goiás, ele nos respondeu da seguinte forma:

(...) Mia fia, é porque no Ceará era naquele tempo um dia de serviço era dois tostões. Primeiro eu ia pra São Paulo. Então cheguei em Minas, gostei. Vim pra cá, gostei também e fiquei.

Você sabe no Ceará têm muitos estados³⁵ castigados pela seca, hoje não, hoje já tá muito bom, mas naquele tempo, né? (Francisco, 89 anos, cearense. Entrevista realizada em 31/07/2012).

Neste fragmento de texto, o senhor Francisco, comerciante, evidencia que a seca no sertão do Ceará, aliada à baixa remuneração, foram decisivas para a realização da migração pelo fator social, o que confirma a teoria defendida por Fausto (2000) de que as condições econômicas constituem o principal fator de expulsão.

Durante os relatos, o entrevistado fazia esforços para lembrar-se de detalhes, como o dia exato em que chegou a Águas Lindas, mas não conseguiu, o que é explicado por Ricoeur (2007, p. 434) ao afirmar que a "própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento".

Mariano Rufino de Farias, seu Farias, como é conhecido por todos no setor em que mora, relembra da seguinte forma a saída da Paraíba em busca de melhores condições de vida:

[...] Primeiro vim para Cachoeira Dourada (MG). Um rapaz veio e esse amigo meu, a mulher dele era amiga da minha, aí nós veio no chamado dele que era bom, que era aquilo. Cheguei lá, não gostei aí vim pra Brasília em 1958 e fiquei lá até 66. Lá era nois trabalhando e o JK, bem assim (aponta para frente) oiando (risos) [...]. (Seu Farias, 84 anos, paraibano. Entrevista realizada em 28/09/2012).

Esse relato evidencia que parte dos movimentos migratórios ocorrem incentivados por pessoas que realizaram esse processo anteriormente e que, ao manterem contato com seus familiares em visitas à terra natal, acabam confirmando direta ou indiretamente o imaginário que esses nutrem a respeito da migração como solução imediata para os problemas econômicos e sociais que os acometem. Essa concepção de sujeito bem sucedido que o propenso migrante tem dos veteranos

³⁵ O entrevistado quis referir-se aos municípios cearenses.

configura-se na forma deste se vestir, na aparência da pele e, em alguns casos, nos bens que ostenta, como o carro.

A possibilidade de melhorar de vida, aliada à oportunidade de obtenção de produtos que permeiam seu imaginário e do incentivo para migrar, faz com que a pessoa ouse fazê-lo, sendo recepcionada e às vezes hospedada por um parente, amigo, ou futuro empregador. Posteriormente essa pessoa encarrega-se de incentivar a migração de outros grupos, alimentando assim o fluxo migratório corrente, que pode ser dificultado pelo escasso poder aquisitivo dos envolvidos no processo, demonstrando o outro lado da migração, que é fato de que o sucesso oriundo dela pode ter caráter utópico.

Sobre este aspecto da migração, em seu relato, Ana Cláudia, manicure, relembra que:

[...] Lá no Ceará todos eram obrigados a trabalharem. Quando eu viajei para lá, há 5 anos atrás o meu irmão queria vir comigo mas não veio, porque o carro estava já cheio [...] (Ana Cláudia, 27 anos, cearense. Entrevista realizada em 27/08/2012).

Segundo Ana Cláudia, ela veio sozinha para a cidade e continua sozinha até a atualidade, pois embora outros membros de sua família tenham vontade de vir, as condições financeiras destes não lhes permite.

Nessa condição, concordamos com o Professor Hidelberto de Sousa Ribeirão ao afirmar

[...] deve-se afastar a ideia de que a migração é determinada por elementos subjetivos, isto é, as pessoas migram porque sentem desejo de fazer isto. A migração é um processo social, possuindo condicionantes sociais, políticos, econômicos e culturais que atingem os indivíduos independentemente de sua vontade. Há vários tipos de migrações: rural-rural, rural-urbana, urbana-urbana e urbana-rural. (RIBEIRO, 2001, p. 137).

Neste contexto as pessoas entrevistadas realizaram diferentes tipos de migração, tanto a rural-rural e rural-urbana (êxodo rural). No caso dos pioneiros³⁶, por terem se instalado em uma área inicialmente rural, semelhante àquela da qual saíram, afirmaram em seus relatos não terem sentido dificuldades de adaptação, como afirma o senhor Farias. Cabe salientar que, entre os representantes da 3ª onda³⁷ migratória, as dificuldades de adaptação à nova cidade foram maiores porque realizaram a migração urbana-urbana, mas com características de urbana-rural.

[...] Quando eu cheguei aqui meu primeiro sentido foi trabalhar, porque eu fui criado trabalhando e lá não tinha emprego. Entences eu acreditei que aqui era melhor pertinho de Brasília, né? Achei muito bom, tava com saúde, muita chuva, garrado numa enxada, tinha um corregozinho que não secava, plantei cana, aí disse a muier: - Muier, se Deus quiser nunca mais falta feijão em nossa panela [...] (Farias, 84 anos, paraibano. Entrevista realizada em 28/09/2012).

Cabe ressaltar que, embora o sr. Farias tenha chegado à essa região antes da década de 1980, período de delimitação desta pesquisa, o relato foi de fundamental importância, por contribuir não só com as descrições da localidade, possibilitando o conhecimento de fatos mais antigos, como por oferecer informações sobre migrantes nordestinos que se fixaram na região, após sua chegada.

Outro aspecto relevante que merece atenção especial é o fato de que os pioneiros entrevistados, analfabetos ou semianalfabetos, que viram na migração uma espécie de fuga da situação de extrema pobreza em que viviam em seus estados de origem. Para eles, o trabalho braçal com o qual se defrontaram em seu novo destino não era nenhuma novidade, pois tinham consciência de que esta era a única atividade remunerada que poderia ser exercida por aqueles que, segundo o sr. Francisco, "não tinha leitura".

³⁶ Nesse grupo estão os pioneiros representantes da 1ª onda migratória.

³⁷ Essas pessoas moravam em capitais nordestinas e passaram a residir em uma cidade marcada por traços da zona rural.

[...] Quando eu cheguei aqui, eu fiquei aqui, abrindo poço, capinando lotes, cercando lotes. Eu não tinha profissão nenhuma, meu serviço era braçal, qualquer serviço. Eu tinha vontade esmo era de estudar, não estudei. Mesmo assim o serviço não faltou. O que é que eu quero, um homem que não tem estudo? Aí chegou a minha idade e me aposentaram pelo Fundo Rural. (Francisco, 89 anos, cearense. Entrevista realizada em 31/07/2012).

Lastimando também a falta de estudos, a senhora Onilda de Jesus relatou

[...] Eu parei de estudar pra trabalhar. O povão do interior é besta, só se influi em roça (olhar triste). Meu pai falava que menina muier não precisava estudar, pra quê? Só precisava saber ler e escrever o nome [...] (Onilda, 67 anos, baiana. Entrevista realizada em 04/08/2012) [...].

A partir do exposto, percebe-se que o perfil do migrante recebido inicialmente por Águas Lindas de Goiás, salvo algumas exceções, é marcado pelo analfabetismo que acometia tanto homens quanto mulheres, frutos de uma educação informal, visto que a educação formal era privilégio de uma elite da qual esses migrantes sempre estiveram excluídos.

A exemplo da primeira onda migratória ou dos migrantes pioneiros, a segunda onda migratória manteve a questão econômica como principal fator de expulsão. Entretanto o indicador sociocultural dos migrantes apresentava uma melhora significativa quando comparada à primeira onda, como veremos no próximo item.

2.1.2. Migração motivada pela aquisição da casa própria ou de aluguéis mais acessíveis.

A aquisição da casa própria constitui um dos principais sonhos da sociedade brasileira despossuída desse bem. Entre aqueles que compõem a classe

menos favorecida, o número de pessoas que alimentam esse desejo tende a ser maior devido à discrepância existente entre baixos salários recebidos e os altos preços cobrados pelos imóveis, o que dificulta e/ou impossibilita a compra. Essa situação agrava-se ainda mais quando, além da questão econômica caracterizada pela pobreza, a pessoa também encontra-se inserida no contexto da migração.

A falta de moradia, na maioria das vezes não é um problema para o migrante em seu estado de origem; pois o que realmente lhes falta são empregos, acesso a saúde e oportunidades de crescimento profissional. Todavia passa a constituir-se um dos principais obstáculos a ser enfrentado no novo local escolhido por esse para residir. Para o migrante, a casa é vista como locus da moradia, espaço de proteção e lazer do grupo familiar. Por conseguinte, é um ponto de referência a partir do qual são delimitadas fronteiras políticas, socioculturais e geográficas (RIBEIRO, 2001, p. 200).

Dessa forma, mesmo que singela, a casa própria representa para o migrante um local de refúgio indispensável, aquela que garantirá abrigo para si próprio e para sua família, principalmente na iminência de desemprego e na impossibilidade de pagar pelo aluguel de um imóvel.

Partindo desse pressuposto é que se visualiza a formação inicial de Águas Lindas. Expulsos do DF por uma política habitacional que não os contemplava, envoltos em uma aura de exclusão, o migrante responsável pela construção de Brasília é obrigado a abandoná-la, contra sua vontade, seguindo para as áreas periféricas da capital, o Entorno do DF.

Assim, indesejados no DF e estranhos no Entorno, o migrante optou por acostumar-se ao novo espaço de moradia a continuar submetendo-se às sucessivas retiradas de seus barracos de uma cidade satélite para outra e ficar aguardando novas remoções. Para esse e outros migrantes, Águas Lindas acenava com a possibilidade de adquirir um imóvel. Inicialmente constituíram-se em lotes financiados, em quantidade de prestações que variavam de acordo com a vontade e a renda mensal do comprador³⁸. Construía-se um ou mais barracos em fundos de

³⁸ Era comum a existência de lote onde eram construídos vários barracos de madeirite e/ou de tijolos para abrigar pessoas de uma mesma família.

quintal, deixando a frente do lote livre para, posteriormente, erguer-se a casa definitiva. O dinheiro economizado com o pagamento do aluguel no DF passou a ser utilizado para pagar as prestações do lote, que eram acessíveis, quando comparados aos valores cobrados no DF. Entretanto existiam também pessoas sem condições de comprar nem um lote. Nesse caso os aluguéis com preços mais acessíveis contribuíram para atrair esse migrante para a cidade.

As sucessivas migrações para Águas Lindas de Goiás demandavam uma oferta maior de bens e serviços, que culminou com o surgimento de novos estabelecimentos comerciais além da ampliação dos já existentes, que, mesmo representando um acentuado progresso, ainda eram insuficientes para atender às necessidades da crescente população.

A maciça ocupação da cidade não foi acompanhada de investimentos em infraestrutura nem em saneamento básico, o que deixava a população privada de direitos fundamentais como abastecimento de águas tratadas, fornecimento de energia elétrica, coleta de lixo, rede de esgoto, sendo que alguns desses problemas ainda persistem.

Quando viemos para cá, nós já viemos para minha casa, só que estava feito piso grosso, parede sem rebocar, mas eu enfrentei porque eu queria estar no meu lar. (Raimunda, 46 anos, piauiense. Entrevista realizada em 20/05/2012).

As dificuldades que os migrantes tinham que enfrentar não eram somente econômicas, mas também de adaptação a uma nova forma de sobrevivência em um local onde faltava praticamente tudo, que exigia, em alguns casos, longos deslocamentos para se obter gêneros de necessidades básicas do cotidiano. Segundo uma entrevistada:

Eu não queria vir para cá, não. Só tinha muita terra, poeira, pessoas mal encaradas, fora da minha realidade, até hoje tem que ir ao Jardim Brasília para comprar o que necessita. Agora já tem padaria, mercadinho, farmácia perto da minha casa, mas

antes não tinha nada disso não (Ana Cláudia, 27 anos, cearense. Entrevistada em 27/08/2012).

O relato de Ana Cláudia demonstra a insatisfação inicial dos migrantes em relação às carências apresentadas pelo Parque da Barragem no início de seu processo de ocupação populacional. Culminou com a luta em prol da emancipação política como possível oportunidade de obtenção dos benefícios até então negados a seus habitantes. A gestão dos recursos públicos estava concentrada em Santo Antônio do Descoberto.

Dessa forma, no início da ocupação Águas Lindas apresentava uma paisagem formada por construções inacabadas. Mas que naquele momento atendiam as expectativas daqueles que, ao serem expulsos do DF, partiram com o objetivo de (re)encontrar um espaço próprio, onde pudessem fixar raízes. Essa determinação os fez ocupar os espaços abundantes e disponíveis que foram utilizados, tanto para a construção de suas residências, quanto para a edificação de escolas, igrejas, postos de saúde, associações de moradores, reivindicadas por eles mesmos.

No entanto, apesar das construções existentes, eram frequentes a ocorrência de lotes vazios, com densa vegetação, o que favorecia o aumento da violência e da criminalidade, fator que projetou a cidade no cenário nacional, tornando-a conhecida como uma das mais violentas, tanto do entorno do DF como do Brasil³⁹. No entanto, quando passou a vigorar no município a política do Governo Federal intitulada "Minha Casa Minha Vida" a partir de 2009, atendendo às famílias mais necessitadas, áreas devolutas foram diminuindo com a construção de casas a serem financiadas pela Caixa Econômica Federal (CEF) em muitos setores da cidade. Essas casas significavam para aqueles que pagavam aluguel em Águas Lindas a oportunidade de adquirirem a casa própria, como lembra uma de nossas entrevistadas.

³⁹ Segundo pesquisa do Instituto Sangari (2005) Águas Lindas de Goiás é a 47ª cidade mais violenta do Brasil e a 4ª do estado de Goiás.

[...] Primeiro eu vim morar com as minhas irmãs, de aluguel, no DF. Depois elas conseguiram casas aqui no Goiás. [...] Eu consegui uma casinha da Caixa, já tá com um ano e 4 meses que eu pago a minha casinha. (Maria Severina, alagoana, 33 anos. Entrevista realizada em 31/10/2012).

Figura 8: Barracos de fundo de quintal (1996).



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro

Na fotografia acima percebe-se um lote onde foram construídos quatro barracos, sendo dois de fundo, um à esquerda (de madeirite) e um na frente, onde se encontra o garoto. Os limites de cada um são delimitados por uma cerca de arame.

A construção dessas casas fez com que aumentassem também os investimentos em infraestrutura na cidade. Inicialmente eram erguidas em áreas distintas, independentemente das ruas serem pavimentadas ou não. Entretanto, por meio da Medida Provisória 514/2010 (de 11 de fevereiro), prorrogada até 30 de junho do citado ano, é exigido que as moradias destinadas ao programa "Minha Casa, Minha Vida" sejam construídas em ruas asfaltadas, sob pena da CEF não liberar dinheiro para financiar a venda (O DESCOBERTO, Março 2010, p. 12). Essa medida contribuiu para que as ruas da cidade onde essas casas são construídas sejam asfaltadas, aumentando assim a área pavimentada que até então era irrisória.

Para o migrante nordestino acostumado a morar em ruas lamacentas, muitas vezes em imóveis alugados, a possibilidade de residir na casa própria e em rua asfaltada significava uma das maiores conquistas obtidas desde a fracassada tentativa de conseguir lotes no DF. No entanto, para alguns desses migrantes o deslumbramento instantâneo foi passageiro, pois a realidade descortinou-se deixando à mostra a pérfida qualidade das casas adquiridas, sendo detectados por alguns compradores o envergamento da madeira dos telhados e rachaduras nas paredes. Sendo assim, no dizer de uma de nossas entrevistadas:

[...] Olha a casa é boa, só que essas casas estão dando muito problema, muita gente reclama de rachadura; a lá de casa tem rachadura no canto das paredes, no portão, no teto, na laje.[...] Meu sonho era conseguir um cantinho e esse objetivo eu encontrei, só que, igual passa na televisão - o sonho vira pesadelo. É um absurdo comprar uma casa de 85 mil e quando ver a casa tá toda detonada (Maria Severina, alagoana, 33 anos. Entrevista realizada em 31/10/2012).

O relato de Maria Severina demonstra a frustração com o imóvel adquirido. Situação denunciada pelo Jornal O DESCOBERTO (Março, 2011, p. 13) ao citar casos de compradores que recorreram ao Procon para que suas casas fossem consertadas. Essa dificuldade também é enfrentada por outra migrante nordestina, conforme nos relatou.

A casa é toda bonitinha, mas a estrutura não foi feita para durar muitos anos. O dono vai ter que arrumar. A minha casa é de laje, mas já tem infiltração. [...] Eu comecei pagando R\$ 990,00, mas como as prestações são decrescentes, este mês eu paguei R\$ 871,00 (Raimunda Evangelista, maranhense, 50 anos. Entrevista realizada em 05/11/2012).

Entretanto, mesmo não estando completamente satisfeitos com o imóvel adquirido, o migrante não tenciona deixá-lo, pelo contrário, tem-se aumentado a oferta dessas casas, o que demonstra uma demanda significativa uma vez que ao término da construção essas são vendidas de imediato. Isso mostra um

lado contemporâneo da ocupação da cidade, que além de abrigar seus migrantes, também é responsável por proporcionar moradia para a geração seguinte, como relata o corretor Brandão em seu relato:

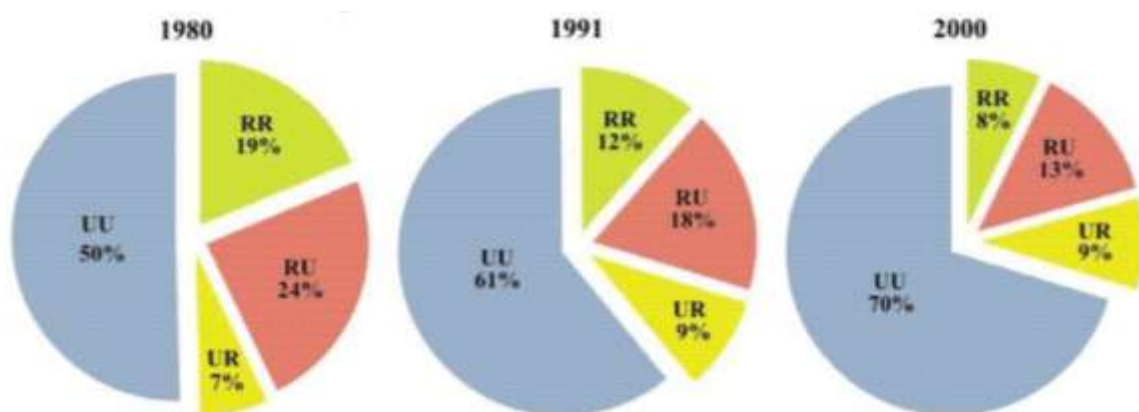
Atualmente, o morador de Águas Lindas, aquele que compra lotes e casas são os descendentes, ou seja, os filhos de compradores. (Brandão, 58 anos. Entrevista realizada em 17 de agosto de 2012).

Em Águas Lindas o migrante fixou raízes, constituiu família, adquiriu a casa própria por mecanismos diversos e atualmente desdobra-se para auxiliar os filhos na inexorável luta pela sobrevivência, numa tentativa de evitar que sejam forçados a repetir a façanha realizada pelos pais de migrar em busca de melhores condições de vida, durante a década de 1980.

Dessa forma, de acordo com Braga (2010), os investimentos para integração do território realizados nas décadas anteriores a 1980 começaram a surtir efeitos com o crescimento das cidades de porte médio e o desenvolvimento de novos eixos de expansão demográfica, principalmente nas regiões Centro-Oeste e Norte.

A determinação de maior dinamismo econômico imposta às regiões brasileiras, face à necessidade de inserir a economia brasileira aos mercados globalizados, fez com que o perfil do migrante sofresse alterações. Requerem-se indivíduos mais escolarizados, o que contrasta, no caso de Águas Lindas de Goiás, com os migrantes recebidos pela localidade nas décadas de 1960 e 1970. A exigência pelo aumento da qualificação dos migrantes altera as formas de participação dos mesmos nos mercados de trabalhos urbanos e contribuem para reduzir o êxodo rural, conforme ilustrado pelas figuras 9 e 10.

Figura 9: Migrações Internas no Brasil segundo situação de residência na origem e no destino - 1980, 1991 e 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

LEGENDA:

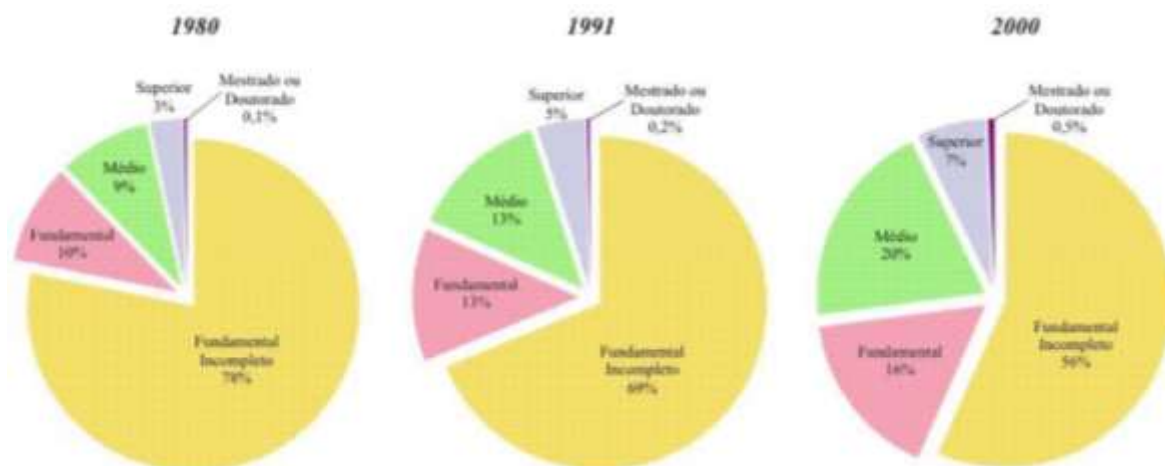
UU - Urbana-urbana

RR - Rural-rural

RU - Rural-urbana

UR - Urbana-rural

Figura 10: Escolaridade dos migrantes internos - Brasil 1980 a 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

A figura 9 permite observar que nas últimas décadas do século XX houve redução de importância do êxodo-rural. Se por um lado, durante as décadas de 1970 e 1980 os movimentos de trabalhadores do campo em direção às cidades foram fundamentais para o processo de reestruturação econômica do país; por outro o esvaziamento das áreas rurais, foi progressivamente dando espaço para trocas populacionais entre áreas urbanas.

Assim, a figura 9 mostra que metade dos migrantes internos da década de 1980 eram oriundos de áreas urbanas, sendo que o êxodo rural representava $\frac{1}{4}$ deste total. Ao longo dos últimos trinta anos, as trocas de tipo urbano-urbano alcançaram 70% do total das migrações, enquanto as migrações campo-cidade reduziram continuamente sua participação até alcançar 13% do total dos movimentos em 2000.

O paralelo traçado entre as duas figuras permite constatar um crescimento da migração urbana-urbana entre 1980 e 2000 seguido também de um tímido aumento da escolaridade desses migrantes. Isso ocorre por que na cidade existe uma exigência maior pela mão-de-obra qualificada, sendo esse um dos requisitos para que o indivíduo possa inserir-se e manter-se no mercado de trabalho.

Esses dados contribuem para a compreensão do perfil do migrante nordestino que chegou a Águas Lindas de Goiás a partir da década de 1980. Em sua maioria esse fluxo populacional é constituído por pessoas que já habitavam áreas urbanas de estados nordestinos e que, por falta de oportunidades de emprego, de estudo ou de ambos, migraram para a região Centro-Oeste e paulatinamente foram convergindo para esta cidade.

No caso dos migrantes pioneiros, que ocuparam essa região na década de 1970, o mais comum era a existência da família patriarcal, cujo processo migratório foi sendo idealizado e concretizado sob a liderança do patriarca, ou seja, do pai, que era o responsável, inclusive, por suprir todas as necessidades da família antes, durante e após a viagem, como afirmou o sr. Farias ao recordar as precárias condições em que foi realizada a viagem da Paraíba para Brasília.

[...] Eu vim pra cá com a família. Viemos num pau de arara sentado numa tábua dessas (bate no banco onde estava sentado). Não podia esticar as pernas. Do jeito que sentava ficava. Vendi umas coisinhas que tinha e comprei a passagem. Passei muitas dificuldade. Trouxe 2 meninos pequenos. Foram 15 dias de viagem. Na última noite de viagem tive que vender uma bruaca⁴⁰ de couro pra poder comprar carne e farinha pra comer. (Seu Farias, 84 anos, paraibano. Entrevista realizada em 28/09/2012).

Nas décadas de 1980 e 1990, em virtude da mudança no perfil do migrante motivado em parte pelas novas exigências do mercado de trabalho, tornou-se comum o indivíduo ainda jovem migrar sozinho na perspectiva de obter recursos para amenizar a pobreza da família. Desta forma, alguns, ao conseguirem empregos e fixarem residências nas áreas de destino, reservavam uma parte de seus modestos salários para enviar à família que ficou no nordeste. Outros, motivados pela saudade dos familiares distantes e esperançosos de conseguirem empregos para os demais membros da família, optaram por incentivá-los estes também a migrar.

Nesse sentido, Sebastião Pereira Ramos, vigia escolar, pernambucano, que morou no Maranhão, no Piauí e veio para Águas Lindas de Goiás em 1997, afirma

[...] É o seguinte muiet: meus meninos foram criados mais eu, tudo lá no Maranhão, mas lá é um lugar que é difícil ganhar um trocado. Mais aí com o tempo eles foram vindo e arrumaram um emprego no DF. Primeiro veio o Raimundo, depois veio os outros, mas aí com o tempo eles mandaram me buscar. Compraram um lote aqui, mandaram construir a casa e me trouxeram. Depois eles também vieram pra cá né? pois é! (Sebastião, 68 anos, pernambucano. Entrevista realizada em 27/09/2012).

O relato do sr. Sebastião evidencia duas realidades anteriormente mencionadas: primeiro, o fato das migrações serem influenciadas por questões

⁴⁰ Recipiente usado para colocar água, com capacidade para aproximadamente 01 lata d'água.

econômicas quando colocou que "lá (no Maranhão) é um lugar que é difícil ganhar um trocado"; segundo, confirma que a onda migratória de 80 e 90⁴¹ teve como principais protagonistas jovens ávidos por empregos e por oportunidades de auxiliarem suas famílias.

Diferentemente dos pais, que, devido à idade avançada e às dificuldades a que foram submetidos durante a realização de árduas tarefas a fim de lhes garantir a sobrevivência, mas que também fizeram esvair suas forças, os filhos têm a perspectiva de crescimento pessoal e profissional.

Esse crescimento é incentivado tanto pela necessidade de obter um trabalho mais bem remunerado, quanto pelo exemplo dos pais de que quanto menor a escolaridade, maior a probabilidade de constituir-se em mão-de-obra explorada, dessa vez nos centros urbanos.

Dessa forma, ao analisar as variáveis que influenciaram os fluxos migratórios nas últimas três décadas, Gonçalves (2001) é categórico ao afirmar que fatores como a crise econômica e o desemprego crescente, as transformações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações entre outros contribuem decisivamente tanto para o quadro de indigência que se amplia, quanto para os deslocamentos compulsórios da população pobre.

Influenciados pelo desejo de obterem empregos para si mesmo e para outros membros da família, alguns migrantes deixam sua terra natal e sua gente. Se pudessem optar, com exceção dos aventureiros, todos os demais migrantes decidiriam permanecer no solo onde enterraram seus mortos. A migração, neste contexto é forçada e surge como uma forma de garantir a sobrevivência.

Entretanto, cabe ressaltar que existe um outro fator, também ligado à questão econômica que incentiva as pessoas, principalmente as mais jovens, a migrarem. Trata-se da necessidade de ingressar em um curso superior e/ou técnico, que normalmente não é oferecido em seu local de origem que visa preparar o

⁴¹ Essas décadas coincidem com o período de chegada da segunda onda migratória a Águas Lindas de Goiás.

indivíduo para atender às exigências do mercado de trabalho necessitado de mão-de-obra qualificada, temática esta que será abordada no próximo item.

2.1.3. Migração motivada por qualificação profissional.

Justificando o aperfeiçoamento profissional como motivo para a realização da migração, Braga (2010) argumenta que o aumento da qualificação dos migrantes altera as formas de participação deles no mercado de trabalho urbano, cuja alta seletividade imprime novas características às forças da atração e repulsão populacional.

Nesse caso prevalece a migração urbano-urbano, uma vez que o migrante já residia em uma pequena ou média cidade e mudou-se para outra que lhe acenasse com a possibilidade de prosseguir os estudos. Em seus municípios nordestinos de origem, há escassez de Estabelecimentos do Ensino Superior Públicos. Os escassos recursos dos pais impossibilitavam os estudos na rede privada de ensino.

Jelma Alves Mota, professora, relembra os motivos que a fizeram sair do Maranhão, seu estado de origem, com destino ao Centro-Oeste brasileiro. Nesse sentido ela afirma:

[...] Eu vim em julho de 1989 para Goiânia, Fiquei lá até julho de 1993 quando regressei para São Luís. Passei um ano e pouco lá, quando perdi o papai (pausa). Em junho de 1995 eu voltei para cá novamente para estudar porque em minha cidade (Sambaíba-MA) não tinha curso superior, então eu queria me aprimorar. Em São Luís eu ainda estudei, mas não gostei de lá, eu sofri muito lá [...] (Jelma, 38 anos, maranhense. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Em seu relato, a professora Jelma descreve emocionada como foi colocada em sua cabeça, desde pequena pelos pais, a necessidade de concluir um curso superior e tornar-se uma servidora pública efetiva. Foi esse sonho que a

conduziu a Samambaia, cidade satélite do DF em 1995 e, posteriormente, em 1996 a Águas Lindas de Goiás, onde concluiu o curso de Pedagogia. Encontrando-se atualmente como professora do DF está no oitavo período de licenciatura em Letras, além de ter sido aprovada em concurso público e da rede municipal de ensino de Águas Lindas.

O exemplo da professora Jelma não é um caso isolado. Em nossa pesquisa constou-se que a migração motivada pelo fator educacional ocorre com frequência, conforme nos conta Raimundo Nonato.

[...] Eu vim para Brasília em 1998 e fiquei na Santa Maria⁴². Em 2000 eu vim pra cá, no início do ano, porque eu cheguei em 98 e em 98 mesmo eu comprei um lote aqui neste setor Jardim América. A minha primeira pretensão era estudar e fazer artes cênicas. Quando eu parei de estudar em Turiaçu-MA eu disse: agora eu vou fazer arte cênicas no DF. Mas nunca dei conta. Agora parti pra outra área. Aí vim pra Águas Lindas porque não queria mais pagar aluguel, aí vim pra cá, aí quando eu cheguei em Águas Lindas eu consegui um contrato na Prefeitura. (Raimundo Nonato, 37 anos, maranhense. Entrevista realizada em 03/10/2012).

Raimundo Nonato aponta neste fragmento as razões de sua dupla migração. Em um primeiro momento, migra do Maranhão para Brasília, visando ingressar na universidade e concluir um curso superior. Não conseguindo alcançar tal objetivo, migra para Águas Lindas fugindo dos elevados preços dos aluguéis cobrados em Santa Maria, onde residia na época.

Dessa forma, a vinda para Águas Lindas de Goiás resolvia, simultaneamente, os dois principais problemas enfrentados por Raimundo Nonato; pois ao sair do DF e vir provisoriamente morar com a irmã e os sobrinhos, de favor, na casa de uma conhecida, eles conseguiram economizar o suficiente para comprar um lote e posteriormente construir uma casa.

O próximo passo, segundo Raimundo Nonato, foi comprar um outro lote e construir um "barraco" exclusivamente para ele e ingressar em 2003, no curso

⁴² Cidade satélite do Distrito Federal.

de Licenciatura em História. Não pagando aluguel, o salário como professor permitia pagar a faculdade. Embora esse não fosse o curso superior que sonhara. Raimundo Nonato declara-se satisfeito com o que já conseguiu em Águas Lindas, porém, não está acomodado. Ele é o protagonista de uma curta metragem ainda não concluída e espera ansioso sua estreia no cinema como ator. Sobre esse aspecto, ele afirma

[...] Eu acho que sonho a gente tem que realizar e a profissão de artista é muito boa porque a gente sempre está vivendo um sonho diferente, interpretando um texto diferente, interpretando um texto diferente que na vida real você não vive. (Raimundo Nonato, 37 anos, maranhense. Entrevista realizada em 03/10/2012).

Raimundo Nonato sintetiza nesse relato a questão do sonho como mecanismo de motivação para o migrante. Neste sentido, parafraseando Euclides da Cunha, podemos dizer que o migrante é, antes de tudo um forte, um guerreiro no caminho da sobrevivência, que luta para transformar a adversidade em oportunidade, o medo, em superação, o fracasso, em conquistas.

A ideia de migrar objetivando continuar os estudos também está clara no relato da manicure Ana Cláudia ao afirmar

[...] Comecei a trabalhar aos oito anos de idade como babá. Hoje sou manicure, mas o meu sonho era ser médica da aeronáutica porque sempre me chamou a atenção. Quando eu vim para Brasília em 2000 o meu primeiro patrão me apresentou a um sargento só que eu não consegui passar na prova de fogo⁴³ e de pular de pára-quedas (Ana Cláudia, 27 anos, cearense. Entrevista realizada em 27/08/2012).

Curioso é que, embora Ana Cláudia aparente gostar do que faz, frisou que o resultado do seu trabalho é percebido imediatamente, ao pegar pés e mãos acabadas e deixá-los perfeitos. Demonstra também uma certa melancolia por ainda

⁴³A entrevistada referia-se à prova de tiro.

não ter realizado o sonho de ganhar dinheiro suficiente por falta de estudos, para comprar uma casa boa para sua mãe, que reside em Fortaleza (CE). A frustração sentida por Ana Cláudia demonstra que os laços afetivos com a terra de origem não foram totalmente cortados, o que evidencia um lado sombrio e complementar do processo migratório: o desenraizamento e o re-enraizamento.

Enquanto esse sentimento de não pertencimento não se dissipar, o processo de re-enraizamento do migrante fica difíceis, gerando empecilhos para que ele possa permanecer no local escolhido para residir.

O processo migratório é marcado pela certeza que antecede a incerteza. A certeza encontra-se no fato de que mudar é a solução mais plausível para combater principalmente os problemas econômicos. A incerteza é encontrada posteriormente, na dúvida a respeito da eficácia dessa decisão.

Nesse contexto, ao migrar, o indivíduo provoca uma ruptura com os laços afetivos⁴⁴ que mantinha com sua terra natal num processo denominado desenraizamento. E o fenômeno é caracterizado pela saudade de pessoas, de lugares e de momentos.

A extensa rede de parentesco deixada para trás, juntamente com a cultura e os sonhos, influencia no medo, ódio e/ou frustração que caracterizam seu encontro/desencontro com a vida em outro domicílio. Essa situação é agravada pela necessidade de adquirir novos códigos de linguagem e de comportamento para ser aceito pela nova sociedade e que podem dificultar o re-enraizamento e, por isso, resultar em novas migrações.

A esse respeito BOSI (1992: 17), no artigo “Cultura e desenraizamento”, ao analisar os impactos provocados pela migração afirma

O migrante perde sua paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de se vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem.

⁴⁴ Alguns desses migrantes passam muitos anos sem retornar por vários motivos como formação de família, trabalho ou falta de condições financeiras.

[...] Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar, o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão.

Ao migrar, a pessoa transporta mais do que a “bagagem material”, leva consigo principalmente a expectativa de melhorar de vida. Entretanto, ao chegar ao novo destino, pode ocorrer um choque entre o imaginário que provoca sua mente a respeito do que poderia encontrar e o que realmente encontra.

Nos primeiros dias, a sensação de desamparo, de perda, aliada às lembranças dos familiares que ficaram para trás constitui-se um obstáculo à adaptação ao novo habitat que se descortina à sua frente. Existe uma resistência, às vezes inconscientemente, por parte do migrante às condições climáticas do local, à culinária, aos costumes bem como a tudo que se contraponha em sua vida anterior.

Entretanto, as entrevistas revelaram que, quando o movimento migratório foi realizado por toda a família, o processo de adaptação de seus membros demonstrou eficácia maior que nos casos individuais.

Corroborando essa ideia, RIBEIRO (2001) argumenta que “enquanto grupo, a família se define por pertencimento, afinidade e sentimento, sendo primordial para o enraizamento do grupo em determinado lugar”.

Esse fato explica em parte o porquê de algumas das pessoas entrevistadas, mesmo tendo afirmado sentirem inicialmente dificuldades para se adaptarem ao modo de vida em Águas Lindas, não cogitarem a possibilidade de realizarem a migração de retorno para seus estados de origem, após terem constituído família nessa cidade, evidenciando que essa instituição serviu como elemento re-enraizador desse migrante.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que os migrantes da primeira onda, ou seja, os pioneiros eram filhos de pais agricultores, com pouca ou nenhuma escolaridade, cujos filhos estavam no mesmo contexto e que, por serem acostumados a realizar trabalhos braçais, migraram não para fugirem desses trabalhos, mas para encontrá-los em outro lugar, uma vez que em suas cidades de

origem esses trabalhos eram escassos e mal remunerados, em decorrência da grande quantidade de mão-de-obra disposta a realizá-los.

No caso da segunda onda migratória, que tinha como objetivo principal adquirir a casa própria ou alugueis mais acessíveis, o migrante, ainda que descendente de pais analfabetos, não era, embora a escolaridade fosse baixa. A terceira onda é formada por aqueles que migraram pela necessidade de obter qualificação. Embora os pais possuem baixa escolaridade, os filhos migrantes possuem ensino fundamental ou médio.

Cabe salientar que as entrevistas forneceram os dados para a classificação das três modalidades migratórias.

A análise da tabela abaixo permite-nos constatar que entre 1995 e 2000, tanto Goiás como o Distrito Federal tiveram saldo migratório positivo. Nos estados nordestinos, com exceção do Rio Grande do Norte, esse saldo foi negativo. Entretanto, entre 2005/2010, Sergipe, a exemplo do Rio Grande do Norte, também apresentou saldo migratório positivo⁴⁵, enquanto houve grande discrepância entre o saldo migratório de Goiás e do Distrito Federal.

⁴⁵ Importante ressaltar que apesar do visível crescimento populacional alcançado por Águas Lindas de Goiás, os Censos (2000/2010) realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontam para um declínio de 37% no fluxo migratório brasileiro nos últimos quinze anos, causado em parte pela melhoria nas condições de vida no Norte e Nordeste. No entanto, a mesma pesquisa mostra que o estado de Goiás, experimentou um leve aumento no saldo migratório.

TABELA 1. Imigrantes, emigrantes e saldo migratório, segundo as Unidades da Federação - 1995/2000 e 2005/2010.

Unidades da Federação	1995/2000			2005/2010		
	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório
Brasil	5 196 093	5 196 093	0	4 643 754	4 643 754	0
Rondônia	83 325	72 735	10 590	65 864	53 643	12 221
Acre	13 634	16 070	- 2 436	13 882	14 746	- 865
Amazonas	89 627	58 657	30 970	71 451	51 301	20 150
Roraima	47 752	14 379	33 373	25 556	11 204	14 352
Pará	182 043	234 239	- 52 195	162 004	201 834	- 39 830
Amapá	44 582	15 113	29 469	37 028	15 228	21 800
Tocantins	95 430	82 515	12 915	85 706	77 052	8 654
Maranhão	100 816	274 469	- 173 653	105 684	270 664	- 164 980
Piauí	88 740	140 815	- 52 075	73 614	144 037	- 70 423
Ceará	162 925	186 710	- 23 785	112 373	181 221	- 68 849
Rio Grande do Norte	77 916	71 287	6 630	67 728	54 017	13 711
Paraíba	102 005	163 485	- 61 480	96 028	125 521	- 29 493
Pernambuco	164 871	280 290	- 115 419	148 498	223 584	- 75 086
Alagoas	55 966	127 948	- 71 983	53 589	130 306	- 76 717
Sergipe	52 111	56 928	- 4 817	53 039	45 144	7 895
Bahia	250 571	518 036	- 267 465	229 224	466 360	- 237 136
Minas Gerais	447 782	408 658	39 124	376 520	390 625	- 14 105
Espírito Santo	129 169	95 168	34 001	130 820	70 120	60 700
Rio de Janeiro	319 749	274 213	45 536	270 413	247 309	23 104
São Paulo	1 223 811	883 885	339 926	991 314	735 519	255 796
Paraná	297 311	336 998	- 39 686	272 184	293 693	- 21 509
Santa Catarina	199 653	139 667	59 986	301 341	128 888	172 453
Rio Grande do Sul	113 395	152 890	- 39 495	102 613	177 263	- 74 650
Mato Grosso do Sul	97 709	108 738	- 11 029	98 973	80 908	18 065
Mato Grosso	166 299	123 724	42 575	143 954	121 589	22 365
Goiás	372 702	169 900	202 802	363 934	156 107	207 827
Distrito Federal	216 200	188 577	27 623	190 422	175 870	14 552

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000/2010.

De acordo com Manchete exibida no Correio Brasiliense (2001), o crescimento do Centro-Oeste, com destaque para o Distrito Federal e seu Entorno, do qual Águas Lindas de Goiás faz parte, é uma consequência da política de doação de lotes praticada pelo governo do DF, cuja finalidade é organizar os focos de miséria que surgem no Distrito Federal⁴⁶.

A PNAD 2009 alerta para o fato de que além de ser a região que possui o maior saldo migratório do país, o Centro-Oeste, desde 2004 é a região com maior retenção de imigrantes, ou seja, além de área de atração, o Centro-Oeste evita a

⁴⁶ Como nem todos os migrantes foram contemplados pela política habitacional do governo do DF, parte significativa destes migraram novamente, desta vez para municípios do estado de Goiás, o que contribuiu para que assumisse a terceira posição em número de imigrantes recebidos (264 mil), ficando atrás somente de São Paulo (535 mil) de Minas Gerais (288 mil) de acordo com a PNAD 2009.

saída destes migrantes de seu território, embora ocorra com frequência as migrações intermunicipais e as pendulares. Um dos fatores que contribuem para a fixação do migrante nas cidades do entorno é a oportunidade de conseguir trabalho na mesma e/ou no Distrito Federal.

Historicamente, estuda-se a formação do Distrito Federal e conseqüentemente a criação do Entorno deste. Entretanto, pesquisas como a de Queiroz (2007) para o fato de que o surgimento do Distrito Federal contribuiu para o aumento do número de municípios que constituem esse “Entorno” e não para sua constituição.

De acordo com Queiroz (2007) a cidade de Brasília, inaugurada em 1960 e a constituição do Distrito Federal, resultou do desmembramento dos territórios de Luziânia, Formosa e Planaltina de Goiás. Além desses, na época da inauguração, Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Abadiânia, Alexânia, Cristalina, Cabeceiras e Unaí, que atualmente fazem parte da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) já existiam. Assim, a capital do país, quando implantada, contava com municípios vizinhos, que surgiram em épocas diferentes e anteriores à sua transferência.

O intenso crescimento populacional ocorrido após a inauguração de Brasília contribui para o aumento do número de municípios do Entorno que em 1950 eram 7 (sete) municípios na região, em 1980 o número era de 13 e no início do milênio chegou a 22 municípios e o Distrito Federal, o que ocorreu devido ao grande número de pessoas que migraram para os municípios e núcleos do Entorno do DF.

Tabela 2 - População total residente na RIDE 1950-2000

MUNICÍPIO	ANO						
	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Abadiânia - GO		8.186	7.772	9.030	9.402	10.144	11.452
Água Fria de Goiás - GO					3.976	3.771	4.469
Águas Lindas de Goiás - GO							105.746
Alexânia - GO		8.022	9.390	12.116	16.472	18.623	20.047
Brasília - DF		154.728	537.492	1.176.908	1.601.094	1.821.946	2.051.146
Buritis - MG			9.810	15.429	18.417	19.796	20.396
Cabeceira Grande - MG							5.920
Cabeceiras - GO		3.120	4.056	4.993	6.464	5.973	6.758
Cidade Ocidental - GO						33.147	40.377
Cocalzinho de Goiás - GO						12.780	14.626
Corumbá de Goiás - GO	21.952	13.713	18.439	20.212	19.663	8.643	9.679
Cristalina - GO	5.333	9.165	11.600	15.977	24.937	28.262	34.116
Formosa - GO	23.273	21.708	28.874	43.297	62.982	68.704	78.651
Luziânia - GO	19.657	27.444	32.807	92.817	207.674	242.522	141.082
Mimoso de Goiás - GO					3.750	2.584	2.801
Novo Gama - GO							74.380
Padre Bernardo - GO			8.381	15.855	16.500	16.879	21.514
Pirenópolis - GO	22.430	26.494	32.065	29.329	25.056	24.717	21.245
Planaltina - GO	7.335	6.123	8.972	16.178	40.201	58.576	73.718
Santo Antônio do Descoberto - GO					35.509	107.672	51.897
Unai - MG	28.860	45.975	52.303	67.885	69.612	73.664	70.033
Valparaíso de Goiás - GO							94.856
Vila Boa - GO						2.720	3.287
Total	128.840	324.678	761.961	1.520.026	2.161.709	2.561.123	2.958.196

Fonte: IBGE - Censos populacionais (1950-200)

No entanto, a ocupação e o uso do solo para fins urbanos deu-se de forma descontrolada, o que refletiu, e ainda reflete nos dias atuais, na condição social de vida diferenciada entre as pessoas residentes no Entorno e no Distrito Federal, no que se refere ao acesso à saúde, educação e renda. Alguns municípios possuíam um índice de desenvolvimento humano (IDH) abaixo de 0,70. Em contraposição, outros como Unai e o Distrito Federal possuíam índices considerados altos.

Tabela 3 - Índice de Desenvolvimento Humano - RIDE 1991/2000

Município	IDH 1991	IDH 2000
Abadiânia	0,65	0,72
Água Fria de Goiás	0,6	0,7
Águas Lindas de Goiás	0,63	0,72
Alexânia	0,62	0,7
Brasília (DF)	0,8	0,84
Buritis	0,62	0,73
Cabeceira Grande	0,64	0,73
Cabeceiras	0,64	0,7
Cidade Ocidental	0,76	0,8
Cocalzinho de Goiás	0,61	0,7
Corumbá de Goiás	0,65	0,72
Cristalina	0,69	0,76
Formosa	0,7	0,75
Luziânia	0,68	0,76
Mimoso de Goiás	0,6	0,66
Novo Gama	0,66	0,74
Padre Bernardo	0,62	0,71
Pirenópolis	0,64	0,71
Planaltina	0,64	0,72
Santo Antônio do Descoberto	0,66	0,71
Unai	0,68	0,81
Valparaíso de Goiás	0,74	0,8
Vila Boa	0,59	0,67

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2000.

Ao fim dos anos 1990, na tentativa de promover intervenções integradas, os 22 municípios, o Distrito Federal e as unidades federativas de Goiás e Minas Gerais, foram instadas pela União a atuar conjuntamente, visando diminuir as discrepâncias sociais e econômicas que surgiram ao longo de quatro décadas entre essas localidades. Assim, em 1998 institucionalizou-se a RIDE.

A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno é uma região de desenvolvimento econômico, criada pela Lei Complementar nº 94 de 19 de fevereiro de 1998 e regulamentada pelo Decreto nº 2.710 de 4 de maio de 2000 e Decreto nº 4.700, de 20 de maio de 2003.

O Decreto nº 7.469, de 5 de maio de 2011 revogou os anteriores e deu novas interpretações legais para a RIDE do Distrito Federal e Entorno.

É constituída pelo Distrito Federal, alguns municípios de Goiás e de Minas Gerais, ocupa uma região de 55.434,99 quilômetros quadrados, e uma população de aproximadamente 4 milhões de habitantes.

No centro do território está a área mais densa composta pelo Distrito Federal, detentor de 69% da população com os seus municípios limítrofes. Há uma grande área conurbada na direção sul BR-040, incluindo-se nessa região os municípios de Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Novo Gama e Luziânia que representam 12,3% da população da RIDE do Distrito Federal e Entorno. Outros municípios que se podem também considerar área densamente povoada são: Formosa (margens da BR-020), Planaltina (BR-010) e Águas Lindas de Goiás (margens da BR-070), (que é objeto de estudo dessa pesquisa). Esses municípios somam uma população de aproximadamente 3,7 milhões de pessoas.

CAPÍTULO 3

3. ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS: ESPAÇO DE ENCONTRO E DESENCONTRO

Águas Lindas de Goiás
Agora será transformada
Será canteiro de obras
Cidade, limpa, asfaltada e
organizada

O povo aguaslindense
Investe cada vez mais
Para que Águas Lindas seja
A princesinha de Goiás

(Autor: Prof. Vanderley Santos)

A questão da migração nordestina para o Distrito Federal é discutida por Marcia de Melo Martins Kuyumjian no livro *Semeando Cidades e Sertões: Brasília e o Centro-Oeste*, onde a autora faz uma análise da formação histórica de Brasília e a contribuição dos diversos fatores sociais para esse processo.

No livro *Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social*, o arquiteto Luiz Alberto de Campos Gouvêa revela a face autoritária da ação governamental no Distrito Federal criando um apartheid social entre as classes dirigentes e a maioria dos trabalhadores.

Assim, para realização dessa pesquisa, foram entrevistadas 22 (vinte e duas) pessoas, - 10 (dez) mulheres e 12 (doze) homens, - 19 (dezenove) são nordestinos, sendo que os outros 03 (três) - 01 (uma) mulher e 02 (dois) homens, paulista, goiano e mineiro, respectivamente, foram escolhidos por indicação dos primeiros pioneiros contactados e entrevistados e por serem muito conhecidos entre os moradores mais antigos da cidade. As 19 (dezenove) migrantes nordestinos desse grupo foram distribuídos entre as ondas migratórias de acordo com os subsídios

fornecidos pelas entrevistas, como o ano em que chegaram a Águas Lindas de Goiás, os objetivos da mudança para essa cidade e outros dados que o entrevistado espontaneamente relatava ao responder às perguntas que compunham a entrevista.

Na primeira onda migratória, foram agrupados 06 (seis) migrantes com idade entre 60 a 85 anos, sendo 01 (uma) mulher baiana e 05 (cinco) homens - 02 (dois) cearenses, 02 (dois) paraibanos e 01 (um) riograndense, que deixaram o nordeste entre as décadas de 1950 e 1970, com o nível de escolaridade nulo ou muito baixo.

A segunda onda foi composta por 09 (nove) migrantes - 05 (cinco) mulheres e 04 (quatro) homens com naturalidades distintas e faixa etária entre 40 e 60 anos. Entre as mulheres foram 01 (uma) alagoana, 01 (uma) maranhense, 01 (uma) piauiense, 01 (uma) cearense e 01 (uma) pernambucana. Dentre os homens, 02 (dois) pernambucanos, 01 (um) maranhense e 01 (um) piauiense. Os representantes dessa onda estão na faixa etária entre 40 e 65 anos e apresentam nível de escolaridade entre o Ensino Fundamental completo e o incompleto.

Na terceira onda migratória, foram reunidos 04 (quatro) migrantes na faixa etária entre 34 e 45 anos, sendo 03 (três) mulheres - 01 (uma) maranhense, 01 (uma) baiana e 01 (uma) sergipana, e 01 (um) homem maranhense, que possuem curso superior e especialização cursados depois que chegaram a Águas Lindas de Goiás, entre as décadas de 1990 e 2010.

As histórias de vidas desses migrantes, apesar das peculiaridades, apresentam semelhanças que possibilitaram agrupá-los nas distintas ondas migratórias.

Através de seus relatos, os migrantes têm a oportunidade de ajudar a construir a história de Águas Lindas compartilhando suas memórias por meio da história oral, percebendo-se como sujeitos e testemunhas da história que constroem, traçando análises, naturalmente influenciados pelo tempo no qual estão inseridos.

Segundo Thompson, é também por meio da história oral que se tem a possibilidade de desvendar as crenças, os sonhos, as patologias e as fraturas que existem em nossa história que ainda não foram reveladas, tampouco cuidadas. No

entanto, são fundamentais para a constituição dos conceitos relativos à pátria, à cidade, à cidadania, à família, ao futuro, ao projeto de vida. Para esse autor:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a si tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, a compreensão - entre classes sociais e entre gerações (THOMPSON, 1998, p. 44).

Nesse sentido, a história oral torna-se um importante instrumento de pesquisa, visto que fornece voz ao migrante, ao idoso, ao pioneiro do processo de ocupação de Águas Lindas de Goiás meios para ajuda-los a preencher as lacunas incompletas da história da cidade, fornecendo subsídios para que as gerações futuras possam compreender e dar continuidade à construção dessa história.

A história oral também pode desvendar a dimensão subjetiva e a história das mentalidades que marcam a constituição da história de vida das pessoas comuns que, por vários motivos, migraram para lugares distintos construindo, com seu suor, com sua alegria ou com sua tristeza, locais melhores para viver do que sua terra de origem.

O imaginário desses migrantes, as memórias acumuladas ao longo da vida são fundamentais para a constituição da identidade desse grupo, que é revelada por meio da história oral. Tomando como empréstimo a interpretação de Benjamin (1994) sobre a memória, o qual afirma que o papel dela é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim em meio de vida, em procura permanente de escombros que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado.

No caso dos migrantes nordestinos que fixaram residência em Águas Lindas de Goiás, essas lembranças estão presentes em aspectos simples do seu cotidiano, mantidas apesar do movimento migratório: a forma de se expressarem com vocábulos carregados de regionalismo; a educação que proporcionam aos filhos; com a arquitetura das casas. Sentem falta de costumes típicos de cidades interioranas; sentar-se na calçada para aproveitar os finais de tarde conversando com um vizinho, compartilhando uma fatia de bolo recém-retirado do forno, das relações de compadrio que aproximam as pessoas e facilitam a socialização. Para suprir essas necessidades, o migrante recorre às relações de trabalho e de lazer.

3.1. As Formas de Sociabilidades: o trabalho e o lazer.

Na obra, Planos Diretores, a experiência de Águas Lindas de Goiás, Dirceu Trindade faz uma análise das consequências da ocupação desordenada desse espaço.

Os primeiros moradores da cidade detentores de nenhum ou de baixo nível de escolaridade foram submetidos, tanto no Distrito Federal como em Águas Lindas à realização de trabalhos braçais. Inclusive os nordestinos que vieram diretamente para esta localidade, provenientes do êxodo-rural, tinham a convicção de que teriam sua mão-de-obra absorvida pelas fazendas que compunham a região nas décadas de 1960 e 1970.

Os jovens nascidos nessas fazendas, no período citado, continuavam trabalhando nelas, por tratar-se de uma área rural na época. Com a escassez dos meios de transportes e a falta de qualificação profissional para conseguir emprego em Brasília ou em outras cidades mais próximas, como Anápolis e Luziânia, esses trabalhadores eram obrigados a permanecer nas fazendas e chácaras, locais, realizando trabalhos aos quais estavam acostumados como lavrar o solo e criar animais. Essas atividades eram realizadas inclusive por jovens nascidos nessas fazendas.

Antônio Pereira Cardoso, nascido em 1960 na Fazenda Sabaru, uma das grandes fazendas da época, onde ainda reside, diz que só vai a Águas Lindas a

passaio. Atualmente Antônio é poeta, violeiro, professor com licenciatura em Pedagogia e proprietário do restaurante rural "De tirar o chapéu" onde trabalha com a esposa e filhos.

Entretanto, com o aumento do fluxo migratório para a região entre as décadas de 1980 e 1990, seguido da emancipação do município, houve um significativo desenvolvimento nos diversos ramos: construção civil, calçados, alimentação, supermercados, logística, funcionalismo público, contribuindo parcialmente para absorver parte da mão-de-obra ociosa da cidade, embora um número expressivo de habitantes continuasse obrigado a trabalhar no DF, mesmo residindo em Águas Lindas de Goiás, numa dinâmica que impede o migrante de romper definitivamente com os laços que o prendem ao DF uma vez que permanece dependente do emprego que garante seu sustento e de sua família.

O migrante estava consciente de que a migração DF/Águas Lindas resolveria somente seu problema de moradia, mas que os deslocamentos diários para os locais de trabalho no DF seriam inevitáveis, já que Águas Lindas crescia economicamente, mas concomitantemente aumentava também o fluxo migratório, o que impedia a absorção de toda mão-de-obra no mercado em ascensão.

Figura 11: Parada de ônibus de Águas Lindas de Goiás (2011).



Fonte: http://www.tvcmn.com.br/materias/Termina_a_greve_dos_rodoviaros_de_Aguas_Lindas.php

O migrante que conseguiu inserir-se no mercado de trabalho águaslindense passou a exercer funções tipicamente urbanas, embora as rurais não tenham sido totalmente extintas, somente sofreram reduções em decorrência da ampliação e criação de novos bairros ou setores na cidade. Mesmo assim, é comum a presença do migrante trabalhando nas fazendas, chácaras e sítios espalhados pelos arredores do município principalmente em Jardim Paraíso e Águas Bonitas.

Assim, a cidade, mediante suas práticas cotidianas, passa a ter a conotação idealizada por Pesavento ao expressar

A cidade é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção no habitar, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do humano, (...) cidade, moradia de muitos a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p. 7).

O crescimento populacional de Águas Lindas ocorreu devido à contínua migração das pessoas residentes no DF e de outros migrantes que na maioria dos casos vinham do nordeste atendendo a convite de outros membros da família ou amigos que já residiam no município. Ao chegarem, procuravam emprego no DF ou criavam oportunidades de trabalho em Águas Lindas, mesmo quando esta não lhe era favorável, conforme relata a professora Jelma.

[...] Quando eu cheguei aqui em Águas Lindas eu trabalhava em Taguatinga (há um mês). Então eu vi aqui um monte de menino sem ter o que fazer, então eu pensei: estes meninos estão precisando estudar. Então eu abri a minha escola, com vinte e cinco alunos, usando a primeira mensalidade para pagar as carteiras. Em 1999 eu consegui o alvará de funcionamento sendo legalizada em 2006 para funcionar até 2010, mas eu não quis. (Jelma, 38 anos, maranhense. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Figura 12: Escola de Educação Infantil "Rei Davi" da professora Jelma (Junho-1997)



Fonte: Acervo pessoal da professora Jelma

A professora Jelma, que não havia se adaptado às condições de vida em Águas Lindas e relutava contra a vontade de realizar a migração de retorno ao Maranhão, encontrou na escolinha que montou a possibilidade de contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da cidade. Sentindo-se útil, ela começou a fazer novos planos, como comprar um lote, construir sua casa. Esses planos funcionaram como fatores de re-enraizamento.

A atitude da professora Jelma nos remete aos estudos de Hanna Arendt (2002: 244) a respeito do enraizamento. Para essa autora, não ter raízes "significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros. Ser supérfluo, não pertencer ao mundo de forma alguma". A professora depositou no trabalho realizado na escola a esperança de fincar suas raízes. Afirma que posteriormente trouxe duas de suas irmãs do nordeste, que se tornaram professoras na referida escola. A presença de outros membros da família ajudava a dissipar a saudade da terra natal e facilitava a permanência em Águas Lindas.

Nos primeiros anos após a emancipação, a cidade era carente em todos os setores, dentre eles, a Rede Municipal e Estadual de Ensino que empregavam, devido à carência de profissionais qualificados, professores sem

formação em áreas específicas para ministrar aulas da Educação Infantil ao Ensino Médio. Esses profissionais trabalhavam em regime de contrato temporário ou "Pro labore", como eram designados na época pela Secretaria Estadual de Educação.

Dessa forma, o contrato temporário garantia trabalho para parte dos migrantes que possuíam escolaridade mais elevada, contribuindo para a formação de aspectos identitários e de sociabilidade entre eles. Outra forma de garantir ocupação era por meio do trabalho informal⁴⁷.

Nesse contexto estão inseridos os barraqueiros que atuam na cidade em todos os ramos, desde banca de jornais e revistas, bares com sinuca, cachaça e cerveja, cabeleireiro, foto, restaurantes, lanchonetes, discotecas, oficinas mecânicas, alhos, temperos, corantes e cereais, consertos de panelas, lojas de roupas feitas, bancas de cigarros e outros artigos do Paraguai, banca de frutas, verduras e caldo de cana. (O DESCOBERTO, abril 2004, pg. 11).

Os migrantes, impedidos de trabalharem no DF devido à faixa etária elevada ou ao baixo nível de escolaridade foram ocupando os espaços das ruas de Águas Lindas, onde montaram suas barracas em pontos estratégicos como nas proximidades de escolas, supermercados, paradas de ônibus e outros de grande circulação de pessoas.

Algumas dessas barracas de propriedade dos migrantes foram se instalando no estacionamento do supermercado Tatico, após sua inauguração, em 1998. A prefeitura não proibiu, autorizando inicialmente a instalação de oito quiosques, bem próximos à entrada do estabelecimento, cobrando taxas de permanência, conforme a Lei 159/98, emitindo posteriormente alvará de funcionamento.

O barraqueiro que exercia suas atividades comerciais na informalidade, se dispunha a pagar as taxas exigidas pela prefeitura na tentativa de manter o negócio, garantindo assim seu sustento e o da família. Também porque entre eles

⁴⁷ De acordo com Maria Izilda (2002) esse trabalho é geralmente realizado por alguns segmentos da população que não possui qualificação ou que não tiveram oportunidade ou não quiseram se submeter ao emprego nem salários pagos pelo setor fabril ou industrial e que não pode ser confundido com atividades clandestinas.

havam-se desenvolvido relações mútuas de parcerias. Era comum um tomar conta da banca vizinha em momentos de ausência do proprietário. A recíproca confiabilidade os fortalecia e os tornava aptos para defenderem interesses comuns. Se não conseguiram evitar a derrubada das barracas, foram resilientes ao unirem esforços e se organizarem socialmente para manterem suas barracas funcionando em uma outra área escolhida por eles e não por autoridades municipais.

Em 13 de abril de 2006 os cerca de cem barraqueiros que ocupavam a área do estacionamento do Tatico receberam uma ordem da prefeitura para desocupar as margens da BR-070 no prazo de 30 dias. De acordo com o Departamento de Infraestrutura de Transporte (DENIT) que substituiu o extinto Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), as ocupações atrapalhavam a visão dos motoristas e causavam atropelamentos. As lojas de materiais de construção que colocavam areia e pilhas de tijolos na área de domínio da BR-070 também foram intimados a retirá-las.

Figura 13: Barracas localizadas no estacionamento do supermercado Tatico (Abril-2006)



Fonte: Secretaria Municipal de Obras

A derrubada dos barrados, realizada no dia 19/04/2006, dividiu a opinião dos trabalhadores, inclusive dos comerciantes legalmente estabelecidos.

Para uns a retirada dos barraqueiros provocou queda no movimento, porque tinham os próprios barraqueiros como fregueses. Outros foram favoráveis à ideia e alegaram que as bancas encontravam-se amontoadas, sem condições de higiene e propícia aos roubos.

Entretanto, para que os barraqueiros desocupassem a área, o Dr. César Gomes, interventor municipal na época, prometeu entregar-lhes um novo local com água e energia em frente ao supermercado Tatico, porém do outro lado da BR-070. A área entregue, conhecida atualmente como Mercado Popular, em cuja proximidade foi construído o Shopping Águas Lindas, não atraiu o interesse de um número significativo de barraqueiros devido a vários fatores como relata Francisco das Chagas Pereira da Silva.

[...] Eles levaram as barras para o Mercado Popular e pelejaram para me dar uma barraca lá mais eu nunca aceitei. Sabe por quê? Porque eu vivo de barraca, e lá só possui barraca quem não vive de barraca, porque quem tá lá não vende nada. Eu preciso vender todos os dias senão eu não como. (Francisco, 74 anos, piauiense. Entrevista realizada em 27/09/2012).

Francisco das Chagas é um dos barraqueiros pioneiros, de idade avançada e baixa escolaridade constituiu um legítimo representante dos excluídos do mercado de trabalho formal no DF. Segundo ele, ao chegar à cidade em 1996 não existiam ainda as "barraquinhas do Tatico", no entanto, ele já vendia seus produtos⁴⁸ às margens da BR-070, na "parada quebrada". Depois de uns oito anos morando e trabalhando na cidade, comprou um carrinho ambulante, posteriormente montou um trailer, que a prefeitura derrubou. Depois desse incidente, conseguir outro trabalho. Juntou as escassas economias, no valor de quatro mil reais (R\$ 4.000,00), e com um financiamento bancário de seis mil reais (R\$ 6.000,00), conseguiu comprar uma Kombi. Montou uma nova barraquinha na parada de ônibus

⁴⁸ Balinhas, café, cigarro picado, vale transporte, etc.

do Tatico, onde vende de cafezinho a crédito de celular, usando a Kombi para transportar seus produtos todos os fins de tarde.

Atualmente Francisco faz planos para o futuro. Relatou que, depois que as barracas foram retiradas da frente do Tatico, um grupo de 48 barraqueiros uniram-se, compraram um lote próximo ao local onde ficavam as antigas barracas e estão construindo uma feira, que será denominada "Astral", com 68 barracas. Isso porque alguns barraqueiros disporão de duas barracas, entre eles, Francisco das Chagas.

Figura 14: Francisco em seu carrinho ambulante (Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Figura 15: Francisco na construção da Feira "Astral" - (Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Outros barraqueiros também fazem planos. É o caso de Pedro Moura, também pioneiro, que relembra de forma nostálgica o dia da retirada dos barracos.

[...] Eu ainda hoje tenho guardado um recibo do que eu pagava. Era dezoito reais e cinquenta centavos (R\$ 18,50) por mês. Aí o trator derrubou tudinho dentro de meio dia. Aí eu fiquei trabalhando na beira da BR, guardava o carrinho na Madeireira aqui em frente (aponta com o dedo). Eles me mandaram para o Mercado Popular mais eu não quis. Mas muita gente entrou lá, gente que gastou dezesseis mil, vinte mil e hoje não acha \$ 5.000,00 naqueles barraquinhos lá. Eu quis ficar por aqui. Eles

disseram que iam tirar o barraquinho e dar um cascalhinho⁴⁹, mas nunca deram nada. Eu ainda gastei duzentos reais (R\$ 200) com um advogado, mais não deu em nada. (Pedro Moura, 73 anos, maranhense. Entrevista realizada em 19/10/2012).

Para não ficar sem trabalho, Pedro Moura construiu novamente uma "quitanda⁵⁰", com poucas prateleiras onde coloca seus produtos para vender e diz que não ingressou na cooperativa que está construindo a feira "Astral" porque não tinha condições de contribuir para comprar o lote, mas que está construindo uma lojinha em sua casa. Assim, caso as barracas sejam retiradas novamente, terá onde continuar "tocando seu negócio". Seguindo o exemplo de Pedro Moura, outros migrantes que também perderam suas barracas e não dispunham de poder aquisitivo para investir na nova feira, cujas barracas exigiram mais sofisticação, organizaram-se e reergueram suas barracas nas mesmas áreas de onde foram retiradas outrora. A insistência por parte dos barraqueiros em permanecer trabalhando em suas barracas, mesmo após a remoção delas foi fruto da organização social que se estabeleceu entre eles, que fez aflorar sentimentos de solidariedade e de pertencer a um grupo mediante as relações de trabalho por eles desenvolvidas.

Figura 16: Pedro Moura em frente sua barraca (Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

⁴⁹ Dinheiro pago como forma de indenização.

⁵⁰ Forma como alguns nordestinos denominam uma pequeno estabelecimento comercial.

Atualmente, os novos barraqueiros que se instalaram no estacionamento do Tatico vendem frutas da época, artesanato, CDs piratas, caldo de cana, peixe, cereais e até colchões.

Entretanto, apesar do retorno, os trabalhadores retirados sentem-se injustiçados por não terem sido convidados para nenhum tipo de negociação e por que, segundo Francisco das Chagas, "eles só mexeram com os pobres". Nesse sentido, Oliveira (2011, p. 169) chama a atenção para o fato de que não devemos hesitar em olhar para os populares enquanto sujeitos que também interagem com o espaço urbano, que não é uníssono, muito menos homogêneo.

Percebe-se que entre os populares o local de trabalho também funciona como espaço de sociabilidade e se sentem parte integrante deste espaço. Em relação a isso, Rodrigues afirma que "em suas memórias estes espaços tornam-se cenários onde trabalhadores apoderam-se familiarmente da cidade numa polifonia de sons, visualidades, odores e sabores, reiterando a rua como lugar de todos em suas práticas de trabalho" (RODRIGUES, 2011, p: 26).

Nesse contexto de aplicabilidade do trabalho como elemento de socialização, além dos barraqueiros que atuam em frente ao supermercado Tatico, são comuns também populares trabalhando nas feiras que podem ser encontradas em vários setores da cidade, dentre elas a feira do setor "Cidade do Entorno", que se destaca por ter um intenso movimento principalmente aos domingos.

Cabe ressaltar que, entre os populares entrevistados, o nível de escolaridade verificado foi muito baixo, por isso não atende às exigências de mão-de-obra qualificada exigida pelo mercado de trabalho, o que comprova a hipótese de que são obrigados a optar pelo trabalho informal, em setores como o comércio, profissionais liberais, áreas de lazer, dentre outros.

Aliado à função de sociabilidade e de sobrevivência exercida pelo trabalho, desponta o lazer como necessidade inerente ao ser humano. Na visão de Lefebvre (1991) são necessidades antropológicas e que retratam seu modo de vida. Sobre a questão do modo de vida, Ramos diz

Os modos de vida apresentam características genéricas, pois estão em relação com o modo de produção dominante no caso em questão o capitalismo - o qual é geral para uma determinada sociedade. Mas os modos de vida são também específicos, porque localmente construídos e, conscientemente ou não, trazem em si elementos culturais históricos, sociais da formação da sociedade de um determinado lugar (RAMOS. 2001, p. 33).

Assim, os "modos de vida" expressam inter-relacionamentos como as pessoas vivem em determinados lugar e tempo, como se trabalham, consomem, divertem-se. Na cidade, a diversão ou lazer encontra-se inserida na programação cotidiana. Serve também para complementar o processo produtivo.

Ao conceituar lazer, Ramos (2001) chama a atenção para o fato de que "pensado como tempo, o lazer é identificado com o tempo livre, ou o tempo do não trabalho, durante o qual pode-se dedicar a atividades de predileção pessoal; como atitude, é o descompromisso, a liberdade, a felicidade, o prazer".

Analisando a questão do lazer em Águas Lindas de Goiás, é possível observar que historicamente é uma área que apresenta certa precariedade, em parte por estar voltado para atender às exigências do capitalismo, que prioriza o lucro. Por outro lado, verifica-se a escassez de espaços de lazer oferecido pelo poder público às classes populares, visto que as classes mais altas podem pagar pelo lazer que desejam.

No primeiro caso, o lazer é transformado em mercadoria pelas atividades comerciais. De acordo com alguns dos pioneiros entrevistados, inicialmente as opções de lazer eram extremamente deficitárias, existindo, inicialmente, na entrada do loteamento o "Rancho do Quati⁵¹", que servia como ponto de referência, o "Areal" - casa noturna, no atual setor Peróla II - que era onde os pescadores se divertiam, palhoça "Barraco Azul⁵²", o barzinho do Bené, no setor 12, o bar do Baiano, no Camp Clube, o bar e Mercearia Santo Antônio (bar do Farias) no setor Águas Bonitas I, o bar do Graciliano (Baiano) no Girassol, o

⁵¹ Localizado no antigo Posto Texaco, na entrada do setor Coimbra.

⁵² Onde fica localizado atualmente o Posto Shell.

barzinho do Piauí (perto de Edilândia), o forró do Salvador⁵³, o bar da Rosa, no setor 12, o Recanto Unicorni (spar)⁵⁴, o Clube de Águas Lindas e a Pamonharia do Milton⁵⁵, ambos no setor Águas Lindas II. Ante o exposto percebe-se uma tendência que vigorava entre alguns comerciantes de atribuírem aos estabelecimentos comerciais nomes que remetem aos lugares de origem de seus proprietários remanescentes da migração nordestina.

Percebe-se o predomínio dos bares sobre os outros estabelecimentos comerciais que, devido à escassez de supermercados, vendiam, além de bebidas, gêneros de primeira necessidade, como relata o senhor Mariano Rufino de Farias.

[...] Eu comprei um lote com um barraquinho do Domingos Piauí em Águas Bonitas e tinha uma chácara embaixo com uma venda pra vender pinga, fumo, vela, chumbo. [...] Eu fiquei aqui porque acreditei que aqui seria o único lugar pra mim. (Mariano, 84 anos, paraibano. Entrevista realizada em 28/09/2012).

Esse relato do sr. Mariano leva-nos a observar que mesmo entre os estabelecimentos comerciais inicialmente instalados nos loteamentos que posteriormente originaram a cidade, alguns já faziam alusão aos estados de origem de seus respectivos proprietários, demonstrando a presença do migrante nordestino na localidade mesmo antes da fundação do município.

Essa forma de "batizar" os estabelecimentos comerciais continua vigorando entre alguns comerciantes nordestinos instalados na cidade, sendo comum deparar-se na rua com casas comerciais intituladas "barbearia do Ceará",

⁵³ Na entrada de Águas Lindas II.

⁵⁴ Localizado no setor Guaira, uma das primeiras construções dentro dos padrões da engenharia. A energia elétrica foi conseguida, em parte, por causa deste estabelecimento comercial.

⁵⁵ Apesar do nome, seu cardápio mais apreciado era a galinha caipira.

churrasquinho do Piau, Salão do Baiano, Lanche do Ceará, Casa do Nordeste⁵⁶, numa tentativa de manutenção identitária.

Figura 17: Estabelecimento comercial
(Agosto-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Figura 18: Estabelecimento comercial
(Novembro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Além dessas, existiam outras atividades de lazer, que envolviam relações de gênero e de idade. Estavam associadas às pescarias, às caçadas, aos banhos nos rios e córregos, ao jogo de futebol, às conversas dos fins de tarde em frente à casa de algum vizinho, às festas religiosas. Nas fazendas eram comuns os bailes, como lembra com saudades o sr. Antônio, poeta e violeiro, que narra os fatos como se estivesse revivendo aqueles momentos.

[...] Para as moças não tinha muito lazer não, a não ser quando alguém fazia algum baile. Primeiro fazia um mutirão, trabalhava o dia todo depois ia dançar. Primeiro o baile era tocado com viola, depois com toca-disco, na década de 1970, depois

⁵⁶ Onda são vendidos produtos típicos do nordeste como fava, feijão de corda, azeite de coco babaçu, etc.

apareceu o CD. (Antônio, 52 anos, aguaslindense. Entrevista realizada em 01/08/2012).

Os primeiros moradores, logo que chegaram a Águas Lindas providenciaram a construção de pequenas igrejas, tanto católicas quanto evangélicas, onde as famílias se reuniam para missas e cultos, respectivamente, sendo que para muitos essa era e continua sendo a principal opção de lazer, conforme relata Elivânia.

[...] Aqui mesmo eu quase não saia não, porque aqui é muito difícil levar para um passeio porque as condições são poucas, não tenho como sair, só na igreja mesmo, que a minha filha gosta muito da igreja, ou na escola quando tem alguma festinha. (Elivânia, 30 anos, pernambucana. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Em seu relato, Elivânia evidencia a exclusão imposta pelo capitalismo às classes baixas de terem acesso aos espaços dedicados ao lazer, que é explorado pela iniciativa privada e que acaba expulsando a maioria da população de seu usufruto. Nesse contexto encontram-se algumas chácaras e clubes recreativos utilizados como áreas de lazer em Águas Lindas desde os primórdios de sua ocupação, mas que sempre estiveram à disposição daqueles que possuem maior poder aquisitivo.

As chácaras que possuem finalidades recreativas são alugadas para a realização de eventos como casamentos, aniversários e confraternizações diversas. Dessa forma, o lazer entra para o circuito do consumo daqueles que podem pagar por ele, tal como as demais mercadorias. Corroborando essa ideia, Ramos (2001) argumenta que decorre disso o acesso diferenciado aos bens de lazer, segundo a classe social a que pertence cada indivíduo. Nessa premissa, para o usufruto dessas formas de lazer não existe distinção entre migrante e não migrante, mas entre os que podem pagar e os que não podem pagar pelas atividades de lazer almejadas.

No tocante aos clubes recreativos, destaca-se o Clube Águas Lindas, construído em 1986 pelo pioneiro Vicente de Paula Lisboa, servindo como área de

lazer para pessoas de Taguatinga, Ceilândia e outras cidades satélites. Atualmente o clube continua em funcionamento e frequentado principalmente por pessoas do DF, pois a localização distante do centro da cidade e os valores de entrada cobrados dificultam o acesso das classes sociais menos favorecidas, enquadrando-se nesse contexto os migrantes de menor poder aquisitivo.

Figura 19: Piscina do Clube Águas Lindas
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Figura 20: Toboágua do Clube Águas Lindas
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Outro clube com destaque na cidade embora mais recente é o "clube do Pimenta" localizado na Quadra 33, lote 01 a 08, setor Mansões Olinda, em funcionamento desde 2005. Aberto de segunda a segunda, recebe pessoas de Águas Lindas e das cidades satélites do DF, cobrando uma taxa de dez reais (R\$ 10,00), para adultos, incluindo o exame para o banho de piscina e meia entrada para crianças de até oito anos de idade. Como não é permitida a entrada com comida nem bebida, o clube cobra uma taxa adicional de R\$ 2,00 (dois reais) pelo uso das churrasqueiras. As exigências para o acesso impostas pelo clube exclui o migrante pobre, uma vez que além de necessitar pagar sua entrada e da família, vê-se obrigado a comprar no próprio clube os alimentos que serão consumidos durante seu período de permanência ali.

Figura 21: Clube do Pimenta
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Figura 22: Francisco José Moreira, proprietário
do Clube
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Outras áreas de lazer bastante frequentadas são o clube do Bregildo e a cachoeira do Girassol, que por serem distantes e necessitarem de transporte, dificultam o acesso da população de baixo poder aquisitivo, forçando-a a utilizar áreas de lazer próximas de suas residências, cujo gasto com transporte possa ser evitado e/ou amenizado.

Inaugurado no dia 31/05/2012, o Shopping de Águas Lindas desponta como a mais nova opção de lazer dos aguaslindense. Projetado pela construtora Itebia, o shopping localiza-se em uma área de 52 mil m², anexa ao Mercado Popular, que também constitui-se como alternativa de lazer. Ambos estão localizados entre a BR-070 e o setor Mansões Olinda, o que facilita o acesso a essa área, inclusive por aqueles que não dispõem de transporte privado.

Nesse sentido a localização geográfica do *Shopping Águas Lindas* foi estratégica, por situar-se em área próxima a setores densamente povoados como, por exemplo, o Jardim Brasília.

Assim, o shopping funciona como espaço de sociabilidade embora nem todos consumam regularmente os produtos por ele oferecidos, o que transforma o lazer em artigo de compra e venda, embora alguns visitem o *shopping* mais para

olharem vitrines e consumirem com os olhos do que para comprar os produtos nelas expostos. Inseridos no grupo dos "apreciadores de vitrines", encontram-se os migrantes de menor poder aquisitivo que às vezes, consciente ou inconscientemente buscam no lazer comum a todos uma forma de sentir-se parte integrante desse grupo. O mesmo acontece com os bares, boates, restaurantes, pizzarias, parque de diversão, circos, frequentados apenas por quem pode pagar pelo uso.

[...] Aqui o shopping foi uma bênção para nós. Uma coisa que você acha que é simples para algumas pessoas não é. Uma ou duas vezes por mês nós almoçamos fora e continuam os eventos da igreja que procuram sanar esta ausência de lazer. Quando se tem dinheiro as compras são uma forma de lazer. (Jelma, 38 anos, maranhense. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Figura 23: Águas Lindas Shopping
(Outubro-2012)



Fonte: <http://aredacao.com.br/negocio.php?noticias=13413>

Quanto aos espaços de lazer oferecidos pelo poder público estes são mínimos, uma vez que áreas públicas que poderiam ser utilizadas para a construção de praças, quadras de esportes e outros de usufruto coletivo foram invadidas, griladas ou vendidas ilegalmente para iniciativa privada pelo próprio poder público (O DESCOBERTO, abril - 2005, p. 09).

Nesse sentido, o incentivo à construção de áreas públicas de lazer pelas gestões municipais tem sido historicamente relegada a um segundo plano, o que é confirmado pela extinção em maio de 2010 da Secretaria de Cultura e Lazer, que teve suas funções transferidas para a Secretaria de Educação (O DESCOBERTO, maio - 2010, p. 10). De acordo com a referida, foram construídas e inauguradas no mês de setembro de 2012 duas quadras poliesportivas, sendo uma na Escola Municipal do setor Pérola I e outra, no setor Santa Lúcia, ao lado do Colégio Estadual Juscelino Kubitscheck, além de dez quadras semelhantes que estão sendo construídas em diversos setores da cidade.

Figura 24: Construção da Quadra Poliesportiva no Setor 09
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Quanto às praças, ainda, segundo a Secretaria de Educação, existem três construídas⁵⁷ e algumas em construção. Outra forma de lazer público muito apreciado são as caminhadas para exercitar-se fisicamente pela manhã e no final da tarde. Entretanto a falta de calçadas ou outros locais seguros contribui para que os pedestres caminhem às margens da BR-070 ou das marginais, correndo riscos de serem atropelados.

Para os primeiros moradores, quando as opções de lazer eram mais escassas que na atualidade, o banho nos finais de semana e feriados na "Barragem" do rio Descoberto, que se encontra em área limítrofe entre Goiás e Distrito Federal, era uma das principais opções de lazer que, por ser gratuito, atraía pessoas tanto do DF quanto de Águas Lindas de Goiás, principalmente aqueles remanescentes das classes populares. No presente, a "Barragem" continua muito frequentada, entretanto, perdeu o caráter de principal opção de lazer do município.

Figura 25: Barragem do Rio Descoberto
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

⁵⁷ Principalmente nos arredores das igrejas católicas, dentre elas, Nossa Senhora Aparecida, São Pedro e São Maximiliano.

Outra forma de entretenimento são as bancas de jogos de baralho e dominó comum na cidade. Dentre elas destaca-se a banca de dominó que, há dezessete anos, funciona no estacionamento de bicicletas do sr. Genivaldo Alves da Silva (Zé Trovão), localizado no estacionamento do supermercado Tatico. Neste local, trabalho e lazer são conciliados, uma vez que entre uma corrida e outra, taxistas "batem umas pedras". Funcionários do referido supermercado aproveitam o que resta do tempo destinado ao almoço para também jogar, além de motoristas de caminhões e populares que utilizam o mesmo espaço para realizarem seus negócios, transformando essa área em local de encontro de conterrâneos que, enquanto jogam, usam expressões como "é sua vez Paraíba", "joga Ceará", fazendo alusão à origem dos jogadores que se apropriaram desse espaço público, em cujo âmbito desenvolvem concomitantemente relações de trabalho, lazer e sociabilidade.

Figura 26: Banca de jogo
(Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Isso nos remete aos estudos de Ramos (2001) quando enfatiza a ocorrência do lazer como recompensa ao esforço diário para garantir a sobrevivência.

O lazer colabora no processo de reprodução social da força de trabalho e também age como válvula de escape às pressões do dia-a-dia sobre os indivíduos. Contribui para reforçar a alienação sócio-política e econômica de grandes massas, à medida que possibilita a fuga do cotidiano, ainda que em tempos e espaços muito bem delimitados (RAMOS, 2001, p: 74).

Nesse sentido, os trabalhadores encontram no lazer com hora marcada, oportunidade de sociabilidade e de divertimento em meio à parafernália de produtos a serem vendidos e transportados, de clientes a serem atendidos, enfim, de funções a serem cotidianamente executadas.

Os bares, que, desde o início da ocupação, no município tiveram presença marcante, continuam proliferando, por oferecerem bebidas e música, às vezes ao vivo, além disponibilizarem, em sua maioria, jogo de sinuca. Alguns, na ânsia de conseguirem clientes, devido à acirrada concorrência, auto-denominam-se "ambiente-familiar". Assim, é comum observar a presença de famílias nesses espaços. Caso curioso também são os de homens que, ao retornarem do trabalho no final da tarde ou à noite, detêm-se rotineiramente no bar para tomar cerveja, jogar ou simplesmente conversar. No entanto, esses momentos de lazer não podem alongar-se em decorrência da necessidade de retornarem a seus lares, pois, como a maioria desses trabalhadores exercem suas funções no DF, faz-se necessário dormir cedo para, geralmente, ainda de madrugada deslocarem-se para seus empregos, dando continuidade ao movimento pendular.

Para Rosângela Laudelino Figueira, o bar que possuía no setor 12, a partir da segunda metade da década de 1980 possuía tripla função, pois funcionava ao mesmo tempo como espaço de lazer, de sociabilidade para alguns segmentos da sociedade e de sobrevivência para a proprietária.

[...] As pessoas que frequentavam o meu bar eram fazendeiros. Meu bar não foi feito por mim, mas pelas próprias pessoas, sabe? As pessoas eram bem selecionadas, mas não fui eu que seleccionei. Era gente educada, era ponto de referência, lazer, nos fins de semana. A construção era simples, mas as pessoas eram agradáveis, eram carrões, eu me sentia importante. (Rosângela, 56 anos, paulista. Entrevista realizada em 04/08/2012).

Em sua fala, Rosângela denuncia um problema social presente, inclusive no lazer, que é a questão da segregação. Ao ser utilizado nos finais de semana por pessoas ricas, o bar assumia a função de lazer. No entanto, esta era apenas uma de suas funções:

[...] Durante a semana iam as pessoas mais simples, os caseiros, chacareiros que iam, compravam, levavam para casa. O meu marido era esnobe e eu discutia com ele por causa "daqueles" de final de semana que comprovam caixa de cerveja, mas às vezes vinha, outras não vinha, enquanto os caseiros eram certos e faziam o movimento do mês. No fim do dia, vinham, tomavam uma pinguinha, jogavam uma sinuquinha e iam para casa descansar. Então esse era o certo e não o que vinha no final da semana. (Rosângela, 56 anos, paulista. Entrevista realizada no dia 01/08/2012).

Em seu relato, Rosângela, que é conhecida na cidade por "Rosa do Bar", evidencia a preferência que o esposo tinha pela classe alta, como frequentadores do bar. Em oposição à opinião do cônjuge, Rosa percebia na frequência do consumo realizado pelas classes populares a garantia de sua sobrevivência.

Rosa, que é migrante, porém não é nordestina, foi entrevistada primeiramente por afirmar que os clientes que frequentaram seu bar, principalmente os mais pobres, eram migrantes nordestinos caseiros e chacareiros locais, com os quais teve muito contato durante mais de uma década, e que eram discriminados pelo proprietário do bar quando grupos mais abastados estavam presentes. Em segundo lugar, porque, como afirmou a entrevistada, em um dado momento seu bar

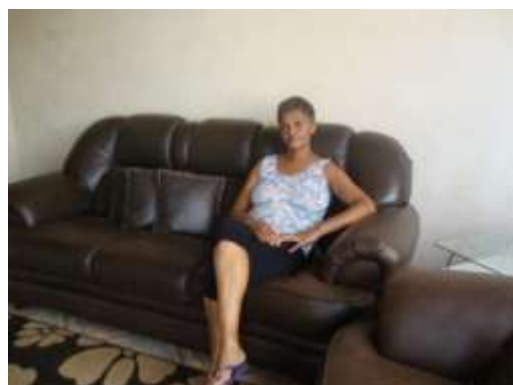
era referência, inclusive porque foi em frente a ele que foi instalado um dos três únicos telefones públicos (orelhões) da cidade, na década de 1990⁵⁸.

Figura 27: Bar da Rosa (1980)



Fonte: Acervo da entrevistada.

Figura 28: Rosa do Bar (Setembro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

No entanto, apesar da simplicidade, o bar provocava uma segregação espaço temporal. Nesse sentido, Bourdieu (2001) afirma que a visão que cada agente tem do espaço, depende de sua posição no espaço que

[...] é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situadas, mais propriedades eles terão em comum; quando mais afastados menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais - no papel - coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas - por opção ou por força - no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico. (BOURDIEU, 2001, p: 155).

⁵⁸ Além do posto telefônico instalado no "bar da Rosa" existiam um no mercadinho no Jaime (setor 09) e um no setor Camping Clube (Monografia: Águas Lindas de Goiás: porque essa cidade que mais cresce no Entorno do Distrito Federal? MONTEIRO, 2003, p. 29).

Assim, fica evidente que embora tanto segmentos da classe alta quanto da classe baixa da época frequentassem o "Bar da Rosa", era o dia da semana (tempo) que determinava que grupo social predominaria (no espaço físico).

Atualmente com o avanço da tecnologia e devido ao fato de que nem todos os lares dispõem de computadores, é frequente crianças, jovens e adultos utilizando as *lan houses*, tanto para o lazer quanto para realização de pesquisas escolares e elaboração de currículos, etc. Essa opção de lazer configura-se como excludente pois é de acesso exclusivo daqueles que dispõem de recursos para pagar por ela.

Os jogos de futebol também são comuns, sendo praticados em campos improvisados (no meio da rua) e/ou em terrenos baldios. Para aqueles que dispõem de maior poder aquisitivo, a quadra de "soçaite" do campo "Gol de Ouro" coloca-se como alternativa, funcionando com dias e horários previamente agendados. Esses jogos também podem ser usufruídos por aqueles que frequentam os clubes recreativos.

Cabe salientar que, quando perguntamos sobre as opções de lazer em Águas Lindas, a maioria dos entrevistados citou os clubes, os bares e o shopping. No entanto, quando se perguntou quais as suas opções de lazer, prevaleceram os bares e as igrejas, o que permite constatar que as opções de lazer existentes e identificadas não são usufruídas por todos.

A análise das entrevistas no tocante ao lazer, "o lazer culto ou individual" como opção não foi mencionado uma única vez. Nenhum dos entrevistados referiu-se à leitura ou as visitas à biblioteca "Cora Coralina" como opção de lazer, pelo contrário. Embora a biblioteca se encontre localizada em uma área central, alguns entrevistados desconheciam sua existência, o que aponta para a ideia de que essa não é a opção de lazer mais apreciada pelos aguaslindenses. Para argumentar sobre essa assertiva, seria necessário realizar uma pesquisa específica, o que não é objetivo do presente trabalho.

3.2. Modificações nas tradições culturais.

Compreender o conceito de cultura é fundamental para enveredar pela análise a respeito de como ocorre o processo de adaptação dos migrantes que se deslocam dos estados nordestinos para Águas Lindas de Goiás, trazendo um conjunto de costumes e tradições que lhes permite sobreviver em um contexto marcado pelo desconhecido e pelas adversidades físico-culturais.

Visando entender essa dinâmica cultural, necessário se fez recorrer aos estudos de antropólogos, que são capazes de explicar melhor como as pessoas constroem sua visão de mundo, seus valores, suas crenças, suas normas de convivência, sua forma de vida, enfim, sua cultura.

Para antropólogos, como Laraia (2001) e Geertz (1989) é no espaço sociocultural que são fixadas as regras sociais de convivência que demarcam as alteridades culturais e que por isso variam no espaço e no tempo. Nesse sentido estudar a cultura de um povo nada mais é do que interpretar um conjunto de códigos e de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

A descrição da cultura local é necessária, pois, sem isso, a interpretação antropológica perde seu sentido, já que se corre o risco de se fazer uma leitura divorciada e/ou distorcida do real, tornando-se, por conseguinte, vazia e sem significados. Nas últimas décadas, os conhecimentos proporcionados pelos estudos antropológicos têm avançado a respeito da compreensão da descendência do homem, que foi sofrendo avanços ao longo da história.

Nessa linha de raciocínio, Ribeiro afirma

O homem se tornou humano a partir da cultura no momento em que foi capaz de transmitir conhecimentos, leis, moral, crenças, costumes, estabelecer regras e sociabilidade e seus descendentes, por meio do aprendizado, o qual, mesmo lento e constante, permitiu alterar de forma tal o homem que o levou a desempenhar o principal papel em sua transformação. (RIBEIRO, 2004, p. 31).

Nesse sentido, pode-se pensar que homens e mulheres nascem incompletos e inacabados, fazendo-se e refazendo-se por meio de formas particulares de cultura, ressignificadas nos diferentes espaços e termos. Nessa situação é comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo espaço físico.

Dessa forma, percebe-se que o homem é um ser cultural e, para compreendê-lo, é necessário conhecer o contexto real e específico onde ele vive. Para se estudar a cultura humana, faz-se necessário investigar um fragmento espaço-temporal em que um conjunto de códigos, de símbolos, de significados e de sentidos foi sendo construído e compartilhado pelos membros de uma sociedade. Assim, surgem as diversidades culturais com implicações práticas nas formas de vida dos seres humanos em geral. Isso significa que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 45).

A necessidade de adaptar-se ao meio fez com que o homem utilizasse a inteligência para exercer a criatividade, mediante os materiais disponíveis, produzindo culturas, às vezes imitando outros povos, às vezes inovadoras. Foi o instinto de sobrevivência e das necessidades cotidianas que o homem foi sendo capaz de romper as barreiras ambientais em diferentes tempos e espaços para transformar a natureza em seu habitat. Mediante diferentes atividades, foi aprendendo, produzindo e adquirindo cultura a partir das necessidades básicas de sobrevivência.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada

cultura. [Nesse sentido] podemos entender o fato de que os indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, a fato de mais imediata observação empírica. (LARAIA, 2001, p. 68).

Percebe-se, desta forma, que as ferramentas que os homens utilizam são produzidas pela cultura, possibilitando o funcionamento da mente humana, que se distingue uma das outras, ao se manifestar nos diferenças modos de comportamento identificados pelas mais diversas características, como as variações linguísticas, os modos de se vestir, de se alimentar, de se comunicar, de viver, de pensar, entre outros. Nesse sentido, o homem vê o mundo por meio da cultura, cuja consequência é a propensão a considerar o seu modo de vida de maneira etnocêntrica, isto é, como o mais correto e natural, o que pode gerar conflitos sociais.

Corroborando esta afirmação, Raimunda diz

[...] Quando eu cheguei aqui, eu estranhei muito, num sabe? Esses negócio de filho chamar os pais de "Tu". Ah! Lá na minha terra se eu fizesse isso eu levava era um tapa nos dentes. E eu ensinei meus dois filhos do jeitinho que eu aprendi com meus pais. (Raimunda, 46 anos, piauiense. Entrevista realizada em 20/06/2012).

O fato de Raimunda ter educado os filhos da forma como foi educada demonstra que para ela esta é a forma correta de os filhos tratarem os pais.

Experiência semelhante de choque com a nova cultura teve Maria do Carmo ao sair da Bahia, ainda pré-adolescente, e ingressar em sua nova escola. Ela relata que:

O meu primeiro dia na nova escola foi traumatizante. Logo no início da aula, a professora (de matemática) falou: - Hoje nós iremos trabalhar com divisão e eu então falei: - Ti-a eu não sei di-vi-dir não. Então a turma começou a rir de mim! Eu fiquei tão

envergonhada que só pensava em mudar de escola. (Maria do Carmo, 34 anos, baiana. Entrevista realizada em 16/08/2012).

Em seu relato, Maria do Carmo denuncia uma das grandes problemáticas enfrentadas pelo migrante, com a qual é difícil romper de imediato, e em alguns casos até impossível, inclusive a longo prazo, que é a questão do regionalismo.

Tratado muitas vezes como elemento discriminatório, o regionalismo adquiriu novo tratamento nos estabelecimentos de ensino nas últimas décadas, onde o discurso de educadores argumenta ser fundamental para o conhecimento e perpetuação da cultura de determinada sociedade.

Segundo Ribeiro (2004), pelo processo de trabalho, o homem é socializado e adquire uma cultura que lhe fornece os instrumentos técnicos, os sistemas de signos e, conseqüentemente, a linguagem, recurso imprescindível para a transmissão e conservação da cultura.

Ao migrante, é imposto a necessidade de mudar o modo de ver os mundos interno e externo, ressurgindo daí novos valores que vão orientá-lo a se organizar no novo ambiente, o que depende, em parte, da forma como o migrante sente-se recebido pelo novo grupo. Quando há receptividade, mediante demonstrações de aceitação e confiança por parte do novo grupo, o indivíduo sente-se livre para praticar sua cultura e/ou assimilar uma nova com mais facilidade. Em contrapartida, sentimentos de desprezo, desconfiança e intrusão dificultam o processo de adaptação do indivíduo, concomitantemente com o reenraizamento, podendo culminar com a migração de retorno.

Interessante ressaltar que na maioria das vezes estes migrantes tiveram que passar pelo processo de (re)enraizamento anteriormente, pois a Maria dos entrevistados saíram do nordeste para São Paulo, Minas Gerais ou outros estados, chegando posteriormente a Brasília e a Águas Lindas de Goiás. Nessa linha de raciocínio, Ribeiro frisa que: "desenraizados de sua terra, muitos migraram por múltiplos lugares, viveram experiências de deslocamento que os coloca numa situação de desgarrados. A alternativa a essa situação é conseguir um pedaço de terra na periferia das cidades e construir um barraco". (RIBEIRO, 2001, p: 16).

Nesse sentido, o (re)enraizamento funciona como um paleativo para o desenraizamento causado pelo abandono do estado de origem. Para Arendt (2002), o desenraizamento é uma cruel doença provocada pelas múltiplas e dolorosas experiências de migração, expulsão, desemprego e exclusão a que o homem é submetido a ponto de abalar sua estrutura físico-psicológica.

Para o migrante, o enraizamento é facilitado pela liberdade de continuidade de suas tradições, algumas delas mescladas de representações do espaço rural. Exemplifica essa situação, Raimundo Nonato que embora resida no espaço urbano de Águas Lindas, cria no quintal de sua casa galinhas, patos, perus, dentre outros, como forma de manutenção dos costumes da casa paterna.

Figura 29: Raimundo alimentando suas galinhas (Outubro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Caso semelhante é o das famílias que, após as primeiras chuvas, entre os meses de outubro e dezembro, plantam em seus quintais feijão, milho, mandioca, embora o solo seja "fraco", como afirma o senso comum, numa tentativa de relembrar o período em que trabalhavam na roça. É diante desse contexto que Le Goff afirma: "[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos

indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia" (LE GOFF, 1996, p. 476).

Por outro lado, para permanecer no local de destino escolhido, o migrante deverá passar por um processo de adaptação, que não necessariamente exige o rompimento definitivo com suas antigas raízes, mas sim a conciliação destas com novos costumes. Nesse processo de produção cultural, tornou-se tradicional, em Águas Lindas de Goiás, a realização anual do "rodeio", no mês de maio, que atrai pessoas tanto da cidade como do DF e Entorno. Esse evento, que funciona como lazer e manifestação cultural consiste em medir o tempo de permanência dos peões em cima de touros, sendo considerado vencedor aquele que permanecer mais tempo. Além da competição entre peões nessa festa, também são vendidas comidas típicas das cinco regiões brasileiras, com pessoas desfilando, muitos nordestinos, normalmente trajando blusas e/ou camisas xadrezes, calça ou short jeans, botas e chapéus, embaladas pela música sertaneja.

Percebe-se, assim, nesse processo, uma tentativa de adaptação do migrante ao espaço, ao experimentar pratos da culinária das outras regiões, ao optar por um vestuário que não lhe era muito familiar, como a bota, devido ao excessivo calor de sua região de origem, além do apuramento auditivo que substitui, nesse momento, o forró, o reggae, enquanto ritmo e dança, pelo sertanejo e o country, respectivamente.

Figura 30: Descendentes de nordestinos em apresentação country (Abril-2011)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

A figura 30 representa descendentes de migrantes nordestinos após apresentação da dança country no Colégio Estadual Águas Lindas de Goiás (2010), numa clara demonstração de assimilação cultural realizada principalmente pela segunda geração desse grupo. Assim, alguns Colégios Estaduais e Municipais propagam, mediante realização de feiras culturais, conhecimentos sobre a cultura brasileira, inclusive da região nordeste, contribuindo para sua perpetuação através da educação. Essas ocasiões são propícias para a degustação de pratos típicos, que alguns nordestinos não excluíram de seu cardápio diário, conforme relata Genivaldo (Zé Trovão):

[...] Em casa a muier faz angu com rapadura, cuscuz com leite ou com carne, buchada, maria zabé, baião de dois, mucunzá, feijão de corda. Eu gosto muito da comida do nordeste. (Genivaldo, 52 anos, pernambucano. Entrevista realizada em 19/10/2012).

Embora o migrante se encontre inserido em uma nova cultura e tente adaptar-se a ela, é impossível apagar os vestígios culturais herdados da terra de origem, adquiridos na convivência diária com seus compatriotas.

A realização de atividades que promovam encontros de conterrâneos são excelentes oportunidades para se reforçar os laços culturais. Nesse sentido, Gonçalves (2001) chama a atenção para o fato de que [...] é necessário resgatar a história e a cultura dos migrantes, seja em termos coletivos ou individuais. É necessário trabalhar pela aceitação do outro, do estranho, do diferente; abrindo espaços onde os distintos grupos de pessoas possam se manifestar, sem cair num saudosismo ineficaz; valorizando as expressões culturais e religiosas, fazendo delas novos instrumentos de readaptação e de luta. (GONÇALVES, 2001, p: 08).

Nesse contexto surge a figura do sr. Newton Pereira, 62 anos, zelador, residente no setor Recreio da Barragem em Águas Lindas de Goiás, desde 1996. Muito conhecido e respeitado no referido setor por ser uma pessoa ativa, Newton procura manter, dentre outras tradições, a folia do "Bumba-meu-Boi", importante

festa popular maranhense. De acordo com Bosi (1994) "[...] os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.

Sendo assim, o sr. Newton mobiliza a vila onde mora, que ele denomina "Condomínio Maranhense", pois, no seu imaginário, esta é a denominação mais adequada por tratar-se de um espaço urbano na periferia da cidade onde moram somente maranhenses, principalmente migrante oriundos de São Luís - MA. No mês de junho Newton prepara, com a ajuda da comunidade da vila a festa junina que, segundo ele, gostaria que fosse igual à de São Luís e, parecendo visualizar a cena, relata

[...] Minha vontade era fazer aqui igual lá em São Luís. Quando chega a época das folias, de 23 a 30 de junho, com os festejos juninos, bumba-meu-boi, curuá, dança portuguesa, dança da fita. Tudo é bonito, bem enfeitado e tem até concurso. [...] As fogueiras de Santo Antônio, quebrar a cabeça da pato, a dança do saco, ovo na colher, assar batata e mandioca na fogueira, os parentes veem de outros setores e cidades para ver a festa (Newton, 62 anos, maranhense. Entrevista realizada em 21/10/2012).

Para Newton, esses momentos servem para amenizar a saudade do Maranhão, mais especificamente de São Luís, e para reunir os maranhenses que têm conhecimento da festa. Newton relatou também que mantém a tradição de matar o Judas no sábado de aleluia e que organizou um time de futebol para as crianças e outro para os adultos, cujos jogadores são em sua maioria maranhenses (de São Luís) e piauienses. Entretanto, uma de suas preocupações, além de conseguir patrocinadores, é a de que a tradição do bumba-meu-boi não tenha continuidade em Águas Lindas de Goiás.

[...] Aqui eu já fiz apresentações em colégios, sempre eu faço. Só não faço mais porque não tem pessoas para me ajudar⁵⁹.

⁵⁹ Para a realização das apresentações são necessárias duas pessoas caracterizadas de bois.

Só tem um filho que me ajuda. Não tem gente para fazer, para ajudar na organização. Se eu pudesse, eu trazia gente de lá de São Luís para fazer apresentação aqui pra ver se eles se animam. Eles têm vergonha, acham que é zuada, chamam de macumba. Mas é minha tradição, eu gosto alegria. Eu escuto as músicas (do bumba-meu-boi) até tarde. (Newton, 62 anos, maranhense. Entrevista realizada em 21/10/2012).

Figura 31: Newton caracterizado para folia do bumba meu boi (Novembro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Figura 32: Bumba-meu-boi (Novembro-2012)



Fonte: Acervo de Francisca das C. S. Monteiro.

Enquanto concedia a entrevista, Newton colocou no aparelho de DVD músicas que são utilizadas durante as apresentações do bumba-meu-boi e às vezes parava de responder e com olhar distante, cantarolava um pequeno trecho da música e continuava respondendo às indagações.

Quanto à questão da falta de continuidade da tradição pelos filhos, cabe ressaltar que os costumes mantidos por Newton são reminiscências de uma cultura rural e que, portanto, são desprovidas de significados para jovens que habitam a zona urbana e que não viveram essas manifestações. No entanto, conforme relato, um dos filhos herdará a tradição e, quiçá, possa transmiti-la a outros, pois, de acordo com Bosi, "a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos" (BOSI, 1994, p: 90).

No tocante à falta de patrocínio para realização dos eventos, a Constituição brasileira, em vigor desde o dia 05 de outubro de 1988, na Seção II,

artigo 215 declara que "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2002, p: 124). A referida Carta Magna acrescenta ainda no parágrafo 1º do citado Artigo que O Estado protegerá as manifestações das culturas como a idealizada e liderada pelo senhor Newton, onde faltam instrumentos como pandeiro, matraca, maracá, para a folia do bumba-meu-boi, além de uniforme e bolas, para o time de futebol, que, segundo o senhor Newton, os políticos prometem doar, mas não cumprem a promessa.

3.3. A Migração de retorno

De acordo com o censo (2010), um novo fenômeno relacionado ao migrante tem se tornando frequente na última década. Trata-se da "Migração de Retorno", ou seja, brasileiros que haviam migrado de suas respectivas regiões para outras áreas do país, mas que optaram por retornar aos seus estados nos últimos anos. Historicamente, a região Sudeste do Brasil, principalmente o Estado de São Paulo, foi o principal destino dos imigrantes. Entretanto, além da diferença em relação às demais regiões estar caindo, percebe-se que alguns estados não conseguem reter seus imigrantes em decorrência de vários fatores, como a escassez da oferta de empregos que os faz migrar novamente para cidades menores⁶⁰, para outros estados ou retornarem para seus estados de origem.

E notório ressaltar que o estado de Goiás, embora ocupe a terceira (3ª) posição quanto ao recebimento de migrantes, não aparece entre os que favorecem a emigração, contribuindo para transformar o Centro-Oeste na região que mais retém seus imigrantes.

De acordo com pesquisa da PNAD (2009), a região nordeste do país, tanto em 2000 quanto em 2010, apresentou as maiores proporções de retornados

⁶⁰ No caso de São Paulo, dentro do próprio Estado, como Campinas e Ribeirão Preto.

quando comparados com as outras regiões do país, sendo o Ceará (43,6%) o estado que apresentou o maior número de migrantes retornados no país.

Para o migrante, a migração de retorno significa a oportunidade de voltar às raízes, de trilhar o caminho contrário que no passado a necessidade o fez percorrer, em busca de melhores condições de vida. Entretanto, para o migrante, a questão do retorno não é vista de forma homogênea, uma vez que não pode ser tratada de forma isolada, por existirem fatores de ordem econômica, social e emocional envolvidos.

No caso específico dos migrantes agualindenses, cabe ressaltar algumas peculiaridades inerentes à faixa etária e grau de escolaridade que influenciam diretamente na questão do retorno. Entre os remanescentes da primeira onda migratória, ou seja, os pioneiros do processo de formação da cidade, existe um consenso quanto à permanência na cidade, opondo-se veementemente à migração de retorno, como pode ser constatado na fala de Mariano Farias (aposentado) ao responder a pergunta: o senhor pensa em voltar para sua cidade de origem?

[...] Nunca na vida, porque de lá eu já vim. Ela é boa: eu aqui e ela lá. Agora mesmo eu fiquei lá oito (08) dias. Eu ia mais ou menos de quatro (04) em quatro (04) anos. A 1ª vez, fiquei vinte e cinco (25) anos sem ir lá. Eu vim pra cá me arrumar, vim me arrumei, o que é que eu vou fazer lá? Eu vim porque eu acreditei. (Mariano, 84 anos, paraibano. Entrevista realizada em 28/09/2012).

Resposta semelhante foi concedida por Antônio (aposentado), ao responder o mesmo questionamento.

[...] Quando eu cheguei, eu pensei que com dez (10) anos eu voltava pra minha terra. Mais quando eu passo quinze (15) dias lá, eu quero voltar. Hoje tá mais ruim porque os parentes que tem lá longe, nem liga pra ninguém. Eu passei dois (02) anos sem ir lá, desta vez passei quatorze (14) anos. (Antonio, 76 anos, cearense. Entrevista realizada em 02/08/2012).

Independentemente do gênero, percebe-se que as respostas dos entrevistados possuem caráter analógico.

[...] Não, eu nunca pensei em voltar pra lá. Eu acho que não me acostumo mais não. Eu não aguento passar nem quinze (15) dias lá. É daqui pra frente. Quando eu voltei, lá tinha dezoito (18) anos que eu não ia. Só fui quando meu pai estava entre a vida e a morte (há 12 anos atrás). Nunca mais voltei lá. (Raimunda, 46 anos, piauiense. Entrevista realizada em 20/06/2012).

Das dezoito pessoas entrevistadas, cinco são pioneiras e foram unânimes em afirmar que não cogitam a possibilidade de realizarem a migração de retorno. Pelos relatos é possível perceber que, para o migrante pioneiro, a migração de retorno remete-o às lembranças da ruptura com os laços afetivos compartilhados com a família deixada para trás no momento da partida. Quando os membros mais próximos da família, como pai, mãe, irmãos já não existem mais, retornar é insignificante e até doloroso, como argumentou. Onilda de Jesus (67 anos, baiana) que não voltou para a Bahia nem quando a mãe faleceu, porque só ficou sabendo do acontecido três (03) meses depois, diz que atualmente não existe nada que a atraia para Sudrelândia - BA, sua cidade de origem.

Outro fato que chama a atenção é a pouca frequência com que esses migrantes visitavam seus estados de origem, devido constituírem mão-de-obra ativa na época⁶¹, mas principalmente em decorrência dos escassos recursos financeiros que, na maioria das vezes, impossibilitavam a viagem conjunta da família.

Diferentemente dos pioneiros, os representantes da segunda onda migratória até tencionam um possível retorno, principalmente entre aqueles que estão próximos de se aposentarem. Entretanto esses argumentaram que retornarão se os filhos os acompanharem, o que é pouco provável, uma vez que seus descendentes ou nasceram ou foram criados em Águas Lindas, tendo das cidades nordestinas de seus pais lembranças e impressões adquiridas durante viagens a

⁶¹ Atualmente, todos os pioneiros entrevistados são aposentados.

passeio realizadas a essas, insuficientes para produzirem as mesmas relações afetivas dos pais.

Esses jovens encontram-se, em sua maioria, inseridos no mercado de trabalho, desejo que motivou a migração dos pais no passado com famílias constituídas ou em processo de constituição, residindo em casas próprias ou planejando sua aquisição; conquistas que para os filhos dos migrantes têm ocorrido prematuramente quando comparadas às realizações dos pais. Para esses jovens, nesse momento, realizar a migração de retorno seria andar na contramão do processo migratório realizado por seus progenitores há duas ou três décadas atrás. Assim, se os filhos não os acompanham, os pais na maioria das vezes também não realizam a migração de retorno.

Entre os entrevistados da terceira onda migratória, constata-se que a migração de retorno, diferentemente do que ocorre com os pioneiros, não está fora de cogitação, pelo contrário, por serem mais jovens e possuírem familiares em seus estados de origem, inclusive pais, mães e irmãos, essa migração apresenta-se como uma possibilidade futura, desde que concretizados alguns objetivos previamente traçados, como afirma Jelma:

[...] Eu já pensei em voltar, pela saudade, porque eu nunca esqueci do meu lugar e pela facilidade. Hoje tudo é mais fácil. Mais eu tenho medo de não me acostumar. Mais também por causa da família. Toda minha família está lá e também por causa de meus filhos. Eu queria que eles tivessem a infância que eu tive. Não voltei porque eu tenho medo de chegar lá pensando que é uma coisa, fico nessa expectativa e não dá certo. Eu também quero construir uma casa lá primeiro e ser servidora pública efetiva. (Jelma, 38 anos, maranhense. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Em seu relato Jelma impõe condições para praticar a migração de retorno, que é voltar somente após realização do sonho que a trouxe a Águas Lindas, que era ingressar na Universidade e ser aprovada em concurso público.

Corroborando essa ideia, Raimundo (37 anos) afirma que também pensa em votar para Turiacu-MA, quando tornar-se funcionário público, caso

contrário permanecerá em Águas Lindas. Entre os migrantes da terceira onda, é maior a frequência com que viajam para suas cidades, quando comparados aos da primeira e segunda onda, no nordeste, em média de dois (02) em dois (02) anos.

Entre os entrevistados da terceira onda migratória, a migração de retorno é dificultada por fatores como os baixos salários pagos nas cidades interioranas do nordeste ou o fato de se ter constituído família com um cônjuge que não é nordestino, como argumenta Elivânia:

[...] Nos começos eu pensava em ir, ma depois eu fui me acostumando. Eu dizia: não, já que eu vim pra cá, eu tenho que ficar aqui mesmo. Hoje eu ainda penso, mais meu esposo, que é do Tocantins, não quer ir, até hoje ele nunca foi. Ele diz que pode ir passear, mas morar, não. (Elivânia, 30 anos, pernambucana. Entrevista realizada em 26/09/2012).

Mediante as entrevistas, percebemos que os migrantes continuam morando em Águas Lindas motivados por questões distintas, pois, enquanto para Elivânia a família constituída na cidade funcionou como fator de enraizamento, para Ana Cláudia (27 anos) é o fator econômico que determina sua permanência na cidade ao relatar que a qualidade de vida no nordeste é boa, mas o ganho é pouco. Assim, constata-se que, salvo algumas exceções, Águas Lindas segue a tendência do Centro-Oeste e de Goiás de reter o migrante em seu território, que procura moldá-lo e adaptá-lo às suas necessidades.

Dessa forma, gradativamente o migrante nordestino vem inserindo-se em todos os setores produtivos e sociais da cidade, inclusive no político. Nas últimas eleições municipais (2012), dos onze vereadores eleitos, nove são representantes legítimos dos migrantes nordestino, cuja eleição pode contribuir para, ao menos em nível local, solapar a estigmatizada imagem do migrante historicamente perpetuada como integrantes das minorias, pois em Águas Lindas de Goiás, quantativamente, eles são maioria absoluta, responsáveis diretos pela ocupação do passado, construção do presente e planejamento do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da história das "minorias", daqueles personagens que durante séculos ficaram à margem dos registros da história oficial, buscou-se ampliar os conhecimentos a respeito da história de vida das pessoas, a fim de conhecer e compreender o contexto histórico em que ocorreram os fluxos migratórios dos nordestinos que chegaram, no período que se estende da década de 1980 a de 2011, ao município de Águas-Lindas de Goiás contribuindo diretamente para seu processo de formação e de desenvolvimento geopolítico e socioeconômico.

Os estudos proporcionados pela História Nova oferecem a possibilidade, por meio das histórias oral e de vida, de se reconstituir importantes fases da história das minorias, neste estudo, formada por imigrantes nordestinos, que chegaram à região quando ainda era constituído basicamente por fazendas dispersas, seu valor afetivo se sobrepunha ao econômico, por serem geralmente áreas improdutivas, onde o lazer constituía uma de suas principais utilidades. Resgatar essa história significa conhecer e divulgar, por meio de registro, como gradativamente, a cidade foi sendo construída e como migrante nordestino atuou ativamente como o agente social e protagonista desse processo, principalmente a partir da década de 1990, quando juntamente com outros segmentos da sociedade em formação, viram-se engajados na luta pela emancipação política do município.

Nesse sentido, o estudo que tinha como objetivo compreender como ocorreu a formação e o desenvolvimento de Águas-lindas de Goiás na concepção do migrante, possibilitou conhecer quando os primeiros imigrantes começaram a ocupar esse espaço, suas motivações para realizarem as migrações, bem como caracterizar as principais ondas migratórias realizadas.

As descobertas oriundas desse estudo foram variadas e surpreendentes. A primeira delas foi constatar que, ao contrário do que se supunha, nem todos os nordestinos que fixaram residência nesse município tiveram como destino inicial o Distrito Federal. Conforme revelado pelas entrevistas, dentre os remanescentes da primeira onda migratória, existiram aqueles que vieram diretamente para Águas-lindas para atuarem como chacareiros, vaqueiros ou mão-de-obra diversa nas chácaras e fazendas locais.

Outra descoberta relevante refere-se ao fato de que dentre os migrantes pioneiros entrevistados, existiram aqueles que ganharam lotes no DF, fruto da política habitacional de alguns de seus governos, em cidades satélites como Taguatinga e Gama, mas que em decorrência da especulação imobiliária que acometeu essas e outras áreas, esse migrantes beneficiados optaram por vender seus respectivos lotes, passando a residir em cidades do Entorno do DF, entre elas Águas-Lindas de Goiás. Essa constatação evidencia que nem todas os imigrantes nordestinos atualmente residentes em Águas-Lindas, principalmente os que contribuíram para a construção de Brasília, ficaram desprovidos de casas próprias doadas pelo governo do DF, pelo contrário receberam-nas, porém, posteriormente acabaram desfazendo-se desse imóvel.

Verificamos ainda que para esses pioneiros, morar no DF não constituiu uma de suas principais perspectivas. Declaram-se satisfeitos com o que conseguiram obter até o presente momento. consideram-se no atual contexto, mais cidadãos agualindenses do que candangos, em virtude da quantidade de anos em que residem no município e da função social que desempenham. Entretanto, para seus descendentes, principalmente os netos(as), que pela faixa etária brasileira fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA), anseiam residirem no DF, onde, em sua maioria estudam, trabalham e mantêm algum ciclo de amizade que os faz sentir, embora teoricamente pertencentes a esse espaço. O imaginário desse jovem é permeado pela ideia de que morar no DF é sinal de status.

Dessa forma, esse estudo acabou sendo um importante instrumento de análise histórica. Possibilitou a compreensão de problemas que atingem uma parcela significativa da população migrante agualindense, como é o caso das formas de sociabilidade e a questão do trabalho, que se configura como uma das mais importantes, considerada fator fundamental para o (re)enraizamento do migrante e elemento que dificulta a migração de retorno.

No transcorrer da pesquisa, percebeu-se que, durante as quatro décadas enfatizadas, o objetivo do migrante foi contribuir para transformar Águas-Lindas em um local provido de condições que pudessem garantir sua sobrevivência, uma vez que retornar para o nordeste ou para o DF estava fora de cogitação, pois

essas funcionaram, cada uma com sua especificidade, como áreas de repulsão para esse migrante.

A pesquisa empírica também possibilitou constatar que o trabalho, enquanto elemento (re)enraizador para o migrante, também conduziu-o à formação de um grupo de trabalhadores ambulantes semi-organizados que resolveram lutar contra as adversidades provocadas pelas gestões municipais, para continuarem garantido seu próprio sustento e o de sua família. Uma luta travada nos bastidores das relações sociais e desconhecidas pela maiorias da população local.

Percebemos pelas entrevistas realizadas e pela observação participativa que esse grupo de migrantes, consciente ou inconsciente, ousaram, mediante uma atitude desafiadora, continuar realizando suas atividades comerciais nas proximidades ou nas mesmas áreas de onde foram retirados, motivados pela organização social que os levou a lutar por um objetivo comum: a defesa de seu meio de sobrevivência.

Através das entrevistas foi possível perceber que o migrante, em seu cotidiano também faz uso do lazer como forma de sociabilidade. Entretanto, para alguns, esse lazer encontra-se restrito a atividades como fazer compras, praticar exercícios físicos, frequentar bares, igrejas ou o shopping local, embora no caso desse último, nem todos tenham condições econômicas de consumirem seus produtos em decorrência do baixo poder aquisitivo. Essas visitas ficam restritas à observação de vitrines.

Concluimos, pelos relatos dos entrevistados, que outro problema enfrentado pelos migrantes nordestinos é a manutenção das tradições culturais em um ambiente onde prevalece a miscigenação étnica e principalmente regional do povo brasileiro. Percebemos que, apesar da convivência com migrantes provenientes de outros estados da federação, como mineiros, paulistas, cariocas e goianos, dentre outros, o migrante nordestino procura desenvolver mecanismos de preservação cultural através da culinária e das festas populares. No caso dessa última, a pesquisa apontou que existe uma preocupação por parte de seus realizadores no sentido de que elas não são valorizadas pelos descendentes dos migrantes nordestinos. Em primeiro lugar, do nordestino e não de seus filhos, Em

segundo lugar, porque essa tradição denuncia a origem dos pais, fato que muitos jovens aguaslindenses fazem questão de esquecer.

Quanto à migração de retorno cabe salientar que os nordestinos entrevistados não demonstraram o desejo de realizá-la por dois motivos específicos: por não se sentirem parte integrante daquela sociedade e por não serem capazes de deixar seus filhos em Águas-Lindas e voltarem a morar no nordeste. O que eles querem é morar próximo aos filhos e continuarem contribuindo para o desenvolvimento das cidades que ajudaram a construir, porém, agora, com o auxílio da geração que a viu nascer e daqueles que nasceram juntamente com ela.

Esperamos, finalmente, que este trabalho possa contribuir para novas pesquisas a respeito do papel do migrante nordestino na formação e, quiçá, no desenvolvimento de Águas-Lindas de Goiás. Essa contribuição pretende estimular novos estudos que tratem dessa categoria de análise e que pretendam desmistificar as concepções do senso comum que são propagadas a respeito dessa jovem cidade do interior goiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Águas Lindas de Goiás. Retrospectiva 1997/2000.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes** (4ª edição revisada). 4. ed. São Paulo/ Recife: Cortez/ Massangana, 2009. v. 2.000. 340.

ARENDT, Hannah. **O que é Política?** tradução de Reinaldo Guarany. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras - **Usos e Abusos da História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BOSI, Ecléa. **Cidades: Espaço e Memória**, In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania / DPH. São Paulo: DPH, 1992.

_____, **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos** - 3º Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**; tradução. Fernando Tomaz - 4ª ed. - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, Fernando Gomes. **Novos Padrões da Migração no Brasil: Um Estudo do Perfil Socioeconômico dos Migrantes Internos entre 1980 e 2000**. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

BRASIL. **Constituição de 1988 - República Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal**. Centro Gráfico, 2002.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade e História**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) Cidade: História e Desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

BURITI, Joanildo A. **Cultura e Identidade: perspectivas** - Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BURKE, Peter. **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo. UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. - São Paulo; Companhia de Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____, Michel de. **A verdade entre a ficção e história**. In: SERPA, Elio Catalício (org.) Narrativas da modernidade: história, memória e literatura. Uberlândia; EDUFU, 2011.

CHARTIER, Rogar. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa, Difel, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral - **Memória, tempo, identidades**. - 2ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica: Memória, identidade e representação** - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O ato Fotográfico**. 5ª ed. São Paulo: Papyrus, 1993.

ERNEST, Mandel. **Delícias do Crime: história social do romance policial**. - São Paulo: Busca Vida, 1988.

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios: História da Imigração** - São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Doogan, 1989.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: Evoluções e Desafios. **Revista do Migrante**, Porto Alegre - RS, 2001.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Brasília: a capital da segregação e do controle social - uma avaliação da ação governamental na área da habitação.** São Paulo: Amablume, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** RJ: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução: Laurent Léon Schaffter. 2º ed. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo - SP, 1990.

HARTOG, François. **As Histórias Como Representação.** In: HARTOG, François. O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HASSE, Geraldo. **Meus caros pais: uma trajetória migrante.** in: Migração e identidade - Olhares sobre o tema. São Paulo, Centauro Editora, 2007.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** 4ª ed. São Paulo; Paz e Terra, 1992.

HONSBAWN, E.J (org.) **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1984.

IZILDA, Maria

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** São Paulo: Contexto, 2001.

Jornal "O Descoberto" - Santo Antonio do Descoberto - Abril, 2004, p. 11.

Jornal "O Descoberto" - Santo Antonio do Descoberto - Abril, 2005, p. 9.

Jornal "O Descoberto" - Santo Antonio do Descoberto - Maio, 2010, p. 10.

Jornal "O Descoberto" - Santo Antonio do Descoberto - Março, 2011, p. 13.

KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins, **Semeando Cidades e Sertões: Brasília e o Centro-Oeste - Goiânia:** Ed. da PUC - Goiás, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** 14ª ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, Unicamp. 1996.

LEAL, Kim Ir Sen Pires. **Fotografias de Águas Lindas de Goiás**, 8,39 cm x 12,93 cm, [197?].

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Editora UFMG. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte, 1999.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes e MORAES, Nilson Alves de (Org.) **Memória e Construções de Identidade**. - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LOVISOLO, Hugo. **A Memória e a Formação dos Homens**. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989.

LUIZ, Edson Beú. **A Desconstrução do Espaço Físico e Cultural dos Filhos dos Candangos**. In. KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins, Semeando Cidades e Sertões: Brasília e o Centro-Oeste - Goiânia: Ed. da PUC - Goiás, 2010.

MATA Roberto da; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.) **A Violência Brasileira**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1982.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho** - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

METHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral** - 2ª Ed. Loyola - Ipiranga - SP, 1988.

MONTALVÃO, Kátia. **Recompondo Memória e Tecendo História: A História Local Revisitada na Trajetória da Fundador da Cidade de Montalvânia**. 2001. 213 f. Dissertações (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2001.

MONTEIRO, Francisca das Chagas Sobrinho. **Águas Lindas de Goiás: Porquê esta é a cidade que mais cresce no entorno do Distrito Federal**. Monografia de Graduação do Curso de História da UCG, Goiânia, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revistada**.

MORAES, Olga Rodrigues de. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. Campinas - SP. 2000.

MOYSÉS, Aristides. **Cidade, Segregação Urbana e Planejamento**. - Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

NORA, Pierre. **Entre História e Memória: A Problemática dos Lugares**. Projeto História, São Paulo, 1993.

NUNES, Heliane Prudente. **A Imigração Árabe em Goiás**. Goiânia: Ed. da UFG, 2000.

ODALIA, Nilo. **O que é Violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OJIMA, Ricardo; PEREIRA, Rafael H. Moraes; SILVA, Robson Bonifácio da. **Cidades-dormitórios e a mobilidade pendular: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socio-ambientais?** 2008. 293. f. Dissertação (mestrado em Demografia), Universidade de Campinas (UNICAMP), 2008..

OLIVEIRA, Cleide Souza. LOPES, Francisco Jarleno S. Crescimento Populacional da Cidade de Águas Lindas de Goiás, suas consequências sociais para o Distrito Federal. **Rev. Caminhos da Geografia**, Uberlândia. V. 9. nº 27. disponível: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 06 de maio de 2012.

ORTIF, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. Editora Brasiliense S.A, São Paulo, 1985.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. - São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Nova História Cultural Existe?** In: LOPES, A.; VELOSSO, M.PESAVENTO, S. História e Linguagens. RJ: casa de Rui Barbosa, 2006.

_____, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 25, nº 53, 2007.

_____, Sandra Jatahy. História, Memória e Centralidade Urbana. **Revista Mosaico**. Goiânia. v. 1, 2008.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, 1989.

QUEIROZ, Eduardo Pessoa de. **A Formação Histórica da Região do Distrito Federal e Entorno**: os três municípios gênese. In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 12, 2007, Belém-Pará: Brasil, 2007. p. 1-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do "indizível" ao dizível. Experimentos com História de Vida. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 1988.

RAMOS, Márcia Eliane. **O Lazer como Expressão de modo de Vida**. In: CAVALCANTI, Lana de Sousa (Orgs.) Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

REVORÊDO, Júlio de. **Imigração**. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

RIBEIRO, Hidelberto de Sousa. **O migrante e a cidade**: dilemas e conflitos. Curitiba: Wunderlich, 2001.

RIBEIRO, Marilene Marzari. **Memória de Migrantes**: Onde Viver o Fazer Faz o Saber. 2004. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Espaço **Urbano e Memória do Trabalho**: Belém nos Meados do XX. In. Populares na Cidade: Vivências de Trabalho e de Lazer. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (org.) - João Pessoa: Ideia, 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. 3ª edição, São Paulo. Editora Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associado; 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Oscar Niemeyer por Nelson Werneck Sodré**, Rio de Janeiro, Graal, 1978.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a Violência**. - São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Populares na Cidade**: Vivências de Trabalho e de Lazer (org.) - João Pessoa: Ideia, 2011.

SWAIN, Tânia N. **Identidade, para que te quero?**In: Gonçalves, Ana Teresa et all (orgs.)Escritas da História: intelectuais e poder. Goiânia; Editora UCG, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: história oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP-Brasil, 1981.

TRINDADE, Disceu. **Planos Diretores**: A Experiência de Águas Lindas de Goiás - Goiânia: Ed, da UCG, 2003.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.) Cidadania e Violência, 2ª ed, **rev. Rio de Janeiro**: Editora UFJR, Editora FGV, 2000.

VILLAS BÔAS, Orlando e Cláudio. **A Marcha para o Oeste**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1994.

WHITACKER. Arthur Magon. **Cidade Imaginada, Cidade Concebida**. In. SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER. Arthur Magon (Orgs.) Cidade e Campo: Relações e contradições entre urbano e rural.

WOORTMANN, Ellen Tensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiante do nordeste. São Paulo - Brasília: HUCITEC/EDUNB, 1995.